

Julho 2022

MESTRADO EM INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS

TRABALHO DE PROJETO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

DE

Ana Cristina Silva Pacheco, 2020084

ORIENTAÇÃO

Doutora Irene Cortesão



PAULA
FRASSINETTI

AGRADECIMENTOS

Com a finalização deste Trabalho de Projeto, encerra-se também mais um capítulo da minha vida acadêmica, assim não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta etapa tão importante da minha vida pessoal e acadêmica.

Em primeiro lugar, à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti onde efetuei o Mestrado, bem como a todos os professores que contribuíram para o meu sucesso acadêmico.

Quero agradecer em especial à Professora Doutora Irene Cortesão pelo ótimo acompanhamento e aconselhamento na realização do trabalho de projeto, visto que sem a sua orientação não estaria a concluir e a fechar mais um capítulo acadêmico.

Segundamente, aos restantes professores e colegas de Mestrado que de forma direta ou indireta, através das suas aulas, seminários ou conversas, ajudaram a que construísse o caminho até chegar ao tema escolhido, para que fosse algo que eu realmente me sentisse realizada a fazer. Para além disso, ensinaram-me a ter outro tipo de exigência comigo própria e com os outros o que irá ser muito útil na minha vida tanto profissional como pessoal.

Aqui presto também o meu profundo agradecimento ao Diretor e ao Adjunto do Diretor do Agrupamento em que realizei a parte da investigação pela forma prestável como me receberam e pela oportunidade que me deram de implementar o projeto neste contexto. Para além disso, a todos os auxiliares que tiveram um papel essencial para garantir que tudo corresse pelo melhor nas atividades e na minha passagem pelo contexto.

Estarei eternamente grata às crianças do 5º e 6º ano que participaram e tiveram um papel muito ativo no grupo de discussão focalizada, o que me permitiu recolher a informação necessária para este trabalho.

Por último, mas não menos importante, agradecer à minha colega e amiga Mariana Martins, pela cooperação, compreensão, amizade e motivação ao longo destes 2 anos e principalmente durante a realização do Trabalho de Projeto.

À minha amiga Carolina Silva, também pela amizade, disponibilidade, carinho, ajuda e por me fazer acreditar que sou capaz!

Finalmente, à minha família, pai, mãe e irmã por me tentarem dar sempre as melhores oportunidades sem me deixarem desistir dos meus objetivos. Também ao meu

namorado, pelo apoio incondicional e pelo orgulho que demonstrou ter em mim em todo este percurso.

Por fazerem com que me tornasse a pessoa que sou hoje, mais segura das minhas capacidades, mais concretizada e acima de tudo mais feliz, o meu muito obrigada!

RESUMO

A participação das crianças tem vindo a assumir maior destaque nos discursos educativos. No entanto, os discursos que se analisam e as práticas nem sempre são consistentes.

Este trabalho de projeto debruça-se, assim, sobre as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar. Neste sentido, a recolha de dados empíricos foi efetuada junto de uma Escola Básica, com uma metodologia qualitativa, através de uma análise de conteúdo realizada através de entrevistas a duas professoras do 2º ciclo do ensino básico, entrevistas a dois elementos da direção do Agrupamento em questão e ainda um grupo de discussão focalizada com quatro crianças do 5º e do 6º ano.

O estudo tem a finalidade de perceber as suas perspetivas sobre a participação da criança, de que modo a consideram na organização do ambiente educativo e que obstáculos encontram a essa participação.

Os dados recolhidos e analisados demonstram a importância reconhecida à participação das crianças no contexto escolar, no entanto, encontram-se diferenças nas perspetivas e nas práticas entre os profissionais e as crianças. Com base nestes dados, elaborou-se um projeto de intervenção denominado *Clube da Participação*.

Palavras-chave: Participação da criança; contexto escolar; cidadania; voz das crianças.

ABSTRACT

The participation of children has been more prominent in educational discourses. However, the discourses that are analyzed and the practices are not always consistent.

This project work thus focuses on the representations of teachers and students of what participation in the school context is. In this sense, the collection of empirical data was carried out at a Basic School, with a qualitative methodology, through a content analysis to interviews with two teachers of the 2nd cycle of basic education, interviews with two members of the direction of the school in question and also a focus group with four children from the 5th and 6th grades.

The study aims to understand their perspectives on children's participation, how they consider them in the organization of the educational environment and what obstacles they find to this participation.

The data collected and analysed shows the recognition of the importance of children's participation in the school context, however, there are differences in perspectives and practices between professionals and children. Based on these data, an intervention project called Participation Club was elaborated.

Keywords: Child participation; school context; citizenship; children's voice

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	4
1. PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E CIDADANIA	4
1.1 O que é a Participação? Direitos e Conceitos Vários	4
1.2 Benefícios da Participação.....	11
1.3 Facilitadores/Inibidores da Participação	12
2. A ESCOLA COMO CONTEXTO DE PARTICIPAÇÃO	16
2.1 Contexto Escolar Português	16
2.2 Espaços de Participação na Escola	20
3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	22
3.1 Representações Sociais sobre a Participação no Contexto Escolar	22
PARTE 2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	25
1. Procedimentos Metodológicos.....	25
2. Terreno empírico de estudo.....	27
3.Participantes	29
4.Procedimentos	30
5.Análise e discussão dos dados.....	34
5.1Apresentação dos Dados	35
5.2Discussão dos resultados	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
PARTE III. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA.....	69
1.Introdução.....	69
2.Objetivos	70
3.Campo de ação, contextos de intervenção e participantes.....	71
4.Estratégias.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	1
APÊNDICES.....	1
Apêndice A- Consentimento Informado Entrevistas	2
Apêndice B- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada	3
Apêndice C- Guião de Entrevista Elementos da Direção	4
Apêndice D- Guião de Entrevista Professores	7
Apêndice E- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada	10
Apêndice F- Transcrição da Entrevista ao Diretor	13

Apêndice G- Transcrição da Entrevista ao Adjunto do Diretor	20
Apêndice H- Transcrição da Entrevista ao Professor 1.....	29
Apêndice I- Transcrição da Entrevista ao Professor 2	37
Apêndice J- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada.....	42
Apêndice K- Grelhas de Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Elementos da Direção 53	
Apêndice I- Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Professores.....	80
Apêndice M- Grelha de Análise de Conteúdo do Grupo de Discussão Focalizada	106

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Análise da Categoria Participação.....	35
Tabela 2 Análise da categoria Participação: Escola	39
Tabela 3 Análise da Categoria Participação: Ensino e aprendizagem.....	42
Tabela 4 Análise da categoria Envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola.....	47
Tabela 5 Análise da categoria Estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças	50
Tabela 6 Análise da categoria Mudanças que deviam ser efetuadas na escola do ponto de vista das crianças	53

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

NUT- Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

Projeto MAIA – Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação
Pedagógica

PORDATA - Base de Dados de Portugal Contemporâneo

Semana DAC- Domínios da Autonomia Curricular

INTRODUÇÃO

A frequência no Mestrado em Intervenção Comunitária, faz-nos evoluir na forma como olhamos para a sociedade que nos rodeia, torna-nos mais críticos e exigentes, com a ânsia de fazer mais e melhor sobre uma problemática que nos envolve ou motiva profissional e pessoalmente. Deste modo, o presente documento, assenta no Trabalho de Projeto que servirá para a conclusão deste mestrado e tem como título, *A Participação das Crianças em Contexto Escolar: Representações de Professores e Alunos*.

Este interesse pela temática surgiu da minha experiência enquanto estudante durante a qual eu sentia que não era ouvida, que não tinha oportunidade de falar devido à minha idade, devido ao currículo extenso que os professores tinham para dar, independentemente dos interesses e/ou dificuldades dos alunos. Isto chegava a ser desmotivante para mim por pensar que aquilo não fazia muito sentido para o que eu iria enfrentar mais tarde e por considerar que se torna cada vez mais pertinente envolver e escutar as vozes das crianças/jovens.

A participação das crianças, para além de ser um direito é, também, um assunto que cada vez tem mais protagonismo, envolvendo novas estratégias e políticas públicas para incluir e valorizar os jovens como seres singulares, com autonomia e ideias próprias, podendo expressar-se e identificar os seus interesses e necessidades (Cunha, 2018). De acordo com o referido autor, a participação e a preocupação em estimular e entender a voz das crianças/jovens prende-se de forma clara com a questão da cidadania (Teixeira, 2015), visto que tanto a escola como os professores têm como missão capacitar os alunos para a vida pessoal e profissional (Oliveira, 2010), enquanto cidadãos participativos, democráticos e dotados de competências socioemocionais (Cunha, 2018).

Reconhece-se aqui a importância do sistema educativo na promoção da democracia, sendo necessário repensar os objetivos do processo de escuta das vozes das crianças neste contexto. A escola surge assim como um contexto privilegiado para a ocorrência de processos de escuta que favoreçam o desenvolvimento de cidadãos democráticos e participativos (Zubirarreta & Ceballos, 2016), um contexto privilegiado de aprendizagem dos direitos e deveres fundamentais para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Escutar as crianças na escola e promover a sua participação no contexto escolar, significa melhorar a vida democrática e pedagógica das salas de aula, formando cidadãos

críticos e participativos que, durante o exercício do direito de serem ouvidos, aprendem a dialogar, trocar pontos de vista, respeitar regras e chegar a um consenso sobre acordos (Campenhoudt, Quivy, & Marquet, 2019).

Por todas as questões antes mencionadas, decidi abraçar esta temática no sentido de procurar perceber *quais as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar?*, uma vez que as duas partes têm um papel fundamental no processo de aprendizagem e no caminho até ao sucesso escolar, passando por compreender de que forma se poderá conseguir envolver e dar voz às crianças e jovens neste espaço.

Este Mestrado em Intervenção Comunitária procura desenvolver nos estudantes a capacidade de olhar para a comunidade, promovendo a capacidade de compreensão, análise de diferentes questões socioeducativas. Tem também como objetivo a elaboração de propostas de intervenção, de projetos de intervenção em contextos institucionais e comunitários. Neste âmbito, realizámos um estudo de caso numa escola, durante o qual recolhemos dados que permitiram fazer uma análise diagnóstica e desenhar um projeto de participação na escola: a criação de um Clube da Participação, onde se pretende dinamizar atividades de modo a possibilitar às crianças a vivência de uma experiência de participação. A finalidade deste estudo, é contribuir para a discussão sobre as perceções e representações sobre a participação da criança, tanto dos docentes como dos alunos.

Assim, alinho como objetivos gerais:

- *Conhecer as representações dos alunos e professores sobre a participação no meio escolar*
- *Reconhecer/valorizar a escola como local e contexto de aprendizagem e de participação.*

E, como objetivos específicos:

- *Conhecer os benefícios da participação no contexto escolar;*
- *Reconhecer as crianças como atores no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento;*

- *Analisar as percepções das crianças e dos professores relativamente à importância da sua participação;*
- *Estimular a autonomia das crianças;*
- *Identificar as formas de participação das crianças na escola;*
- *Proporcionar experiências adicionais de participação;*
- *Descrever os principais resultados trazidos pela participação das crianças na escola;*
- *Expressar situações e estratégias facilitadoras/inibidoras da participação das crianças e jovens em contexto escolar*
- *Sensibilizar a comunidade escolar para a importância da participação e dos direitos da criança.*

Deste modo, este projeto será dividido em três partes centrais entre os quais os *pressupostos teóricos*, onde através da revisão da literatura são explicitados os principais conceitos que fundamentam a pergunta de partida, nomeadamente o contexto escolar português, a participação e as representações de participação de professores e alunos; *os procedimentos metodológicos* no sentido de descrever os métodos e técnicas de recolha de informação e de análise de dados para o trabalho de projeto e, ainda, *a proposta de intervenção comunitária* onde procurámos elaborar uma proposta de intervenção comunitária a partir dos dados dos resultados obtidos durante o estudo empírico todas as etapas de um projeto.

PARTE I. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1. PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E CIDADANIA

1.1 O que é a Participação? Direitos e Conceitos Vários

A participação é um conceito difícil de definir dado o facto de ter múltiplos significados e por vezes divergentes. De acordo com a definição do Grupo de Aprendizagem de Participação do Banco Mundial, “participação é um processo pela qual as partes interessadas influenciam e partilham o controlo sobre o desenvolvimento de iniciativas, decisões e os recursos que os afetam” (World Bank, 1994, p. 11).

Para Fernandes (2005, p.152) a “participação é, sem dúvida, um fator decisivo e poderoso para compreender a exclusão ou inclusão dos cidadãos nos processos de negociação e tomada de decisão acerca dos seus quotidianos”.

Segundo uma outra perspetiva, participar, significa influenciar os processos de decisão, que dizem respeito à negociação entre adultos e crianças/jovens sobre questões relacionadas com os mesmos e o seu desenvolvimento. É, também, um processo gradual, na medida em que evolui com a experiência e a aprendizagem, constituindo-se, assim, como um direito e um reforço à valorização pessoal e social dos indivíduos, pois faz com que estes se sintam parte do processo (Tomás, 2007).

Para além disso, é consensual entre vários autores, a ideia de participação como um processo fundamental do sistema democrático tendo-se tornado comum a apropriação do nome participação/ participação das crianças para qualquer forma de “participação” (Tomás, 2007).

Após refletirmos sobre algumas das definições de autores acerca da participação, podemos assumir que, esta, está evidentemente relacionada com os direitos. Enquanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 se caracterizou por ser «...uma declaração direcionada para os “humanos adultos”» e onde a criança era pouco referenciada ou, referenciada numa perspetiva protecionista (Sarmiento, Fernandes, & Tomás, 2007), por sua vez, a Convenção dos Direitos da Criança, adotada pelas Nações Unidas em 1989, veio renunciar e desconstruir esse paradigma de infância, transformando o espaço social que considerava as crianças como objetos de intervenção num novo

espaço que valoriza a criança, “como um ator social, titular de direitos e liberdades fundamentais, corresponsáveis pela própria vida” (Sampaio, 2017, p. 27).

Deste modo, a referida Convenção deu abertura à consideração da participação das crianças por parte das Organizações Governamentais e Não Governamentais. Face ao exposto, depreendemos que a Convenção dos Direitos da Criança, é um documento defensor de que esta expresse diferentes concepções, necessidades e aspirações comparativamente aos adultos (Tomás, 2007).

Relativamente aos direitos de participação, estes foram, também, incluídos na Convenção, no momento em que esta demonstra e valoriza a infância como uma etapa de vida ativa, à qual estão garantidos direitos civis e políticos, isto é, o direito da criança ser informada, o direito a ser consultada e ouvida, o direito à liberdade de expressão e opinião e o direito a tomar decisões em favor de ações públicas para a infância, a partir dos seus pontos de vista, quer para benefício próprio, quer para as outras crianças (Sampaio, 2017). Isto é visível quando, por exemplo se pode ler neste documento que: “A criança tem o direito de exprimir os seus pontos de vista, obter informações, dar a conhecer ideias e informações, sem considerações de fronteiras” (UNICEF, 2019, p. 13)

Ainda que este seja um direito presente num documento universal, constitui-se como um grande desafio a criação de condições em que os seres humanos, crianças e adultos, possam desenvolver e praticar a capacidade que detêm de pensamento e reflexão inteligente.

Podemos afirmar que a participação é um processo de interação social que é influenciado tanto pelas relações pessoais, com a família, amigos e comunidade, como pelas estruturas socioeconómicas e culturais, como serviços educativos, sociais e estruturas políticas, entre outros. Estas influências, podem ser, positivas, ao estimular e promover a participação, ou negativas, ao inibir, ou forçar de certa forma a participação (Sarmiento, Fernandes, & Tomás, 2007).

Segundo Cunha (2018, p. 10) “todas as participações das crianças nos vários contextos contribuem para a evolução da criança. A participação social é desenvolvida através do envolvimento da criança dentro da sociedade”. Este envolvimento a que se refere o autor, entende-se como o envolvimento ativo de um qualquer sujeito na comunidade, que inclui uma causa, uma tomada de decisão ou uma ação através de meios formais ou práticas informais e que, por sua vez, está relacionado com a cidadania.

Portanto, participação e cidadania andam lado a lado, quer sejam sustentadas por práticas de origem cívica, económica, cultural, política ou outras. Contudo, é muito comum confundirem-se os conceitos de cidadania e de participação, visto que, a cidadania pode ser entendida como participação, já o contrário nem sempre se verifica. Deste modo, nem todas as formas de participação são cidadania.

Como refere Sampaio (2017, p. 20)

Ser cidadão é possuir consciência de que se é sujeito de direitos, direitos à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade, isto é, direitos civis, políticos e sociais. Contudo, cidadania também pressupõe deveres. O cidadão tem de ser ciente das suas responsabilidades como elemento constituinte de uma coletividade em que todos devem participar, contribuindo para o bom funcionamento, através, por exemplo, do exercer do voto, cumprimento das leis, respeito pelos direitos sociais, bem como pelo património público, etc.

Do ponto de vista da cidadania, a participação assume-se como a pertença a uma comunidade política democrática, que abre espaço à participação dos indivíduos nos processos sociais, políticos e económicos. Deste modo, o indivíduo, e, aqui, mais especificamente, a criança, como cidadão, tem o direito de fazer escolhas de forma informada e influenciar as decisões dos adultos, pois tem opiniões próprias que devem ser ouvidas quando os assuntos lhe dizem respeito. Assim, torna-se um processo dinâmico e dual de socialização.

A participação das crianças, tem sido alvo de várias reflexões ao longo dos anos, principalmente com o objetivo de se perceber que papel é que as crianças ocupam na sociedade. Sabemos que nem todas as referências experiências de participação implicam o mesmo nível de implicação, responsabilização, negociação e por isso de participação. Neste contexto torna-se fundamental, referir Roger Hart (1992), uma vez que este criou a metáfora de uma escada para abordar os vários níveis/degraus de participação que existem (Hart, 1992). Nesta proposta, Hart divide as experiências de participação entre formas de não participação e de verdadeira participação

Em primeiro lugar (1º lugar), estabelece a manipulação e *tokenismo* como modelos de não participação. Na manipulação (o degrau mais baixo) as crianças são utilizadas em benefício dos adultos, pois estes recolhem as opiniões e as ideias das

crianças e estas últimas fazem apenas o que lhes é pedido. Para além disto, não têm qualquer informação os processos em que estão envolvidos e, posteriormente, não recebem feedback, ou seja, não lhes são apresentados os resultados da sua suposta participação.

O 2º degrau é a decoração, na qual as crianças estão presentes nas causas dos adultos, mas apenas como “figuras decorativas” ou indiretamente, isto é, darem opiniões e sem participarem de forma direta na causa.

No 3º degrau, encontra-se o *tokenismo*, que diz respeito a iniciativas onde aparentemente as crianças têm uma voz, no entanto, não têm autonomia na escolha dos assuntos, nem a oportunidade de transmitir o as suas opiniões. Pelo contrário, os assuntos abordados são escolhidos pelos adultos que assumem os projetos como sendo do interesse das crianças, mas é apenas mais uma forma de manipulação. Um exemplo de tokenismo, são as conferências, onde as crianças são chamadas a participar, como se fosse uma oportunidade, porém, geralmente não têm uma preparação prévia. Têm apenas, um papel representativo dos seus pares que nem são consultados.

O 4º degrau, delegação com informação, a criança é informada sobre o projeto, objetivos e decisões e acaba por ter um papel significativo, mas não muito interventivo visto que, os adultos decidem o que precisa de ser feito, as crianças apenas se envolvem nas atividades do projeto.

Já no 5º degrau, consulta e informação, os adultos têm o papel principal, o projeto continua a ser pensado e dirigido pelos adultos, mas as opiniões das crianças são tidas em conta, para além de serem informadas dos desenvolvimentos e poderem sugerir melhorias.

No 6º degrau, a iniciativa do projeto é dos adultos, que partilham decisões com a criança, ou seja, as duas partes participam ativamente no desenvolvimento do projeto. Assim existe uma interação dinâmica e cooperante entre adultos e crianças.

O 7º degrau, identifica-se como os projetos que são iniciados e dirigidos pelas crianças, em que toda a dinâmica é desenvolvida pelas mesmas e, aqui, estas têm o poder de decidir se os adultos devem ou não participar nas decisões. Mesmo que os adultos participem, continuam a ser as crianças a definir o plano de como devem participar. No final, todos os resultados e processos serão inteiramente da responsabilidade e controlo da criança.

Finalmente, Hart (1992) no 8º degrau, descreve um processo iniciado pelas crianças, em que as decisões são partilhadas com os adultos. Este é desenvolvido também pelas crianças e os adultos interessados concordam e querem participar no mesmo. Nesta situação, os adultos e as crianças conseguem combinar as suas forças para um objetivo comum, em parceria.

Analisando esta proposta de gradação da participação, através da analogia com uma escada, podemos verificar que, à medida que a escada sobe, mais as crianças estão implicadas no processo da participação. No entanto, cada criança tem as suas próprias características e podem preferir ou sentir-se mais confortáveis em diferentes graus de participação. O importante é terem a oportunidade de o fazer nos diferentes contextos e momentos.

Para além da Escada da Participação de Hart (1992), existem outros modelos de aproximação à realidade do que é a participação infantil. É o caso de Shier (2001) que se baseia no modelo que já referimos anteriormente para desenvolver uma alternativa ao modelo de participação infantil em processos de tomada de decisão.

Assim, a proposta de Shier (2001) engloba 5 níveis de participação:

1. A criança é ouvida: requer que quando a criança expressa o seu ponto de vista esta seja ouvida, com a devida atenção pelos adultos responsáveis;
2. As crianças são ajudadas a expressar as suas visões;
3. As visões das crianças são tidas em conta;
4. As crianças são envolvidas em processos de tomada de decisão;
5. E as crianças partilham poder e responsabilidade na tomada de decisão.

Estes níveis, podem ser utilizados na monitorização de processos de participação por indivíduos ou organizações, como a escola, que tenham em vista a abertura à inclusão, à capacitação e ao empoderamento dos jovens para a participação. Em cada um dos cinco níveis existem três graus, ou seja, a abertura, a oportunidade e a obrigação. A abertura implica que existam pessoas preparadas e comprometidas para trabalhar de uma determinada forma e nível; a oportunidade existe quando as necessidades das crianças, como recursos, competências ou desenvolvimento da organização, são acessíveis a que o trabalhador possa agir num determinado nível de participação; já as obrigações são

identificadas quando o trabalhador ou a organização direcionam o trabalho num sentido e nível em relação à participação das crianças.

Para além disso, a cada nível correspondem várias perguntas que devem ser respondidas a fim de verificar a posição atual e perceber o que melhorar nos níveis de participação e quais os próximos passos (Shier, 2001).

Noutra perspetiva, temos o modelo de participação infantil de Prout, Simmons, & Birchall, 2006. É, mais uma vez, baseado nos modelos desenvolvidos por Hart (1992) e Shier (2001), sendo que neste modelo, se recolhem informações de estudos sobre a participação dos adultos para que se possa perceber as diferenças, como também, criar semelhanças entre a participação das crianças.

Deste modo, Prout, Simmons e Birchall (2006) através da sua pesquisa, perceberam que a motivação é um ponto fulcral quando se fala de participação, o que os levou a procurarem saber quais as razões que levam alguém a participar. Por isso, optaram por investigar duas teorias, a Teoria da Escolha Racional, que estuda a relação entre o “custo-benefício” de participar, ou seja, se a ação traz qualquer retorno aos sujeitos e, a segunda, a Teoria dos Incentivos Mútuos, uma conceção mutualista de participação. Esta deixa de ser focada só no indivíduo, para se focar no grupo da mesma forma, possibilitando a análise tanto dos fatores individuais como dos coletivos.

Posto isto, chegaram a uma proposta de modelo de participação, a *Cadeia da Participação*. Este modelo é composto por quatro elementos, a *motivação* para participar, bem como os benefícios da participação e consequências da não participação ao nível individual e coletivo; a verificação dos *recursos* necessários para participar; a *mobilização* tanto das oportunidades existentes, como do grau de adaptação à participação; por fim, o quarto elemento, a análise das *dinâmicas* dos processos de participação que permite determinar os impactos da mesma, quer sejam positivos ou negativos.

É de salientar que ao longo do processo podem surgir crianças com falta de motivação para participar e que os adultos devem ter um papel nesse sentido, explicando às crianças a importância da participação e valorizar a participação das mesmas. Em relação aos recursos (materiais, financeiros, espaço e tempo), é importante criar sempre condições e espaços que estimulem a participação das crianças e que sejam ajustadas à realidade infantil. Quanto à mobilização, devemos perceber que há espaços que não estão

ainda adequados a contextos de participação e que devem ser impulsionados neste sentido. Já no que diz respeito às dinâmicas de participação, torna-se necessário averiguar se as estruturas e os espaços calculam os impactos da mesma.

De acordo com Cunha (2018), este modelo da cadeia de participação, possibilita a realização tanto da pesquisa como a ação, postos em prática na participação dos adultos e das crianças para que se investigue os aspetos em comum e as diferenças entre ambos. Por seu lado, a escada de participação, categoriza as diferentes formas de incitar a participação, o que permite perceber quais as melhores práticas das que são já executadas.

Da mesma forma que Hart (1992), Shier (2001) e Prout, Simmons e Birchall (2006), outros autores consideram importante estudar os impactos da participação, é o caso de Lansdown (2005) que apresenta duas abordagens distintas para a compreensão do envolvimento das crianças nas tomadas de decisão.

Numa primeira abordagem, reconhecem-se os fatores-chave que possam avaliar se um contexto e ambiente se institui como um clima propício à participação e envolvimento das crianças. Na segunda abordagem, faz-se uma medição da extensão, da qualidade e impacto da participação no contexto onde as crianças são envolvidas. Como já vimos, a participação é um direito fundamental das crianças, assim, Lansdown (2010), salienta a importância do envolvimento das mesmas nas próprias iniciativas e processos de avaliação.

Quanto à extensão do envolvimento das crianças, esta pode ser avaliada de acordo com a duração do envolvimento desde o início do processo. Neste sentido, a participação pode ser dividida em três níveis:

- A participação consultiva (*consultive participation*) - onde os adultos estimulam a participação das crianças com a finalidade de adquirirem conhecimento sobre a vida e as experiências de cada um.
- A participação colaborativa (*collaborative participation*) - na qual se verifica um maior grau de cooperação entre as crianças e os adultos, e o envolvimento ativo em eventuais tomadas de decisão.
- A participação liderada pelas crianças (*child-led participation*) - nesta, as crianças têm a oportunidade e os recursos necessários no contexto, para procurarem saber sobre assuntos do seu interesse. Aqui, o adulto tem o papel unicamente de ajudar e facilitar este processo às crianças, ajudando-as a atingir os seus objetivos.

No que diz respeito à avaliação da qualidade da participação, esta necessita de indicadores referentes e adequados aos indivíduos que trabalham diariamente com crianças, estes devem ter em conta uma participação que se identifique como: transparente, voluntária, respeitosa, sensível ao risco entre outros. Relativamente ao impacto da participação, é avaliada quanto à eficácia dos processos e da iniciativa (Lansdown, 2010).

1.2 Benefícios da Participação

Sabemos, pelo que antes foi referido, que a participação das crianças é um conceito amplo, que implica uma troca de experiências, saberes e ideias, “respeitando as formas de ser, pensar e agir de todas as crianças, promovendo a partilha de ideias e a tomada de decisões e iniciativas” (Sampaio, 2017, p. 44). Por outro lado, e porque se trata de crianças, com formas específicas de ver, viver e comunicar com o mundo, sabemos que, o direito à participação deve ser trabalhado e desenvolvido de maneira lúdica, gradual e respeitando as fases de desenvolvimento da criança (UNICEF, 2021).

Neste contexto torna-se importante perceber em que medida estas experiências de participação podem trazer benefícios, para os sujeitos envolvidos e, mais especificamente, para as crianças. Reconhecem-se vários benefícios para uma sociedade, no entanto, normalmente estes são a longo prazo e não são fáceis de quantificar. De acordo com Hart (1992) os benefícios são essencialmente de dois tipos: os que possibilitam que os indivíduos se desenvolvam como cidadãos mais competentes e confiantes, e aqueles que tornam as comunidades mais organizadas e a funcionar melhor.

Para além destes dois benefícios principais, e ainda de acordo com Hart (1992) reconhecem-se outros mais específicos, nomeadamente: o desenvolvimento da competência social e da responsabilidade social, onde os jovens trabalham para encontrar oportunidades em que possam ocupar um lugar significativo na sociedade, alguns desenvolvem essas competências sociais de forma responsável e outros irresponsável. A participação das crianças não só lhes possibilita ter uma voz, mas abre portas para a descoberta do outro, do diferente e de como o outro tem a sua própria voz e os seus próprios direitos. Outro dos benefícios para o desenvolvimento da competência social é fazê-lo através da discussão e negociação sobre regras e de vários pontos de vista com

outras crianças a partir da cooperação para chegar a um equilíbrio e consenso. A participação, não só desenvolve jovens socialmente mais responsáveis e cooperativos como o torna num adulto psicologicamente saudável.

Além disso, e ainda de acordo com Hart (1998) beneficiam ao nível do desenvolvimento comunitário, uma vez que, através de experiências de grupo positivas, as crianças percebem que as comunidades podem funcionar com o seu próprio interesse, porque estes podem redesenhar e transformar o lugar onde se encontram. Esse interesse poderá gerar o fortalecimento da organização cultural e política.

Por último, a autodeterminação política, onde as escolas, geralmente, assumem o papel de instrução política, incutem certas crenças enraizadas, não deixando que as crianças criem e determinem com autonomia as suas próprias conclusões e crenças através de debates críticos e partilha de opiniões (Hart, 1992).

Em suma, a participação das crianças pode favorecer o seu desenvolvimento enquanto cidadão e ator social, dotado de valores, atitudes, competências e habilidades que contribuem para a formação da sua personalidade. Para além disso, quando participa, as crianças empregam a competência da autonomia e por sua vez são reforçadas outras competências como, a iniciativa, a autoestima, a motivação, a confiança, criatividade e liberdade podendo exercer os seus direitos nas diversas situações com que se depara, mesmo que sejam de conflito, uma vez que é capaz de aceitar as opiniões de outros e argumentar com as suas para chegarem a uma solução (Sampaio, 2017).

De acordo com Sampaio (2017), a participação também facilita o processo de socialização e integração social, na medida em que o sujeito desenvolve competências éticas, flexíveis, responsáveis e produtivas. Além do mais, a participação auxilia no reconhecimento e no cumprimento tanto dos seus direitos como deveres no que diz respeito à responsabilidade, que podem contribuir para uma mudança na comunidade, enquanto cidadão e ator social, dotado de opinião própria.

1.3 Facilitadores/Inibidores da Participação

Após compreendermos os benefícios da participação para as crianças, reconhecendo estes processos como fundamentais no desenvolvimento das mesmas, torna-se importante procurar perceber de que forma se pode contribuir para que essa

participação possa acontecer da forma mais positiva possível. Neste contexto torna-se fundamental perceber que os fatores que podem facilitar ou inibi-la. Ainda que já tenhamos abordado alguns de forma indireta, como refere Hart (1992, cit. por Tomás, 2011) a participação requer um conjunto de condições para se efetivar, isto inclui, as características das crianças, as oportunidades educativas e o próprio bem-estar das mesmas.

De forma que a participação seja estimulada o mais naturalmente possível, as crianças devem estar num ambiente seguro, de confiança, onde as interações são positivas, mas também num ambiente estimulante, onde se sintam apoiadas, valorizadas e incentivadas a progredir e a participar, um "...contexto que participe na construção da participação" (Oliveira-Formosinho, 2007, p. 25). Deste modo a criança sentir-se-á motivada a intervir, explorar e aprender.

Para além disso, deve-se sempre ter em conta os interesses e necessidades de cada criança, como reconhecer a necessidade de brincar e comunicar com os outros e ser valorizada e reforçada pelas suas conquistas diárias.

Geralmente são mais os fatores que inibem a participação do que os que facilitam, dado que, a criança é vista como desigual e como inferior devido às relações de poder, isto é, na relação entre adulto-criança. Deste modo, é negado o estatuto de competência às crianças, como se não soubessem ou pudessem exercer o seu estatuto de cidadão, ao participar, decidir ou codecidir com os adultos em contextos formais. Segundo Trevisan (2014), esta é uma ideia de incompetência baseada na idade e na maturidade, o que está relacionado com a dependência e protecionismo de adultos para com as crianças.

No entanto, como já vimos anteriormente, a criança é dotada de competências de acordo com o seu desenvolvimento, tendo autonomia para expressar opiniões e ter um papel ativo nas mais diversas responsabilidades sociais, incluindo projetos que lhes digam respeito, visto que, estas devem ser as primeiras a serem consultadas.

Assim, para que a participação seja facilitada, ou para que se promova a participação das crianças no contexto escolar, necessitamos de aplicar e adotar algumas práticas que se estabelecem pela escuta, isto é, consultar as crianças sobre o seu próprio processo educativo e outros mais diversos assuntos – para perceber se estão satisfeitos com o que lhes é apresentado. Muitas vezes as opiniões e sugestões dos alunos não passam de conversas, ou seja, não são postas em prática.

Nestas partilhas de opinião devem ser adotadas dinâmicas e mecanismos para que o aluno mantenha o interesse. Além disso, devem ser inclusivas, uma vez que, há sempre crianças que são mais extrovertidas e expressivas e outras que são mais tímidas ou que tenham dificuldade em se expressar. Quem escuta, tem de estar aberto às diferentes opiniões, dar feedback sempre que possível, ser transparente e real, nem muito, nem pouco ambicioso (Porvir, 2017).

De acordo com o Guia Especial do Porvir (2017), também é necessário permitir que os alunos façam escolhas sobre o seu percurso educativo, isto porque, o que para alguns pode funcionar, para outros pode não fazer sentido e, por isso, devem ser preparadas alternativas e opções interessantes e acessíveis para que se sintam valorizados e motivados. É importante que as crianças saibam que não podem escolher tudo e, antes de fazerem qualquer escolha devem desenvolver competências que os ajudem a analisar cada decisão e as suas consequências e que as escolas providenciem mais flexibilidade e autonomia aos seus estudantes.

É também importante, neste processo considerar a coautoria e a corresponsabilização, isto é, promover a participação dos alunos em projetos da sua autoria, quer sejam atividades educativas de realizadas pelos alunos ou a melhoria de um local, defesa do ambiente ou diminuição de conflitos e, por outro lado, envolvê-los na procura de soluções para os desafios da escola, ou seja, na gestão democrática da escola, como em assembleias e conselhos que promovam a participação efetiva e onde podem dar as suas perspetivas sobre problemas como, a indisciplina, o orçamento da escola e as dificuldades de aprendizagem e ajudar a implementá-las.

Por outro lado, o Guia especial do Porvir (2017) chama também a atenção para que existem diversos fatores que inibem, dificultam ou limitam a participação. Falamos de situações como por exemplo promover a participação de forma pontual, ou o facto de os alunos não terem o apoio dos professores e órgãos de direção. Também se pode considerar como inibidor de participação o facto de os adultos não terem em conta a diversidade dos alunos, ou seja, não reconhecerem os fatores individuais de cada criança ou fatores transversais (como gênero, orientação sexual, etnia entre outros). Também ignorar a desconfiança dos estudantes quanto à sua participação em diferentes experiências é inibidor de participação, visto que muitas vezes não tem poder de escolha; não gerar resultados concretos, assim como ficar preso ao modelo tradicional de escola e

não mostrando flexibilidade na procura de novas regras/soluções para novos desafios. Por fim, são identificados igualmente como inibidores de participação o falhar no estabelecimento de uma comunicação clara e regular, assim como não disseminar informações relevantes e manipular a participação dos alunos (Porvir, 2017).

2. A ESCOLA COMO CONTEXTO DE PARTICIPAÇÃO

2.1 Contexto Escolar Português

Para Lima (1992) a escola é assumida como uma extensão da família, principalmente a escola pública, devido à sua função de complementar o papel educativo da família através da sua organização sob controlo do Estado. A escola pública é, agora, de uma grande importância para a sociedade, ainda que a sua história tenha sido assinalada por alguma turbulência devido à desconfiança e à rejeição do seu desenvolvimento.

Por outro lado, Canário (2005) reconhece o contexto escolar como uma forma, uma organização e uma instituição. Este espaço, como instituição, integra valores estáveis e intrínsecos que atuam no sentido da integração social e preparação para a inserção no mundo do trabalho. Para além disso, confere uma função principal e “fundamental de unificação cultural, linguística e política, afirmando-se como um instrumento fundamental (...)” (Canário, 2005, p. 63).

Como organização, segundo Lima, a escola é como “uma organização educativa complexa e multifacetada”, uma vez, que remete para os procedimentos que se relacionam com a estrutura, o planeamento e a ação, realizada para atingir os princípios e os objetivos do processo educativo que são estabelecidos (Lima, 2001). Esta representação da escola enquanto organização é menos difundida do que a representação desta enquanto instituição quer seja na perspetiva de professores, alunos, pais ou mesmo no domínio académico. Isto porque utilizamos a linguagem para nos referirmos à escola com expressões como, “andar na escola”, “a idade de estar na escola”, o que, de acordo com Lima (1992) leva a um maior reconhecimento enquanto estabelecimento mencionando as funções sociais e ao ensino do que enquanto organização, mencionando os processos organizativos ao reunir professores e alunos e estruturar hierarquias e poderes com um propósito construído para atingir objetivos específicos.

O conceito de organização, na literatura e na sociologia é geralmente associada a outros tantos conceitos como, organização social, organização formal, organização informal, organização complexa etc. Deste modo, a escola é também relacionada com estes conceitos, integrando-os, contrariando-os ou até assumindo semelhanças com outras organizações em várias dimensões. Esta comparação surge porque, de acordo com

Unesco (1988, cit. por Lima, 1992) todas as organizações têm funções e técnicas equivalentes e comuns.

De acordo com o mesmo autor, a variedade de perspectivas sobre a escola enquanto organização leva à sua descrição com os quatro modelos de Ellstön, 1983 o modelo político, modelo de sistema social, modelo burocrático e o modelo anárquico.

No modelo político surge a diferença de interesses/objetivos entre os integrantes, a racionalidade (política) e a valorização do poder. Já o modelo de sistema social, é um modelo mais espontâneo, estável, que se adapta à realidade da organização.

No modelo burocrático, a escola é conhecida pelas decisões concretas, pela clareza, rigidez das leis, dos regulamentos, da hierarquia na organização formal, entre outros, fazendo deste um modelo racional. Por outro lado, o modelo anárquico opõe-se ao modelo racional/burocrático, uma vez que exhibe objetivos não tão claros, incertos e duvidosos (Lima, 2001 cit. por Soares, 2011).

Sendo a escola uma organização complexa, esta inclui vários “grupos” burocráticos, entre eles, a Associação de Pais, a Associação de Estudantes, o corpo de professores, o diretor e restantes órgãos diretivos, os órgãos administrativos, e o corpo não docente (Tragtenberg, 2018)

Lima (2001 cit. por Soares, 2011), realça que não existe nenhum modelo certo de organização, apesar de haver a hipótese de um se destacar mais que outro, ainda que não ganhe na totalidade e podendo existir uma escola simultaneamente burocrática e anárquica.

Por fim, como Godinho (1984) chama a atenção, é importante perceber que a escola ainda organizada de acordo com o modelo tradicional da revolução industrial encontra-se “ultrapassada”, em vez de evoluir e acompanhar o desenvolvimento do mundo, acabou por estagnar e resumir-se ao ensino de matérias daquilo que é descrito como fundamental e necessário. De acordo com Godinho (1984, p.12) a escola é como as “(...) lavagens automáticas de carros, a um turno sucede outro turno, de modo que não se vive na escola, não se vive a escola, está-se em trânsito”.

A escola assume como sua principal função, o papel de ensinar conhecimentos e competências necessárias à sociedade e aos processos de socialização. No entanto, devido à evolução dos fenómenos culturais e sociais, acabou por se tornar num órgão que serve para regular as normas e regras da convivência social e que apresenta, tal como a

sociedade, hierarquias, representações sociais como preconceitos e estigmas, conflitos e problemas interpessoais (Duarte, 2002).

Ainda de acordo com Duarte (2002), a escola é uma estrutura complexa que, pelo aparecimento de políticas pedagógicas e burocracia para a sua estruturação, pode apresentar uma forma impessoal e desumana, perdendo o foco quanto às necessidades e interesses dos seus alunos, o que acaba por reproduzir desigualdades nas aprendizagens. Porém, tem como missão atender ao desenvolvimento de características, competências e valores específicos dos alunos, como autonomia, capacidade de reflexão crítica, tomada de decisões, capacidade de análise, síntese, argumentação, cooperação, criatividade entre outras.

Reconhecendo que escola não se deve reduzir ao ensino das competências que já aplica, mas sim que deve abarcar todas as dimensões que façam sentido à evolução dos tempos, como dimensões pessoais simbólicas e políticas da vida e escola, bem como adaptar-se, “libertar-se” e flexibilizar-se quanto à burocracia, torna-se necessário dotar esses espaços de autonomia curricular e profissional – a compreensão da escola deve integrar todas as dimensões de análise das organizações, sócio histórica, instrucional, organizacional, grupal e individual. Além do mais, a ação da escola está diretamente relacionada com aprendizagens anteriores, tanto familiares, como sociais (Duarte, 2002).

Estas reflexões sobre a escola enquanto organização, levam-nos a ponderar que esta deve incluir na sua formação a preparação dos indivíduos, para uma educação ao longo da vida, de forma a estimular o seu potencial crítico e a valorizar os alunos enquanto seres sociais dotados de capacidades para participar de forma ativa e serem incluídos no seu processo educativo.

De acordo com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, de 1990, todas as crianças, jovens e adultos devem ter a oportunidade de frequentar o sistema educativo, esboçado para ensinar, nomeadamente, necessidades básicas de aprendizagem. Estas abrangem/envolvem requisitos essenciais de aprendizagem como a leitura, escrita, cálculo, expressão e resolução de problemas. Para além disso, presume-se o desenvolvimento de valores e atitudes essenciais para a participação cívica no mundo (UNESCO, 1990).

Every person — child, youth and adult — shall be able to benefit from educational opportunities designed to meet their basic learning needs. Those needs comprise both

essential learning tools (such as literacy, oral expression, numeracy, and problem solving) and the basic learning content (such as knowledge, skills, values, and attitudes) required by human beings to be able to survive, to develop their full capacities, to live and work in dignity, to participate fully in development, to improve the quality of their lives, to make informed decisions, and to continue learning (UNESCO, 1990).

Ao longo dos anos, diferentes estratégias foram adotadas, no sentido de contribuir para o desenvolvimento económico e social, estratégias essas que englobaram objetivos voltados para a escola. De entre estas diferentes estratégias surge a Estratégia de Lisboa (2000) mais centrada no emprego, na reforma económica, na coesão social, na inovação e sustentabilidade. Neste contexto, a educação foi redirecionada para desenvolver competências de aprendizagem ao longo da vida e formar cidadãos mais ativos e produtivos preparados para o trabalho (Neves, 2013).

Posteriormente, foi aprovado, em 2008 o Quadro Europeu de Qualificações, onde foram definidos oito níveis de referência de qualificação para a educação e formação que centram a sua abordagem nos resultados da aprendizagem e não na tradicional aquisição de conhecimentos, na valorização do tipo de instituição ou métodos de ensino (Neves, 2013).

Relativamente à Estratégia mais recente, a Estratégia Europa 2020 (2010) centra os seus objetivos no crescimento económico, na sustentabilidade, na eficiência da utilização de recursos, na ecologia e na inclusão. Assim assenta em bases, como o emprego; a investigação e inovação; as alterações climáticas e energia; a educação, formação e aprendizagem; e a luta contra a pobreza (Meireles-Coelho & Neves, 2010).

Atualmente, estamos num momento de quebra com o modelo de escola tradicional que explicávamos ao longo do texto acima, no qual se procura promover uma aprendizagem focada no aluno, com o desenvolvimento de competências e estratégias de aprendizagem ao longo da vida, para que estejam preparados para enfrentar eventuais desafios do mundo do trabalho e das novas tecnologias. Isto implica uma reformulação e evolução da cultura organizacional, quer nos seus objetivos, conteúdos, tempos, espaços e formação/ especialização de professores (Neves, 2013).

2.2 Espaços de Participação na Escola

A participação pode ser fomentada e desenvolvida em vários ambientes, contextos e de várias formas. Cada meio é diferente e cada meio é essencial para o seu desenvolvimento, como no seio da família ou na escola, sendo que a família acompanha o princípio da vida da criança e é sempre o meio mais próximo, enquanto a escola é onde a criança se desenvolve socialmente e intelectualmente durante vários anos e onde passa a maior parte do seu tempo (Cunha, 2018).

A organização escolar, tendo em conta a Lei nº 30/2002 que Aprova o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior, deve incluir as crianças/jovens na participação em órgãos de administração e gestão da escola e na elaboração do Projeto Educativo, regulamento interno e ser informado sobre os mesmos aspetos organizacionais e pedagógicos; deve eleger alunos enquanto representantes para cargos e funções; os jovens, têm igualmente o direito de apresentar críticas e sugestões sobre o funcionamento da escola, de participar em iniciativas de ocupação de tempos livres e nas várias atividades da escola, bem como no processo de auto e heteroavaliação (Diário da República, 2002)

Para além disso, as crianças devem participar no espaço escolar e na sua manutenção, uma vez que, este ponto é um dever e é importante tanto para o desenvolvimento da escola como para o bem-estar de todos, ainda que as crianças não sejam tão recetivas a estes projetos.

De modo a sintetizar as práticas de participação no contexto escolar, Lima (1992) desenvolveu um modelo para analisar a temática seguindo diferentes critérios para diferentes tipos de participação, são estes: democraticidade, regulamentação, envolvimento e orientação.

Lima (1992) associa a participação a um ato de democracia que limita alguns tipos de poder e ao mesmo tempo, salvaguarda a expressão de interesses e projetos que tem impacto na organização e tomada de decisões. A participação, assume assim uma forma direta e indireta. A participação direta, tem que ver com processos de tomada de decisão que necessitam de uma intervenção direta como exercer o direito de voto. Já a participação indireta, é realizada por representantes nomeados para debater e efetuar a tomada de decisão que se traduz na deliberação coletiva.

Quanto à regulamentação, esta é um requisito que se refere às regras e normas impostas nas diferentes situações, quer nas organizações formais ou informais quanto à participação ou formas de intervenção. Na participação formal, estão presentes as regras impostas pelas organizações sob a forma de documentação protocolar e legal, como o regulamento interno da organização. Na participação não formal, são estabelecidas regras, ou exceções às regras, menos estruturadas do que ao nível formal, realizadas normalmente por certos órgãos na organização. Por fim, a participação informal é assumida por regras não estruturadas e informais e funcionam como orientações sobre os estatutos/ regulamentos da escola.

O envolvimento, é apontado por Lima (1992) como um combinado de comportamentos e atitudes dos intervenientes face à sua participação e recursos disponíveis na organização para esse fim. Assim como a participação, o envolvimento dos intervenientes também pode ser classificado nos seus diferentes modos. Os sujeitos podem ter uma participação ativa, ou seja, um envolvimento ativo na organização, demonstrado com elevadas atitudes, comportamentos e tomadas de decisão ou podem assumir uma participação reservada, que significa um meio termo entre a participação ativa e passiva.

No envolvimento, considera-se também, a participação reservada que está entre a participação ativa e a participação passiva. Neste tipo de participação não se evidencia interesse ou desinteresse, mas poderá evoluir para outra forma de participação mais voluntária.

Para além da participação reservada, identifica-se a participação passiva, geralmente caracterizada pelo desinteresse e fraco envolvimento dos sujeitos às possibilidades de participação evidentes.

Por fim, temos a orientação, na qual os sujeitos podem, consoante os objetivos propostos, aprová-los ou desaprová-los. A orientação pode ser convergente, onde os atores seguem os objetivos formais da instituição como regra, ou divergente, em que essas regras são contestadas e rejeitadas (Lima, 1992).

Posto isto, tendo em conta que a escola é vista como um local onde ocorre uma grande parte da aprendizagem no que diz respeito à participação dos sujeitos envolvidos, quer sejam professores, crianças, famílias e comunidade. “As metas de aprendizagem, tanto para crianças como para os adultos devem ser permeadas por ideais de democracia

e participação”. A criança tem direitos, competências, capacidades e gosto pela colaboração em atividades e projetos em que possam ser coautores e possam participar na transmissão e construção de aprendizagem e do saber (Oliveira-Formosinho, 2013, p. 11).

No entanto, a escola tem sido governada na base da memorização do conhecimento e não no conhecimento em si, sendo que esta memorização de conhecimento é depositada num sistema de exames que “mede a eficácia da preparação, nada provando quanto à formação durável do indivíduo, desenvolve uma pedagogia “paranoica”, estranha ao concreto, ao seu fim. Quando falha, “interpreta” esse evento como responsabilidade exclusiva do educando” (Tragtenberg, 2018, p. 186).

Defendendo que a educação deve ser compreendida como um meio de transformação social, não se pode perceber a criança como “(...) depósito de conteúdos, mas como sujeito construtor da própria história e em consequência, capaz de problematizar suas relações com o mundo” (Schram & Carvalho, 2009, p. 7)

Neste sentido, é importante que as aprendizagens sejam negociadas com as crianças, para que estas se sintam parte do processo e tenham a oportunidade de participar na sua própria aprendizagem, “aprendendo a aprender” (Formosinho & Formosinho, 2013).

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1 Representações Sociais sobre a Participação no Contexto Escolar

As concepções sobre o que é a representação oscilam entre vários conceitos e vários autores. Para começar, na perspectiva sociológica de Durkheim (1978 cit. por Pizzolato, 2020) a ideia de representação começou como “representações coletivas”, que significam categorias de pensamento sobre como as sociedades interpretam a sua realidade. As representações coletivas, são uma mistura de ideias e sentimentos que se estendem no espaço e no tempo.

Já para Max Weber as representações sociais são ideias ou visões do mundo, sendo que estas ideias, por sua vez, são juízos de valor que os indivíduos detêm sobre a realidade social (Minayo, 1995).

Moscovici reflete sobre as representações, colocando-as na base de conceitos psicológicos e sociológicos. Na sua concepção, as representações são acontecimentos complexos e não necessariamente lógicos. Estas, relacionam-se com o que os sujeitos sabem sobre a realidade e as relações que possuem com a mesma realidade em que vivem e, tanto podem ser criadas como adquiridas (Moscovici, 1978, 2015; Fleury, 2008 cit. por Pizzolato, 2020).

No que diz respeito à área da educação, as representações permitem identificar as perspectivas de docentes e discentes sobre os processos de ensino e aprendizagem (Alves-Mazzotti, 1994; Sousa; Moreira, 2005 cit. por Pizzolato, 2020). As representações sociais são úteis para perceber a relevância de determinado comportamento, acontecimento, conhecimento ou temática (Minayo, 1995). Como já foi possível entender, os indivíduos assumem representações de forma a expressarem as suas noções, opiniões e ações (Mello, Rodrigues, Santos, Costa, & Votre, 2012)

As representações podem contribuir para a transformação social, por serem “ilusórias, contraditórias e verdadeiras, as representações podem ser consideradas para análise social e para ação de transformação, pois retratam e refratam a realidade segundo determinado segmento da sociedade” (Minayo, 1995, p. 110)

Num estudo realizado por Catarina Tomás e Ana Gama onde analisaram os discursos tanto de crianças como de docentes, entre outros agentes da organização escolar, as autoras conseguiram compreender que existem diferentes representações e percepções sobre a participação da criança. “(...) Por um lado, a ideia da criança enquanto sujeito passivo que continua a dominar nos discursos e as práticas sociais; e, por outro, o discurso emergente nas escolas da valorização da participação das crianças” (Tomás & Gama, 2011, p. 18).

Estas afirmações podem ser verificadas a partir das práticas sociais das crianças nos contextos escolares que estão, na maioria das vezes, “desvirtuadas na sua essência porque se confunde muitas vezes participação com consulta e ações esporádicas, com práticas destituídas de qualquer valor político e são regularmente vazias de significado” (Tomás & Gama, 2010, p. 17).

Num local onde não ocorre a oportunidade de participação, as crianças perdem a oportunidade de exprimir opiniões e pensamentos, partilhar experiências, medos,

vontades e dúvidas. Assim, o diálogo permite-lhes perceber, negociar e transformar as suas percepções sobre eles e o mundo (Graham & Fitzgerald, 2010).

Por outro lado, num contexto onde ocorra a participação, as crianças têm de ser ouvidas, motivadas e apoiadas para exprimirem as suas opiniões, bem como envolvidas nas tomadas de decisão para que desenvolvam competências de cooperação e de responsabilidade (Filipe & Silva, 2021).

Deste modo, é essencial promover o interesse pela participação em articulação com os diversos agentes da comunidade educativa, para que se crie uma conceção de infância, de participação e de escola no âmbito de uma aprendizagem bidirecional e cooperativa entre adultos e crianças.

PARTE 2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é definida por Kothari (2004) como uma busca por conhecimento. Num sentido mais restrito, refere-se a uma pesquisa científica sistemática de informação sobre um tema específico. É até, considerada como a arte da investigação científica. Neste sentido, neste projeto tentamos procurar respostas no âmbito da temática da Participação das crianças no contexto escolar, o que nos leva, aos principais objetivos do estudo, a melhoria da interpretação da realidade empírica, a explicação teórica da natureza do objeto de estudo e análise dos resultados obtidos no processo de pesquisa.

De modo a facilitar a procura do conhecimento, importa explicitar as metodologias de pesquisa a utilizar, sendo que esta, é a finalidade do plano de pesquisa desenvolvido. Este plano vem, (pré) definir de uma forma concisa as etapas a adotar no estudo da questão de pesquisa e a base teórica implicada nos mesmos. Para isso, descrevem-se e estruturam-se os métodos e técnicas de pesquisa, bem como a metodologia a utilizar, os procedimentos para a análise de dados, os seus significados e a respetiva justificação do seu uso (Kothari, 2004). Assim, este ponto, trata de apresentar os procedimentos metodológicos para a compreensão do fenómeno da Participação das crianças no contexto escolar.

Deste modo, face ao objeto de estudo e aos objetivos da pesquisa, adotamos as metodologias qualitativas, uma vez que, segundo Lessard-Hébert (1994 cit. por Tomás, 2007, p.57), estas metodologias “permitem uma maior aproximação e colaboração entre o investigador e os indivíduos que desenvolvem o trabalho no terreno”. Também porque, de acordo com Kothari (2004) tal metodologia, permite analisar motivações, valores e discursos que não podem ser analisados através de métodos quantitativos (Minayo, 1996).

Sendo assim, como visto anteriormente, a participação da criança no contexto escolar tem vindo a ganhar mais espaço na nossa sociedade e, por isso, dentro dos vários tipos de pesquisa qualitativa, optou-se pela realização de um estudo de caso, no qual se espera estar próximo da realidade empírica, concretizando uma aproximação aos sujeitos em estudo, podendo escutar as pessoas envolvidas e perceber as suas reflexões/interpretações sobre a problemática.

Assim, o *estudo de caso* permite uma investigação de uma unidade social ou de um sistema limitado, por exemplo, uma criança, uma turma, uma escola, ou uma comunidade. Os estudos de caso podem ser postos em prática em situações que nem sempre são suscetíveis a análises quantitativas. Além disso, podem estabelecer causas e efeitos a partir da observação em contextos, o que permite um conhecimento mais alargado da realidade (Cohen, Manion, & Morrison, 2007).

A metodologia do estudo de caso, pressupõe a utilização de diversos métodos de recolha de dados durante a observação de uma unidade singular, concretizada a partir de várias perspetivas. Por isso, como referem Gómez, Flores, & Jiménez (1996, p.14), o objetivo geral de um estudo de caso é: “explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar”.

Relativamente às técnicas utilizadas para a recolha de informação, recorreremos à análise documental como uma das ferramentas para sustentar o trabalho de projeto, uma vez que, é muito útil no que diz respeito ao tratamento de informação contida em documentos, o que facilita o acesso do investigador ao máximo de conteúdo para consulta, interpretação, manipulação e ou armazenamento (Bardin, 2016).

Para além disso, optámos pela concretização de um grupo de discussão focalizada com as crianças da escola. Segundo Morgan (1996 Bagnoli & Clark, 2010), esta técnica serve como técnica de recolha de dados onde se pretende uma interação de um grupo sobre um determinado tema apresentado pelo investigador. De acordo com o autor, esta técnica engloba vários elementos que são essenciais: é um método orientado para a recolha de dados; a fonte dos dados está interação e na discussão do grupo; e, o investigador tem um papel ativo na conceção e levantamento da discussão dentro do grupo.

Além disso, os grupos de discussão focalizada contribuem para o entendimento da temática e geralmente englobam participantes que possuem algumas perspetivas em comum sobre o tópico de interesse. Como salientam Krueger e Casey (2009 cit. por Silva, Veloso, & Keating, 2014, p.177) “(...) a focalização da discussão num dado assunto, o seu contributo para a compreensão do tópico de interesse e o facto dos participantes que os compõem terem alguma característica em comum e relevante face ao tema em discussão”.

Por fim, realizámos entrevistas a professores, elementos da direção e alunos do ensino básico, uma vez que, esta tem na sua essência a comunicação e a interação humana, o que permite compreender a realidade de uma forma mais profunda. As entrevistas, se forem corretamente aplicadas pelo entrevistador, possibilitam a obtenção de informações e elementos de reflexão por parte do entrevistado. Para além disso, permitem perceber de uma forma mais aprofundada a temática em estudo, através dos relatos, percepções e significados imputados pelos sujeitos (Araújo, Cruz, & Almeida, 2011). Esta técnica, após ser aplicada, implica uma análise de conteúdo sistemática que irá possibilitar a reflexão da problemática através das respostas do entrevistado às perguntas previamente definidas (Quivy & Campenhoudt, 1998).

2. Terreno empírico de estudo

Tendo em conta a questão de partida de perceber quais as percepções de professores e alunos sobre a participação da criança, fez sentido que, desde o início, este fosse um trabalho desenvolvido numa instituição de ensino como terreno empírico. Reconhecendo assim a escola, como já havíamos referido, enquanto espaço de participação das crianças estimulada de várias formas, em vários ambientes e contextos (Cunha, 2018).

Deste modo, começou-se por perceber as possibilidades de escolha do terreno empírico para o trabalho de projeto que, neste caso, foi procurado numa zona geográfica que facilitasse a exequibilidade do estudo, ou seja, uma zona perto do local de residência.

Posteriormente, selecionou-se um agrupamento de escolas que cumprisse esse requisito já mencionado e que compreendesse uma escola de ensino básico, visto que faria sentido perceber também as oportunidades de participação neste nível de ensino. Esta foi uma escolha feita pelo facto de se reconhecer que a partir do ensino secundário existem outras formas de participação mais ativa na escola e alunos do ensino básico apresentarem uma percepção e vivência diferente no que diz respeito à sua participação, o que foi essencial na recolha de dados e interpretação das informações recolhidas.

O trabalho empírico teve como contexto de estudo uma Escola Básica do concelho de Albergaria-a-Velha, classificada como NUT III (Nomenclatura de Unidade Territorial para fins estatísticos). É de salientar que esta região conta com 3 escolas de nível básico (2º ciclo), tendo sido selecionada apenas uma para recolha de dados (PORDATA,

Estabelecimentos nos ensinos pré-escolar, básico e secundário público: por nível de ensino, Lisboa Portugal, 2022).

No sentido de enquadrar de uma melhor forma este estudo, apresentamos, de seguida alguns dados que recolhemos e que reconhecemos que fazem sentido para uma visão mais ampla da realidade.

O concelho de Albergaria-a-Velha é composto por cerca de 24.842 habitantes, sendo que a faixa etária com mais representatividade é a da população em idade ativa, ou seja, dos 15-64 anos (PORDATA, 2022). Para além disso, é a sede do Município e foi elevada cidade em 2011.

Relativamente aos indivíduos em idade escolar, existe um total de 2.760 alunos matriculados (1.876 do sexo masculino e 1.838 do sexo feminino). Estes alunos estão divididos pelos vários níveis de ensino, sendo que: 279 estão no ensino pré-escolar (278 do sexo masculino e 292 do sexo feminino), 824 no 1º ciclo do ensino básico (476 do sexo masculino e 418 do sexo feminino), 427 no 2º ciclo do ensino básico (253 do sexo masculino e 254 do sexo feminino), 640 no 3º ciclo do ensino básico (417 do sexo masculino e 376 do sexo feminino) e 562 estão no ensino secundário (462 do sexo masculino e 498 do sexo feminino) (PORDATA, 2022)

No que diz respeito à escola em estudo, é de referir que o agrupamento no qual se insere é composto por quinze estabelecimentos de ensino: seis jardins de infância, quatro escolas básicas com educação pré-escolar e 1º ciclo, duas escolas básicas com 1º ciclo, uma escola básica com 1º e 2º ciclos, uma escola básica com 1º, 2º e 3º ciclos e uma escola secundária com 3º ciclo (escola-sede).

O Agrupamento abrange todas as freguesias do concelho no ensino secundário, e ainda as freguesias da Branca e da Ribeira de Fráguas no ensino básico, bem como alunos de concelhos próximos.

De acordo com o Projeto Educativo referente ao quadriénio de 2018-2022, entre 2015 e 2018 existia um total de 1987 alunos no Agrupamento. A escola básica em estudo compreende tanto o 1º Ciclo do Ensino Básico, como o 2º Ciclo do Ensino Básico e o 3º Ciclo do Ensino Básico (Projeto Educativo do Agrupamento, 2020).

O Agrupamento conta com um corpo docente de 236 docentes no ano letivo de 2017-2018 constituído na sua maioria por professores pertencentes ao Quadro do Agrupamento. Os docentes estão agrupados em seis Departamentos Curriculares que

englobam diferentes grupos disciplinares, são eles: o Departamento Pré-escolar; o Departamento do 1º ciclo, o Departamento de Línguas; o Departamento de Expressões; o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais e o Departamento de Ciências Sociais e Humanas.

Para além disso, existem 8 assistentes administrativos e 69 assistentes operacionais que fazem parte do pessoal não docente.

3. Participantes

Quanto ao público-alvo, o estudo em questão envolveu uma amostra de conveniência, que de acordo com Malhotra & Birks (2012) acontece quando os entrevistados estão no local conveniente para responder ao instrumento de pesquisa (Malhotra et al., 2012). A amostra por conveniência é mais acessível que as restantes técnicas de amostragem. No entanto, também existem algumas limitações neste tipo de amostragem, como o facto de a amostra não ser completamente representativa da população (Malhotra et al., 2012).

Assim, a nossa amostra foi constituída por oito participantes, duas professoras, uma da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento e uma de Ciências Naturais. Incluiu, também, dois elementos da direção, o Adjunto do Diretor o Diretor do Agrupamento e ainda quatro alunos e alunas do 2º Ciclo do Ensino Básico, do 5º e 6º ano respetivamente. No que concerne ao sexo dos participantes, a amostra foi integrada por quatro indivíduos do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

No que diz respeito ao pessoal docente, reconhecemos que fazia sentido entrevistar professores de diferentes disciplinas e representassem diferentes cargos na escola, também por acreditarmos que podiam possuir uma visão mais prática da participação da criança e um papel ativo no quotidiano com as mesmas. Tentámos, através das entrevistas aos órgãos da direção, tanto ao Adjunto do Diretor como ao próprio Diretor do Agrupamento ter uma visão mais institucional no que respeita à participação. E, por último, optámos por realizar um grupo de discussão focalizada com as crianças pelo facto de ser uma forma mais prática e um conceito mais interessante para abordar tais temáticas (Klerin & Schröder, 2009).

Uma vez que o principal foco deste trabalho de projeto é perceber quais as perceções de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar, considerou-se relevante envolver nesta recolha de dados estes profissionais e as crianças no sentido de compreender o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido dentro das escolas e analisar também as opiniões e interpretações dos mesmos acerca desta temática.

4. Procedimentos

Após ser seleccionada a escola, o primeiro passo foi estabelecer contacto via email com o Diretor do Agrupamento no sentido de perceber a receptividade em colaborar e participar neste estudo. No email foi feita uma breve apresentação da investigadora, e da importância da temática em investigação. A resposta foi positiva visto que afirmou que pretendia até intensificar o desenvolvimento desta temática no Agrupamento.

Posteriormente, existiu outro contacto via telefone para solicitar o agendamento de uma reunião que foi encaminhado para o Adjunto do Diretor do Agrupamento, visto que tem um cargo privilegiado na Escola Básica. A reunião decorreu então na escola básica onde se pretendia recolher os dados, e começou por se apresentar o contexto da investigação, a mestranda, enquadrar que este é um projeto de conclusão de mestrado e os seus objetivos, bem como a instituição de ensino. Além disso, foi-nos questionado o que precisávamos para levar a cabo a investigação naquela escola e aí explicitou-se que a recolha de dados consistia na realização de várias entrevistas, aos docentes, ao adjunto, ao diretor e ainda num grupo de discussão focalizada com alunos. A reunião terminou de forma positiva e já com expectativas de realizar as entrevistas nas semanas que se seguiam.

No entanto, foi um processo longo e demorado até que conseguíssemos recolher todos os dados, devido às disponibilidades de horários e da época letiva em questão, ainda que este processo tenha sido facilitado pela ajuda do elemento da direção com quem mantivemos contacto durante a investigação. O adjunto do diretor e professor conversou diretamente com cada um dos possíveis entrevistados, explicando o motivo da entrevista. Após a confirmação, foi feito o agendamento da entrevista consoante a disponibilidade de cada um e procedemos à realização da mesma.

Assim, relativamente aos agentes educativos entrevistados, a ideia inicial era entrevistar professores da área de Cidadania e Desenvolvimento e outros de uma área científica ou de línguas. Mais uma vez com a ajuda do adjunto do Diretor, conseguimos então entrevistar a coordenadora e professora da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento e uma professora de Ciências Naturais que é também coordenadora das equipas educativas da escola. Quanto ao grupo de discussão focalizada tivemos a possibilidade de manter a nossa ideia inicial de realizá-lo com alunos/as do 5º e 6º anos.

Para além disso, entrevistámos também dois elementos da direção, o adjunto do diretor e ainda o diretor do agrupamento. Depois de realizados os instrumentos de recolha de dados (entrevistas semiestruturadas (Apêndice C) e guião para o grupo focal (Apêndice E) e os consentimentos informados, procedeu-se à aplicação das entrevistas, como explicado em seguida.

4. Recolha dos dados

As entrevistas e o grupo de discussão focalizado foram realizados em meio escolar, no segundo semestre do ano letivo 2021/2022, em diferentes salas de reuniões que estariam disponíveis para o efeito na altura e tiveram a duração média de 45 minutos. As 4 entrevistas e o grupo de discussão focalizada, aconteceram em dias distintos e com bastante tempo de intervalo, para atender às disponibilidades dos intervenientes.

Começamos por apresentar aos participantes o consentimento informado, livre e esclarecido (Apêndice A) que indicavam os objetivos do estudo, a finalidade, o método de estudo e garantiam a confidencialidade e anonimato, a possibilidade de desistência sem prejuízo para os próprios, e a proteção dos dados de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da EU. Foi também obtida autorização dos participantes para recolhermos a informação através da gravação de som.

Durante as entrevistas, apresentamo-nos, mostrámos agradecimento pela colaboração e tentámos fazer com que os participantes percebessem que estávamos atentos ao que nos informavam. Só procurávamos intervir quando necessário, quer para focar melhor a questão colocada, ou para pedir que completassem algo que não tinha ficado tão esclarecido consoante os objetivos pretendidos.

O grupo de discussão focalizada com as crianças decorreu da mesma forma, apesar de os consentimentos informados terem sido entregues e assinados pelos encarregados de educação previamente, salvaguardando no mesmo a intenção de que os pais informassem os educandos sobre o que se iria passar, uma vez que, estes eram realmente os participantes do estudo.

No entanto, no dia do grupo focal, sentimos a necessidade de realizar uma contextualização inicial, começando por agradecer às crianças por estarem presentes, apresentar-nos e fazê-los perceber que o que estavam a fazer ali era importante e que queríamos realmente ouvi-los e ter em conta a sua opinião sobre a participação. Pensamos que assim as crianças começaram a ficar menos constrangidas e com um maior à vontade e liberdade para se expressarem. Para além disso, fizemos ainda uma dinâmica de quebra-gelo que também ajudou nesta última questão e só depois iniciámos as questões, tentando sempre conversar com as crianças para deixá-las mais à vontade.

Como afirma Goldenberg (1997 cit. Boni & Quaresma, 2005), para se realizar uma entrevista e um trabalho de campo eficaz e satisfatório é necessário criar um ambiente agradável e de confiança para com o entrevistado e tentar ser neutro. Além disso, conhecer bem as perguntas e o guião previamente realizados é o caminho certo para que se façam perguntas claras e se obtenham respostas objetivas que vão ao encontro dos objetivos da investigação, o que tornará a entrevista bem-sucedida (Boni & Quaresma, 2005).

Assim, as entrevistas e o grupo focal decorreram de forma positiva, calma, dentro do tempo que pensámos inicialmente e sem grandes interrupções. É de salientar a recetividade e a demonstração de interesse por parte de todos os participantes em responder ao que era pedido, o que facilitou a recolha de informação.

No que diz respeito às dificuldades sentidas, o que apontamos são as questões do tempo entre as entrevistas aos diferentes intervenientes, que foram uma grande barreira para dar continuidade ao estudo, nomeadamente à análise da informação recolhida, análise de conteúdo entre outros. Outro aspeto a apontar será talvez o nervosismo da entrevistadora antes dos momentos recolha de dados, mas que, assim que dávamos início, acabava por passar e a entrevista seguia naturalmente, acompanhando o diálogo de cada participante e interagindo de forma fluída de forma a colocar outras questões que achássemos pertinentes no decorrer das entrevistas.

No entanto, as entrevistas decorreram como previsto, ainda que num caso específico se tenham verificado respostas mais curtas mesmo com o nosso esforço em desenvolver alguns aspetos. Já no grupo focal, as nossas expectativas eram de não conseguir tanta informação pela timidez das crianças, mas o facto de as termos colocado à vontade para se expressarem ajudou muito a que todos interagissem e dessem respostas muito pertinentes, tanto que, foi o momento mais demorado. Fazemos assim uma avaliação positiva tanto das entrevistas como do grupo focal, uma vez que todos os agentes se mostraram interessados, participativos e recetivos ao diálogo.

5. Análise e discussão dos dados

Ao longo das partes anteriores, foram apresentados e aprofundados os conceitos de participação e cidadania, a questão da escola como espaço de participação e explicados os procedimentos metodológicos empregues neste estudo, para que agora, estivéssemos preparados para analisar e interpretar as respostas dos participantes tanto no grupo de discussão focalizada como às entrevistas efetuadas e pudermos, mais tarde responder à nossa pergunta de partida, “*quais as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar?*”.

A análise de dados é um ponto crucial na investigação. Após recolher os dados torna-se necessário analisar e interpretá-los. Assim, após as entrevistas e a sua devida transcrição (Apêndice F), passamos à análise dos dados, partindo de uma organização sistemática (Amado, 2013, p. 299). Como referem Bodgan e Biklen (1994, p. 225), “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspetos importantes do que deve ser apreendido e a decisão do que vai ser transmitido aos outros.”

No presente trabalho, utilizámos a técnica da análise de conteúdo uma vez que nos permitiu categorizar a informação recolhida através das entrevistas, questionários abertos de documentos escritos e, neste caso, também do grupo de discussão focalizada. Além disso, é uma técnica flexível que se adapta às estratégias e técnicas de recolha de dados utilizadas e que nos dá a oportunidade de fazer inferências interpretativas a partir dos conteúdos expostos depois de separados por categorias, classificando a informação recolhida (Amado, 2013, p. 14).

Assim, após a transcrição das entrevistas (Apêndice F), foram elaboradas as grelhas de análise de conteúdo dessas mesmas (Apêndice H), onde se sintetiza a informação recolhida para observar de forma geral as opiniões dos participantes e depois conseguirmos compará-las. De seguida, avançamos para o cruzamento dos dados das entrevistas, do grupo de discussão focalizada e dos documentos analisados (projeto educativo da escola), utilizando também a revisão bibliográfica previamente apresentada.

5.1 Apresentação dos Dados

Tabela 1 Análise da Categoria Participação

	Crianças	Professores	Elementos da Direção
Agir	3		
Cooperar	1		
Criatividade	1		
Participação voluntária ou solicitada	4	1	
Participação oral/escrita		1	
Empenho		1	
Voz das crianças		1	
Gestão escolar		1	
Grande importância			1
Participação direta através dos professores			1
Papel dos adultos na escola			
Ensinar	2		
Cuidar	1		
Educar	1		
Proteger	1		
Repreender	1		
Papel das crianças na escola			
Cooperação	1		
Aprender	1		
Estudar	1		
Brincar	2		
Partilhar	1		
Valorização da participação por parte da criança			
Falta de certezas			1
Existência de valorização			2
Benefícios da participação			
Muitos			1
Muito ao nível da cidadania			1
Aprendizagem com gosto		1	
Superar objetivos		1	
Mais motivação e autonomia		1	
Obstáculos à participação da criança			
Crítica dos pares		2	
Fase da adolescência		1	1

Falta de motivação		1	
Falta de noção da realidade da escola pela criança			1
Muitos obstáculos (criança/família/escola/falta de aceitação)			1
Facilitadores da participação da criança			
Professores		1	
Escola		2	
Boa relação escola-família		1	
Interesse dos alunos		1	
Momentos de escuta			
Verificação da valorização de opiniões	1		1
Estratégias da organização/modelo organizacional			1

(1,2, 3 e 4) Corresponde ao número de vezes que cada subcategoria é mencionada.

No que diz respeito à categoria da participação, tendo em conta a análise das categorias que surgiram através dos discursos das crianças, dos professores e dos elementos da direção, podemos perceber que surgiram várias opiniões muito distintas. As crianças afirmam que para si, participação significa Agir, cooperar e criatividade dizendo que participar é: *“Entrar em alguma coisa, num projeto”*; *“É ajudar uma pessoa num trabalho”*; *“É dar ideias”*.

Já os professores veem a participação como participação voluntária ou solicitada, a participação oral/escrita, o empenho, voz das crianças, participação na gestão escolar e revelam que, *“A participação da criança é sempre que a criança pode dar a sua opinião voluntariamente ou quando pedida por um adulto”*; *“(…) a sua opinião pode ser sobre o modo organizacional da escola, sobre as atividades que se desenvolvem, sobre as regras da escola. Para mim isto é dar voz às crianças, ter uma opinião sobre”*; *“A participação das crianças pode ser oral, escrita (…) é o também o empenho, o entusiasmo e o interesse que elas mostram durante uma atividade”*. Ainda sobre a participação, as crianças quando questionadas sobre a participação nas aulas têm uma opinião em comum com os professores, visto que referem que nas aulas participam tanto por iniciativa própria

como quando é solicitada, explicando que para uns depende da disciplina, para outros é mais por iniciativa própria e para outros é mais quando é solicitada: *“Depende da disciplina, ciências só mesmo se a prof me obrigar, só talvez em inglês é que é por iniciativa”*; *“A nós só a professora de inglês é que pede, a de português faz lá uns percursos esquisitos e em ciências é quem levantar o dedo”*; *“Eu meto mais o dedo no ar.”*

Quanto aos elementos da direção percebem a participação como sendo de grande importância e que a participação acontece de forma direta através dos professores: *“Dentro da instituição é muito importante, não só da criança, mas dos outros agentes que conosco trabalham”*; *“eu diria que participam através de uma forma mais direta digamos assim, dos professores, do professor titular, que tem momentos em que podem apresentar as suas opiniões as suas propostas para a vida e funcionamento da escola, penso que é fundamentalmente por aí, no caso das crianças”*.

Dentro da categoria da participação surgem ainda diferentes subcategorias como é o caso do papel dos adultos na escola, que as crianças interpretam como o papel de cuidar, de educar, de proteger, mas também um papel mais rígido de repreender, por exemplo: *“Ensinam”*; *“Dão-nos aulas”*; *“Cuidam de nós”*; *“Educam-nos”*; *“Os funcionários também participam!”*; *“Protegem-nos”* mas, por outro lado referem alguns aspetos menos positivos, *“Berram conosco. A nossa turma às vezes porta-se mal, mas não é a turma inteira! Só alguns”*.

Já quando foram questionadas sobre o papel das crianças na escola, as crianças levantaram aspetos e até saberes/competências importantes como a cooperação, aprender, estudar, brincar e partilhar: *“Ajudamos-mos uns aos outros”*; *“Ajudamos os professores”*; *“Aprendemos”*; *“Brincamos e comemos”*; *“Partilhamos comida”*. Como referido, as crianças percebem o papel que têm na escola de estudar, *“Estudamos”*, mas também destacam o seu papel menos positivo, *“Portamo-nos mal!”*. Sobre estas duas subcategorias não foram encontradas menções por parte dos professores ou dos elementos da direção.

A próxima subcategoria que surgiu, apenas, no discurso dos elementos da direção sobre participação foi a valorização da participação por parte da criança e, quanto a esta foram reveladas diferenças no sentido em que, um dos entrevistados revelou falta de certezas quanto a este assunto: *“Tenho algumas dúvidas, isto porque, eles acham que*

devem ter voz, mas depois quando lhes perguntamos “então e o que é que achas que devia melhorar?” muitas vezes já não sabem o que hão de dizer”. Outro entrevistado, mostrou-se convicto da existência de valorização da participação por parte das crianças: “Valorizam, embora à primeira vista possa não parecer, mas de facto eles valorizam. Primeiro porque se sentem envolvidos e depois porque sentem que na verdade as suas propostas são concretizadas, que são úteis, que são aproveitadas e, portanto, são valorosas no fundo”.

Quanto aos benefícios da participação, os elementos da direção afirmam que são muitos e ao nível da cidadania e do desenvolvimento pessoal: *“Muitos, mesmo muitos. (...) Hoje o aluno tem na mão dele não sei quantas vezes mais informação do que aquela que o professor lhe possa transmitir, portanto a criança deve ter um papel muitíssimo ativo na construção do seu saber e, portanto, o professor deve só e apenas orientar a forma como o aluno adquire informação, determinados conteúdos da sua disciplina e daí é o aluno que vai. Obviamente orientado, mas é o aluno que vai”*; *“Muito ao nível da cidadania. Da cidadania e eu diria também como crescimento pessoal e nós vamos percebendo que temos jovens que realizam um percurso que nós conhecemos que é de uma participação ativa nas instituições em que estão integrados e têm uma atitude diferente daqueles que não tiveram essa experiência”*. Já os professores mencionam o facto de que se os alunos participarem vão ter uma aprendizagem com gosto, vão superar objetivos e também revelar mais motivação e autonomia.

A próxima subcategoria surge com os obstáculos à participação da criança que segundo os professores podem acontecer devido à crítica dos pares, à fase da adolescência e à falta de motivação: *“Às vezes até é a crítica dos pares, eu estou a pensar por exemplo nas minhas aulas (...)”*; *“Há também crianças mais sensíveis à crítica dos pares e às vezes os colegas podem ter atitudes menos corretas”*; *“Não tanto na faixa etária da infância porque eu tenho uma visão transversal da educação desde o 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e secundário, mas noto mais na fase da adolescência”*; *“Às vezes nós temos dificuldades de chegar a todos os alunos e às vezes a falta de motivação de alguns alunos é um obstáculo, mas temos de os conquistar também”*. Os elementos da direção apontam como obstáculos a falta de noção da realidade da escola por parte da criança e obstáculos internos e externos à escola e à criança afirmando que: *“Por um lado ele próprio não ter muito bem noção da realidade da escola, porque uma coisa é eu achar que devia ser*

assim ou de outra maneira, outra coisa é sabermos a realidade com que se gere uma escola ou uma sala de aula e aí pode não ser exequível a sua opinião”; *“Obstáculos são muitos. Desde logo da própria criança podem existir obstáculos, da própria família, das instituições, da própria escola”*. As crianças não fazem referência a este tema.

Já como facilitadores da participação, os professores indicam a escola, os próprios professores, o interesse dos alunos e a boa relação escola-família: *“Acho que o que facilita a participação somos nós escola e nós professores que damos ou tentamos dar a abertura necessária ao aluno para se expressar e dar a sua opinião, acabamos por lhes dar alguma segurança e confiança para não terem medo de se manifestar”*; *“Sempre uma boa relação da família com a escola também. A família é essencial e se os pais valorizarem a escola”*; *“Outro facilitador é o tema ser sempre do interesse dos alunos”*. Os elementos da direção neste ponto, falam sobre os momentos de escuta efetuados com os alunos, a verificação da valorização de opiniões e as estratégias da organização, afirmam que: *“Facilita a participação se nós tivermos muitos momentos para que as crianças o façam e façam livremente e depois consigam ver o reflexo na prática da sua opinião”*; *“Nós temos por acaso ao nível do ensino básico e secundário reuniões regulares, promovemos as assembleias de delegados de turma de maneira regular e, portanto, esta organização facilita”*. Neste aspeto, os alunos tal como os elementos da direção, também valorizam o facto de as suas opiniões serem refletidas na prática, *“Acho que quando falamos eles escutam e “mudam”*. *A nossa DT todas as opiniões ela aponta num caderno”*.

Tabela 2 Análise da categoria Participação: Escola

	Crianças	Professores	Elementos da Direção
Indicadores da participação da criança na escola			
Conhecimento e informação		1	
Personalidade da criança		1	
Sentimento de felicidade na escola			2
Capacidade para aprender			1
Clima de escola			2

Sentimento de envolvimento e responsabilização			1
Níveis de disciplina			1
Oportunidade de participação das crianças nas dimensões; espaço, materiais, tempo, projetos e atividades, organização de grupos			
Limitações: tempo, espaço e bens materiais		2	
Desigualdades		1	
Opiniões sobre a escola			
Aprender	1		
Conviver com amigos	1		
Cooperação	1		
Praticar desporto	1		
Estudar	1		
Participar	1		

(1,2, 3 e 4) Corresponde ao número de vezes que cada subcategoria é mencionada.

Olhando para os dados, no que diz respeito à categoria Participação: Escola, surgiu como primeira subcategoria os indicadores da participação da criança na escola. Deste modo, os professores apontaram como principais indicadores, o conhecimento e informação, *“Em primeiro lugar eles têm de estar esclarecidos. Portanto eu diria, que os indicadores são principalmente conhecimento e informação. À partida se já houver informação e conhecimento estão mais habilitados a poder participar”*.

Já os elementos da direção referiram, o sentimento de felicidade na escola e a capacidade para aprender, como mencionado: *“Eu diria “como quer aprender”, diria “uma escola feliz” e um “aluno capaz”. Ou seja, como eu gostava de aprender e assim sinto-me bem a aprender, “uma escola feliz” porque se ele se sentir feliz no ambiente da escola vai querer sempre vir para a escola e a escola só tem um ambiente feliz se ele conseguir participar nela também com a sua opinião e por último ele sentir-se capaz de fazer a sua própria aprendizagem porque um aluno se não se sentir capaz cada vez vai ser menos interventivo”*. Por outro lado, relacionam o clima de escola com o sentimento de envolvimento e responsabilização e os níveis de disciplina: *“Se tivermos uma participação dos alunos de uma forma mais massiva o clima de escola é completamente diferente. Desde logo porque os alunos se sentem envolvidos e se sentem responsabilizados e, portanto, a nossa estratégia passa muito por aí e em situações*

pontuais inclusivamente de algum caso de indisciplina é também por aí que nós vamos, é envolver os delegados de turma por exemplo, no sentido de eles participarem na resolução do problema. E de facto esse para mim é o indicador fundamental, é o clima de escola, são os níveis de disciplina que se conquistam, é a satisfação dos alunos, que é outro aspeto em que nós pretendemos investir”.

De seguida emerge a subcategoria Oportunidade de participação das crianças nas dimensões; espaço, materiais, tempo, projetos e atividades, organização de grupos, na qual, os professores assinalam a existência de algumas desigualdades e limitações no que diz respeito ao tempo, ao espaço e aos bens materiais, por exemplo: *“Isso é que é um problema. Nós ao nível da cidadania temos 1 semestre para trabalhar limita os projetos (...) Ora, se existem alunos que não tenham a mesma posse financeira que outros acabam por se gerar desigualdades. Existem até alunos com muitas ideias, mas como os projetos são suportados pelas famílias, as ideias não são postas em prática porque as famílias não conseguem apoiar”; “Ao nível de espaço e bens materiais estamos limitados também porque a escola não tem e não há verba para comprar. Apesar de tentarmos usar sempre materiais reciclados, existem coisas que são precisas e as famílias apoiam nesse sentido”.*

Por último, nesta categoria surgiu uma subcategoria só mencionada pelas crianças quando lhes foi questionado sobre as opiniões que têm sobre a escola. Todos revelaram opiniões positivas e distintas, isto é, veem a escola como um espaço para aprender, estudar, para conviver com amigos, praticar desporto e ainda como um espaço para participar e onde se ajudam uns aos outros, como se pode verificar: *“Aprender; “Conviver com os amigos”; “Fazer desporto”; “Estudar e participar nas aulas” e “Ajudar-nos uns aos outros”.*

Tabela 3 Análise da Categoria Participação: Ensino e aprendizagem

	Crianças	Professores	Elementos da Direção
Importância da participação no processo de ensino e aprendizagem			
Sentimento de pertença		1	
Voz das crianças		1	
Vontade do aluno		1	
Gosto no que fazem		1	
Projeto MAIA		1	
Processo de avaliação	4	1	
Negociação		1	
Aprendizagem dos professores com os alunos	4		
Estímulos para a participação			
Oportunidades dadas pelos adultos/escola		1	2
Trabalho de pares		1	
Metodologia de trabalho de projeto		1	
Envolvimento da família		1	1
Consciencialização das crianças para a participação			1
Temas do interesse dos alunos	1	1	
Diferentes formas de participação dos alunos			
Existem diferenças		2	
Aprendizagem comprometida		1	
Estimular a participação em projetos		1	
Outros tipos de participação devem ser valorizados		1	
Questões de personalidade		1	
Práticas pedagógicas ativas>alunos ativos			2
Funcionamento da avaliação			
Projeto MAIA		2	
Fichas de avaliação		2	

Trabalhos individuais e de grupo		1	
Questões de aula		1	
Envolvimento/ Escolha dos alunos	2	2	
Avaliação de professores	4		

(1,2, 3 e 4) Corresponde ao número de vezes que cada subcategoria é mencionada.

A categoria Participação: Ensino e aprendizagem, permitiu descobrir algumas subcategorias após a análise dos discursos nas entrevistas efetuadas. Encontramos então como primeira subcategoria, a Importância da participação no processo de ensino e aprendizagem e percebemos que, para além de considerarem importante a participação dos alunos no seu processo de ensino, os professores encontram vários indicadores dentro deste assunto que fazem com que os alunos participem, ou seja, o sentimento de pertença, a voz das crianças, a vontade do aluno, gosto no que fazem. Apontam também que através do projeto MAIA (Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica) que está a ser implementado na escola, os alunos estão mais envolvidos no seu processo de aprendizagem e também no processo de avaliação. Aprendem, ainda, a negociar e a decidirem eles próprios os instrumentos de avaliação utilizados, *“(...) se não sentirem pertença naquilo que estão a fazer, não sentirem que também está lá a sua voz e a sua vontade não vão ter vontade de fazer e se sentirem que aquilo que estão a fazer também tem participação sua, como é obvio, vão fazê-lo com muito mais gosto”*; *“O aluno deve participar sempre no processo de ensino-aprendizagem e nós até com o projeto MAIA queremos também a participação no processo de aprendizagem, mas também no seu processo de avaliação e também estamos por exemplo a negociar com eles os instrumentos de avaliação, por isso é muito importante que participem”*. No que respeita a esta subcategoria, os alunos mencionaram que existe também aprendizagem dos professores com os alunos e não só o contrário: *“Às vezes os professores também aprendem connosco!”*; *“No que tem mais a ver com coisas mais modernas, por exemplo nas tecnologias”*. Não existiram referências dos elementos da direção no que concerne a esta subcategoria.

Apresentaram-se várias opiniões no que toca aos estímulos para a participação, entre as oportunidades dadas pelos adultos/escola; o trabalho de pares a metodologia de trabalho de projeto; o envolvimento da família a consciencialização das crianças para a

participação e a utilização de temas do interesse dos alunos. Os professores referem, por exemplo que *“tem de se abrir espaço para elas poderem ter a sua opinião”* e *“A participação das crianças na escola pode ser incentivada através do trabalho de pares por exemplo, através das metodologias de trabalho de projeto... envolver os pais em projetos (...)”*. Os elementos da direção concordam com os professores, dizendo que *“Para incentivar devemos ser mesmo nós escola a dar-lhe possibilidade que ela fale e motivá-la para que o faça (...)”* e que *“(...) se calhar tem de ser a escola a fazer essa ligação para que a criança perceba que pode e deve dar a sua opinião”*. Ainda neste sentido, as crianças referem que é importante abordarem temas do interesse dos mesmos, mas que isto não acontece por vezes e explicam que, *“A nossa professora é um pouco maluca, ela mete lá temas buéda esquisitos”*; *“Ya, um dos trabalhos que fizemos foi sobre a verdadeira história do pai natal...”*; *“Só a de “o pai natal era verde” é que era fixe de apresentar”*.

Sobre a subcategoria diferentes formas de participação dos alunos, podemos verificar que na perspetiva dos professores existem diferentes formas de participação entre os alunos, que a aprendizagem fica mais comprometida pela falta de participação e que é necessário estimular a participação através de projetos isto é: *“Sim, eu julgo que os alunos que participam mais e que estão mais habituados a dar a sua opinião e a participarem mais ativamente, mesmo sem ser a opinião, a participar em projetos, a desenvolver projetos, são alunos que adquirem competências para a vida, adquirem aprendizagens e desenvolvem aprendizagem que realmente os alunos que participam menos não desenvolvem (...) Portanto lá está, uma aprendizagem estimulada para a participação”*. Por outro lado, analisando o discurso de outro professor, percebemos que outros tipos de participação devem ser valorizados e que a falta de participação advém, por vezes, de questões de personalidade da criança: *“Há crianças que não participam tanto por uma questão de personalidade, mas quando essa participação lhes é solicitada, acabam por corresponder também. Mas nós não podemos só olhar para a participação tendo em conta os alunos extrovertidos, porque os alunos que são mais tímidos e introvertidos têm outro tipo de participação que também dever ser valorizada (...)”*.

Os elementos da direção levantam outra questão dentro desta subcategoria, isto é, o facto de se utilizarem práticas pedagógicas ativas, o que tornará os alunos mais ativos e participativos: *“Esse é se calhar o grande ponto de partida para a transformação que*

é, não só na opinião dos alunos como em tudo e que é o facto das práticas pedagógicas ativas é fundamental, fundamental que isto altere e a partir do momento que eu tenho uma prática pedagógica ativa, o aluno é ativo na sala de aula, se é ativo na sala de aula automaticamente a sua vontade, o seu interesse e a sua opinião conta. Portanto tudo isso se interliga para que o aluno seja valorizado por isso”; “o caminho tem de ser por metodologias ativas, por participação ativa e sem dúvida que isso fomenta a participação dos alunos em todos os outros contextos”. No entanto, quanto a este tema, foi discutida a dificuldade em implementar tais metodologias em algumas situações, devido ao facto de a escola possuir, na sua maioria, uma classe docente com uma idade já avançada que não é recetiva a este tipo de metodologias devido muitas vezes à educação com que se depararam ao longo da vida. Afirmam ainda que “os alunos através das reuniões de delegados, transmitem que estão muito ansiosos que de facto as práticas sejam nesse sentido de participação dos alunos e, portanto, que não seja a aula tradicional do século passado em que o professor é que é o conhecedor de tudo é que é o dono do saber e que transmite conhecimento e que os alunos aprendem ou não e, portanto, este público que temos atualmente nas escolas”.

Por fim, na subcategoria relativa ao funcionamento da avaliação, foi mencionado pelos professores o envolvimento e a escolha dos alunos no que toca à avaliação e mencionam o Projeto MAIA (Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica), afirmando: *“Até por causa do projeto MAIA, porque questionamos-lhes quais os processos de avaliação pelos quais gostariam de ser avaliados tendo em conta a turma em questão”*. Para além disso, enumeram os vários métodos de avaliação utilizados, como fichas de avaliação, trabalhos individuais e de grupo e questões de aula. Os alunos também concordam que são envolvidos e que eles próprios escolhem alguns métodos de avaliação, *“Os professores costumam pedir para fazermos a nossa autoavaliação e depois os outros fazem-nos a heteroavaliação”*; *“Ya, a nós a professora disse que nós tínhamos que escolher e nós escolhemos as formas de nos avaliar, testes e apresentações orais”*. As crianças também se pronunciaram sobre a avaliação (ou não) de professores e todos concordaram que se deve avaliar os professores por várias razões: *“Sim. Eu acho que devemos avaliar para eles saberem se precisam de mudar alguma coisa”*; *“Sim. Porque o aluno até pode ser bom aluno só que não percebe*

a maneira de como o professor explica”. Não surgiram referências a esta subcategoria nas entrevistas com os elementos da direção.

Tabela 4 Análise da categoria *Envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola*

	Crianças	Professores	Elementos da Direção
Transmissão de informação sobre projetos às crianças			
As crianças são informadas		2	
Deveriam ser informados			1
Diferenças nos níveis de ensino			1
Não passa como desejado			1
Existência de partilha de atividades e projetos	4		
Manifestação de pontos de vista e opinião tida em conta			
Assunto relativo		1	
Alunos não são ouvidos em algumas situações		1	
Depende dos professores		1	
Opinião das crianças é tida em conta: nos projetos da escola e no processo de avaliação		1	
Envolvimento constante		1	
Sempre que possível			2
Iniciativa dos alunos em iniciar projetos			
Não existentes		1	
Poucas iniciativas devido à idade		1	
Ainda não têm iniciativa no geral			1
Existência de iniciativa			1
Colaboração entre crianças e adultos			
Verifica-se a colaboração		2	2
Participação na organização e planeamento de projetos/atividades			
Só nas atividades	1		
Projetos das disciplinas	3		
Projetos dentro da organização	1		

(1,2, 3 e 4) Corresponde ao número de vezes que cada subcategoria é mencionada.

A próxima categoria foca-se no Envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola e compreende a subcategoria de transmissão de informação sobre projetos às crianças, onde se conseguiu identificar através dos discursos dos professores que, de facto, as crianças são informadas sobre os projetos tanto das disciplinas como da escola, *“É assim, em particular na cidadania, sim (...)”*; *“São. Aliás como eu já disse nós temos por base a metodologia de trabalho de projeto e o subtema desse projeto a trabalhar é decidido pelos alunos, as atividades que desenvolvem são também discutidas com os alunos, portanto os alunos são sempre envolvidos nos projetos e isso é essencial para que eles possam participar”*. Pelo contrário, os elementos da direção afirmam que a informação não passa como desejado, mas que se está a caminhar nesse sentido e que as crianças deveriam ser mais informadas: *“Deveriam ser, se não são deveriam ser”*; *“Não tanto quanto desejaria, mas sim, digamos que estamos a fazer caminho nesse sentido, porque na verdade nós temos diversos projetos e digamos que no secundário já temos um nível diferente de participação e de envolvimento e eu diria mesmo que aí que há projetos em que os alunos são responsáveis por todas as fases do projeto, desde a sua conceção à sua finalização”*.

Na perspetiva das crianças verifica-se a existência de partilha de atividades e de projetos.

Dentro da subcategoria manifestação de pontos de vista e opinião tida em conta, um dos professores admite que este é um assunto relativo, que os alunos não são ouvidos em algumas situações e que isto também depende dos professores *“Isso é muito relativo. Eu não lhe vou dizer que em todas as aulas de cidadania isso acontece porque isso também depende muito dos professores (...)”*. Por outro lado, temos a opinião de outro professor, que relativamente a este assunto nos diz que a opinião das crianças é tida em conta tanto nos projetos da escola como no processo de avaliação e que existe um envolvimento constante das mesmas, *“Sim. É tida em conta nos projetos da escola, mas também é já tida em conta no seu processo de avaliação, na medida em que negociamos com os alunos os instrumentos de avaliação que mais se adaptam àquela turma, portanto eles estão constantemente envolvidos”*.

Os dois elementos da direção concordam quando dizem que sempre que possível a opinião é tida em conta, mas que muito frequentemente esta escuta não tem efeitos reais: *“Como fui percebendo em muitos casos sim, aliás nessas reuniões que fui fazendo com*

os delegados de turma em muitos casos sim, mas na verdade ainda temos situações em que nem sequer são ouvidos, ou se são ouvidos depois as suas propostas não são ouvidas, ou se são ouvidos, depois as suas propostas não são atendidas”.

Na subcategoria iniciativa dos alunos em iniciar projetos os professores apontam a inexistência e a pouca iniciativa devido à idade: *“Por iniciativa deles é raro. Realmente os alunos por iniciativa própria não fazem nada e têm uma instituição dentro da instituição que é a AE onde podiam promover ações partindo deles e não vejo isso a acontecer, não sei se é porque não têm conhecimento que o podem fazer ou se é mesmo falta de vontade”*; *“Nesta idade é complicado porque eles ainda são muito jovens, mas se nós iniciarmos eles aí já vão e já se sentem à vontade, agora eles tomar a iniciativa não (...)”*. Quanto aos elementos da direção, um dos entrevistados menciona que as crianças no geral não têm iniciativa de iniciar projetos e outro afirma a existência das mesmas: *“Ainda não têm, no global ainda não têm. Espero que essa questão seja uma questão que fosse daqui a 10 anos quase que banal”*; *“Têm, têm. Nós temos em diversos momentos alunos, grupos de alunos que se organizam isoladamente e que vêm ter connosco apresentar-nos propostas de projetos e de atividades e que nós avaliamos com eles e depois na medida do possível concretizamos ou ajudamos a concretizar, mas há de facto iniciativa e iniciativa, alguma dela com valor, com interesse e que acaba por ser concretizada completamente pelos alunos”*.

Quanto à colaboração entre crianças e adultos, tanto os professores como os elementos da direção referem que se verifica a colaboração entre crianças e adultos, *“Sim. Existe colaboração desde logo nos projetos que são desenvolvidos ao longo do ano e acredito também que dentro da sala de aula também se verifique”*.

Por último, sobre a participação na organização e planeamento de projetos/atividades os alunos evidenciam que participam só nas atividades, nos projetos das disciplinas e nos projetos dentro da organização.

Tabela 5 Análise da categoria Estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças

	Crianças	Professores	Elementos da Direção
Debates		1	
Focus group		1	
Metodologias ativas de trabalho		1	
Votações		1	
Ferramentas tecnológicas (formulários google; power point; plataforma Canva)	4	2	
Trabalho de pares		1	
Assembleias de delegados			1
A cooperação e opinião de todos conta			1
Projetos de intervenção/alteração na escola			2
Exigência em termos de números de projetos			1
Vários projetos (ao nível de turma, interturmas, entre anos de escolaridade, para a comunidade...)			1
Gabinetes de apoio (Gabinete de apoio ao aluno; gabinete de apoio personalizado)			1
Espaços destinados à participação das crianças na escola (espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)			
Semana DAC (Domínios da Autonomia Curricular)	1	2	
Clubes (Para Saberes)	1	2	
Associação de Estudantes		1	2
Empreendedorismo júnior		2	
Qualquer espaço (sala de aula, exterior, biblioteca...)		1	1
Assembleia de delegados			2
Gabinete dos elementos da direção			1

Todo o recinto escolar (rampas, campo de futebol, pavilhão A)	4		
Participação em projetos de âmbito local que envolvem a escola e a comunidade			
Existência de participação			1
Projetos da escola			1
Projetos de empreendedorismo da CM			1
Ao nível nacional e internacional			1
Divulgação das iniciativas dos alunos à comunidade educativa e não escolar			
Site do Agrupamento		2	2
Redes Sociais		2	2
Divulgação no Cineteatro Alba		1	
Blog de Escrita do Agrupamento		1	

(X) Corresponde ao número de vezes que cada subcategoria é mencionada.

No que diz respeito às estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças, podemos perceber que são várias. De acordo com os discursos dos professores, são utilizados focus group, metodologias ativas de trabalho, trabalho de pares e ferramentas tecnológicas como formulários google, power point, plataforma Canva entre outros, *“Debates, trabalho em grupo, focus group ou metodologias ativas de trabalho”*; *“(…)Nós utilizamos o power point, o Canva para fazer vídeos/cartazes, utilizamos o Google Forms também, o Kahoot”*. As crianças, neste ponto também fizeram referência à utilização de ferramentas tecnológicas, por vezes de uma forma menos positiva: *“Nós ontem usámos o computador para umas olimpíadas, mas, de resto, apresentam vídeos...”*; *“O professor de HGP é que raramente apresenta alguma coisa, só apresentou uma vez um vídeo acho eu. É só ele mesmo a falar e a explicar as coisas”*.

Os elementos da direção salientam outras estratégias, como por exemplo: as assembleias de delegados, os projetos de intervenção/alteração na escola, a exigência em termos de números de projetos, vários projetos ao nível de turma, interturmas, entre anos de escolaridade, para a comunidade e os gabinetes de apoio (Gabinete de apoio ao aluno; gabinete de apoio personalizado), *“(…)esses momentos de audição com os delegados de turma, nós temos a assembleia de delegados isso já temos há muito tempo(…) para além disso, temos vários projetos onde os alunos têm opiniões, como disse aquele de intervenção no conselho que podia também ser na escola alguns projetos apareceram de*

intervenção e de alteração na escola, principalmente espaço exterior da escola. Portanto, ou seja, a voz do aluno neste momento a vários níveis tem de ser potenciada ao máximo para que seja o aluno a dizer como quer aprender... ”.

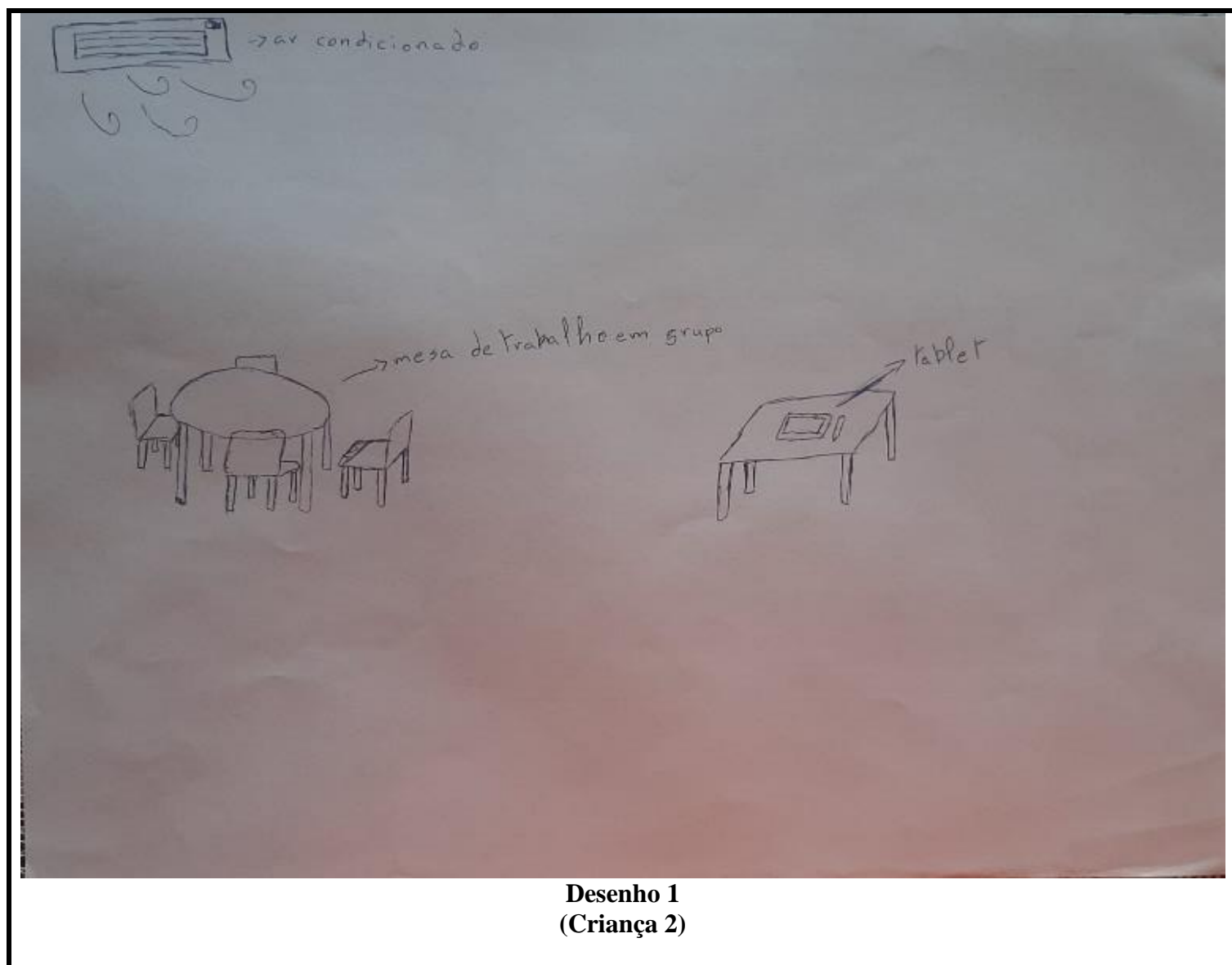
Na subcategoria espaços destinados à participação das crianças na escola (espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar), existiram algumas respostas em comum entre os entrevistados. Por exemplo, tanto os alunos como os professores assumiram a semana DAC e os Clubes (Para saberes) como espaços de participação. Para além disso os professores e os elementos da direção fizeram referência à associação de estudantes, ao empreendedorismo júnior e a outros espaços dentro da instituição como a sala de aula, o espaço exterior e a biblioteca, *“Eles têm uma semana DAC (Domínios da Autonomia Curricular) eu acho que os alunos aí também têm uma participação porque eles elaboram projetos e têm a possibilidade também no empreendedorismo (5/6º ano) em que eles têm a oportunidade de dar a sua voz. E depois têm vários clubes, de resto não tenho conhecimento”*. Outro dos espaços de participação enumerados pelos elementos da direção foram a assembleia de delegados e os gabinetes dos elementos da direção *“Noutro âmbito esta porta mesmo que esteja entreaberta está sempre aberta para qualquer aluno. Portanto mesmo que não sejam momentos formais eles sabem que podem vir falar connosco e estamos sempre abertos a qualquer ideia nova, desde que seja exequível...”*. Para além disso, quando questionámos as crianças sobre quais os espaços que frequentavam mais na escola, indicaram todo o recinto escolar, mas mais espaços no exterior, como o campo de futebol.

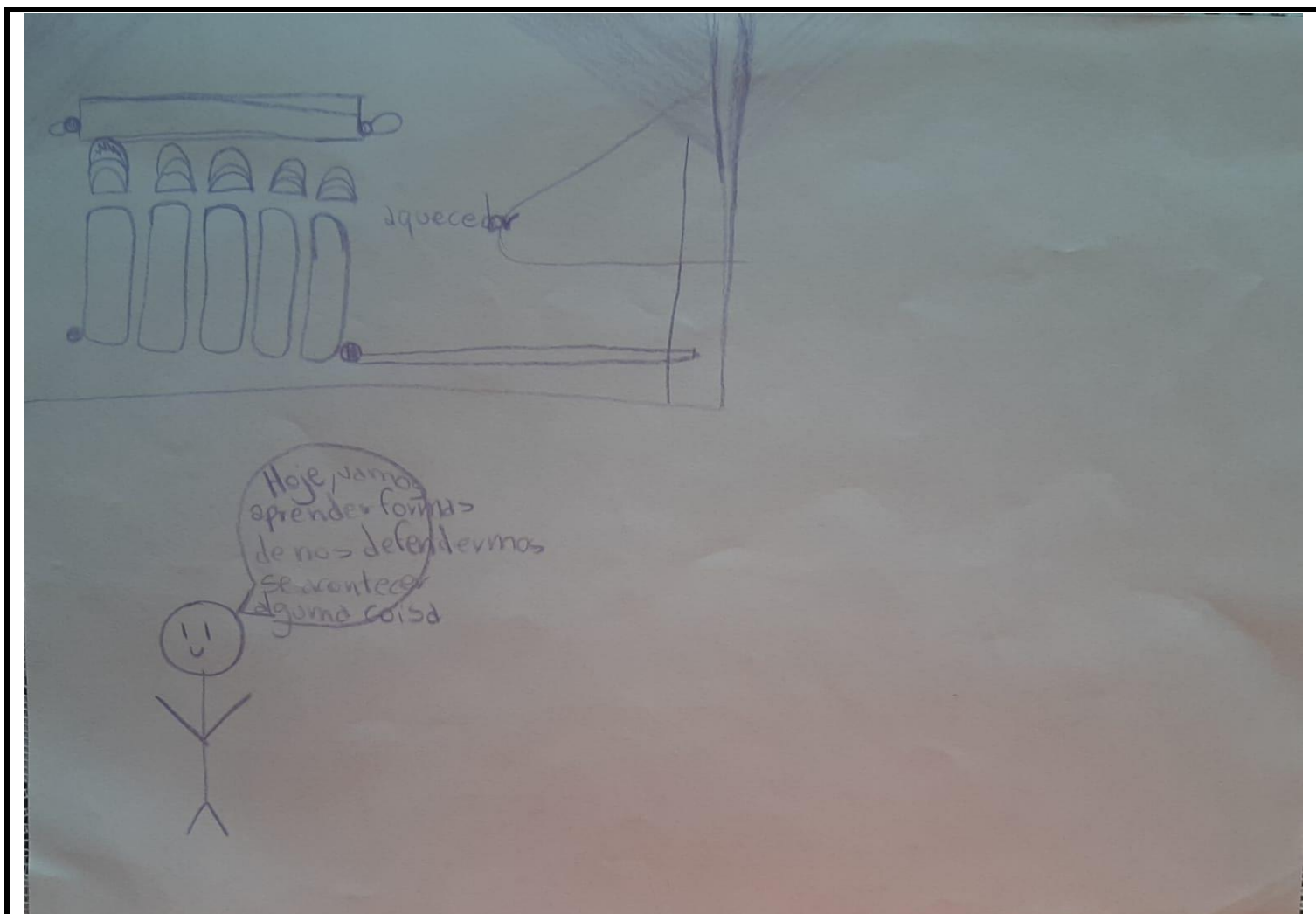
Ainda no âmbito desta categoria surgiu, através do discurso dos elementos da direção, o critério da participação em projetos de âmbito local que envolvem a escola e a comunidade, no qual os entrevistados afirmam a existência de participação em projetos da escola, nos projetos de empreendedorismo da Câmara Municipal e em projetos ao nível nacional e internacional, *“Sim, sim. Projetos nossos e também para além disso, os projetos de empreendedorismo que são os projetos que são lançados pela Câmara Municipal com muitíssimas turmas por ano, por ciclo...”*.

Quanto à divulgação das iniciativas dos alunos à comunidade educativa e não escolar esta realiza-se essencialmente, de acordo com os professores e os elementos da direção, essencialmente através do site e das redes sociais do agrupamento. Além disso, acrescentam ainda a divulgação de projetos no Cineteatro Alba e no Blog de escrita do

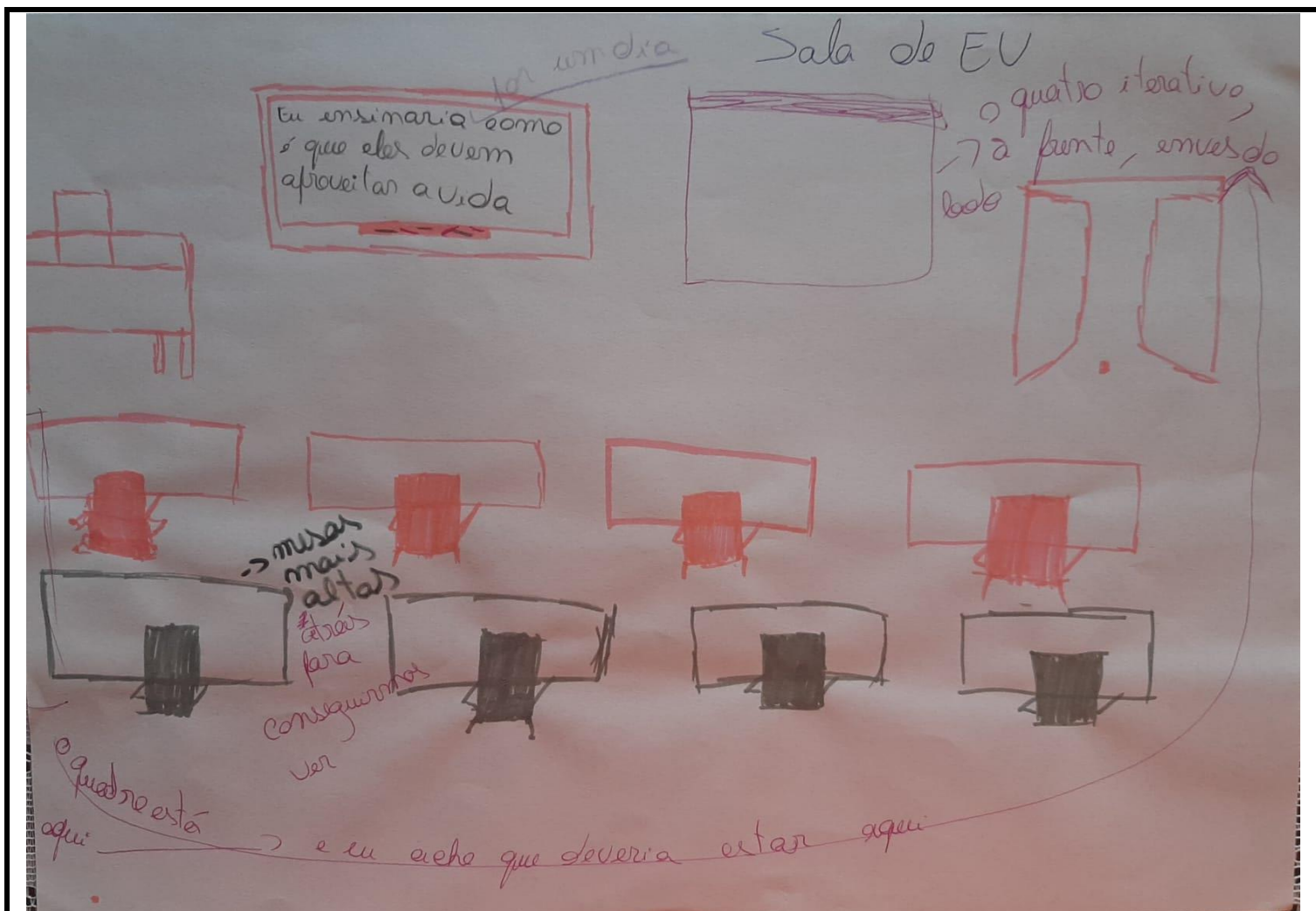
agrupamento, “São, cada vez mais divulgadas, se calhar não pelos meios mais adequados, mas no mínimo localizamos na nossa página Web e nas nossas redes sociais”.

Tabela 6 Análise da categoria Mudanças que devem ser efetuadas na escola do ponto de vista das crianças

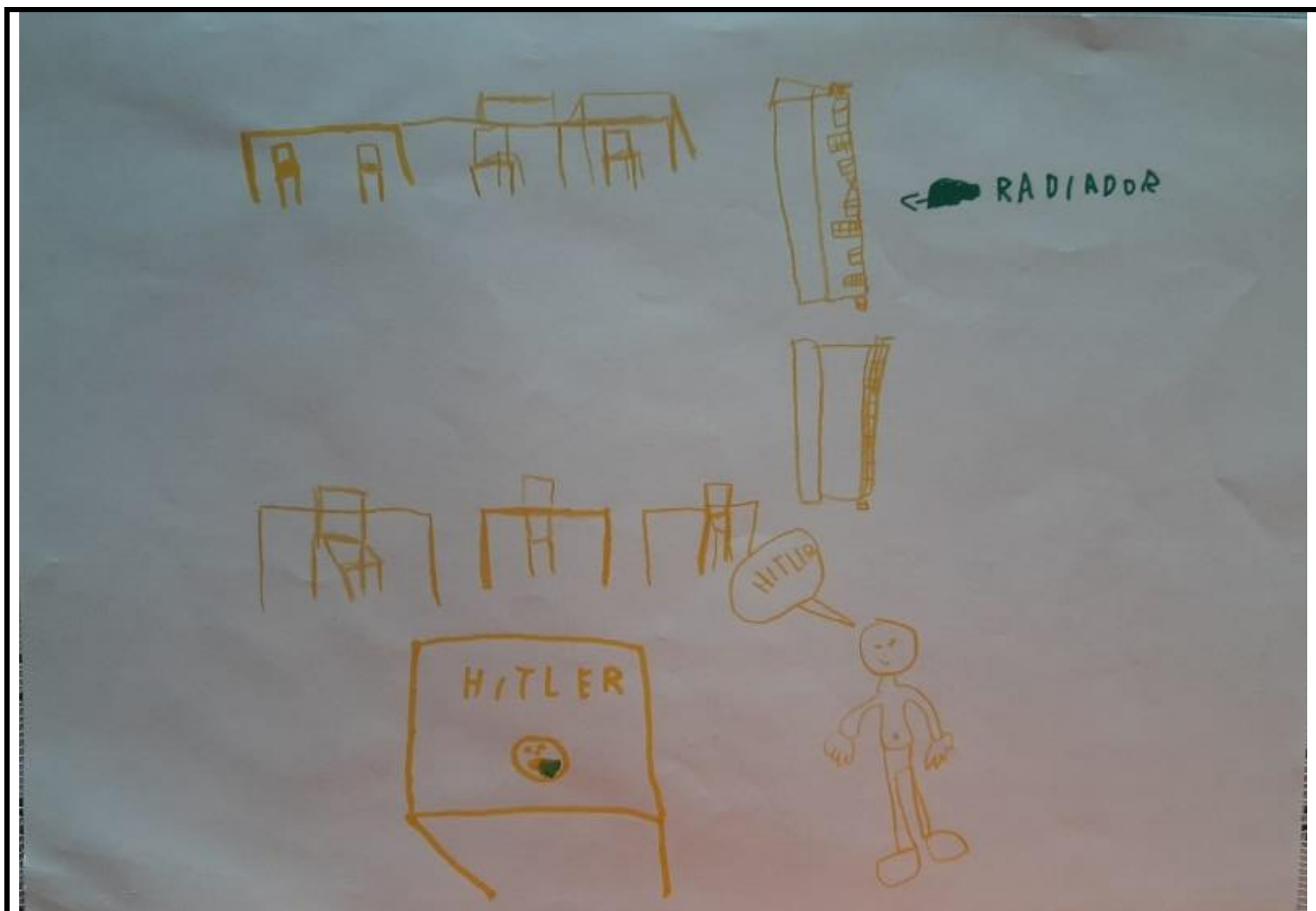




**Desenho 3
(Criança 4)**



Desenho 2
(Criança 3)



Desenho 4
(Criança 1)

No âmbito do grupo de discussão focalizada, foi solicitado às crianças que desenhassem o que mudariam na escola e o que gostavam de ensinar aos seus alunos se fossem professores e daí surgiu mais uma categoria, mudanças que deviam ser efetuadas na escola do ponto de vista das crianças. Algumas das crianças desenharam só sobre o que gostariam de mudar dentro das salas de aula, talvez por serem os seus principais utilizadores e de ser o espaço que consideram mais importante para aprender ou talvez porque não conseguem conceber que existem outros espaços de participação em que elas poderiam atuar. Outras desenharam também o que gostariam que existisse na sua escola e ainda o que o que ensinariam enquanto professores.

Assim, no primeiro desenho a criança colocou um ar condicionado dentro das salas, uma mesa redonda para trabalho em grupo e uma mesa com um tablet em cima para poder pesquisar as temáticas abordadas nas aulas.

No segundo desenho vemos mais elementos, a criança em questão quis ilustrar uma sala de Educação Visual da escola e mostrou que mudaria as mesas, tornando-as mais altas na zona mais afastada do quadro para poderem ver melhor, mudaria também o quadro interativo de sítio, colocando-o de frente para as mesas e não num dos lados. Para além disso, expressou que gostaria de ensinar aos seus alunos por um dia *“como é que eles devem aproveitar a vida”*.

No terceiro desenho a criança apenas muda o aquecedor porque afirma que por vezes faz frio nas salas durante o inverno. Contudo, gostaria de ensinar aos seus alunos formas de se defenderem, *“Hoje, vamos aprender formas de nos defendermos se acontecer alguma coisas”*.

Mais uma vez, no quarto desenho a criança ilustrou também que os aquecedores deviam ser alterados e que gostaria de ensinar aos seus alunos mais sobre a história do Hitler.

5.2 Discussão dos resultados

Os dados recolhidos permitiram compreender que a participação das crianças na escola é uma temática cada vez mais discutida e que se estão a unir esforços ao nível tanto da escola, como da educação no geral, sendo isto reflexo de uma maior consciência social para o “problema”. Os entrevistados afirmam que a própria sociedade tem vindo a mudar a sua posição face à participação da criança, muito em parte por causa das alterações no processo de ensino e do papel da criança na sociedade. Como refere um dos entrevistados, *“Hoje o aluno tem na mão dele não sei quantas vezes mais informação do que aquela que o professor lhe possa transmitir, portanto a criança deve ter um papel muitíssimo ativo na construção do seu saber”*.

Quanto a isto, após escutar as “vozes” das crianças sobre este aspeto percebemos que estas têm uma visão mais abrangente e mais consciente do que significa participar, visto que englobam a ação, a cooperação e a criatividade como parte desse processo, o que vai ao encontro do conceito já estudado de Bank (1994) no qual percebemos que a

participação é um processo no qual são partilhadas iniciativas, decisões e recursos. De acordo com Tomás (2007), a participação reforça a valorização pessoal e social dos indivíduos, pois faz com que estes se sintam parte do processo e as crianças caracterizam muito bem este aspeto dizendo que participação “É entrar em alguma coisa, num projeto”, é “Estar em algum sítio/fazer parte de algo”. Além disso, Hart (1992) corrobora com a ideia das crianças de que participação também significa cooperação, uma vez que atribui à participação o poder de desenvolver jovens socialmente mais responsáveis e cooperativos e o torna num adulto psicologicamente saudável.

Já os adultos focam-se mais na participação das crianças nas aulas, referindo que esta pode ser voluntária ou solicitada, oral ou escrita, através do professor e, mencionam também a participação na gestão escolar dando “*opinião sobre o modo organizacional da escola...*”. No entanto, como refere Tomás (2007), participar não significa apenas dar opinião, mas também influenciar os processos de decisão que dizem respeito à negociação entre adultos e crianças/jovens sobre questões relacionadas com os mesmos e o seu desenvolvimento.

No que diz respeito ao papel dos adultos na escola, as crianças têm presente a ideia de que estes assumem o papel de as ensinar e educar, como em Duarte (2002), a escola assume o papel de ensinar conhecimentos e competências necessárias à sociedade e aos processos de socialização. Reconhecem, também, um papel mais rígido de repreensão nos adultos e tendo isto em conta sabemos que a escola é um órgão que serve para regular as normas e regras da convivência social e que apresenta problemas interpessoais, entre outros.

Já sobre o papel das crianças na escola, as respostas destas vão ao encontro do que que é esperado que aconteça na escola, visto que focam aspetos como aprender, cooperar e estudar e, como refere Duarte (2002) a escola tem como missão atender ao desenvolvimento desses mesmos aspetos. Contudo, as crianças combinam estes aspetos com outras competências importantes, como brincar e partilhar, reconhecem ainda que por vezes têm maus comportamentos.

Acerca dos benefícios da participação, as opiniões não são muito diferentes entre os elementos da direção e os professores, visto que uns afirmam que as crianças beneficiam principalmente ao nível da cidadania e do desenvolvimento pessoal e outros afirmam que o facto de os alunos participarem significa que vão ter uma aprendizagem

com gosto, vão superar objetivos e vão revelar o desenvolvimento de competências ao nível da autonomia. É interessante perceber que de facto os adultos têm a consciência de como a participação das crianças pode favorecer o seu desenvolvimento enquanto cidadão e ator social, dotado de valores, atitudes, competências e habilidades que contribuem para a formação da sua personalidade como já mencionado por Sampaio (2017) na revisão da literatura realizada acima neste trabalho.

Como obstáculos à participação, encontramos nos discursos que recolhemos a crítica dos pares, os obstáculos da própria criança que podem ser a fase da adolescência e a falta de motivação, bem como a “falta de noção da realidade da escola”, a própria instituição e obstáculos externos à escola, como a família. Sobre a falta de motivação, sabemos que se devem ser adotadas dinâmicas e mecanismos para que o aluno mantenha o interesse (Porvir, 2017).

Para além disso, como refere um dos entrevistados “por vezes temos dificuldade em chegar aos alunos” e sobre isto sabemos que também é necessário permitir que os alunos façam escolhas sobre o seu percurso educativo, isto porque o que para alguns pode funcionar, para outros pode não fazer sentido e, por isso, devem ser preparadas alternativas e opções interessantes e acessíveis para que se sintam valorizados e motivados (Porvir, 2017).

Na revisão da literatura vemos ainda que para colmatar esta “falta de noção da realidade da escola por parte dos alunos” torna-se importante envolvê-los na procura de soluções para os desafios da escola, por exemplo na gestão democrática da escola. Quem escuta, tem de estar aberto às diferentes opiniões, dar feedback sempre que possível, ser transparente e real, nem muito, nem pouco ambicioso (Porvir, 2017).

Já como facilitadores, a recolha de dados permitiu identificar a escola, os próprios professores, o interesse dos alunos, a boa relação escola-família, os momentos de escuta efetuados com os alunos e a verificação da valorização de opiniões. Neste aspeto, os alunos tal como os elementos da direção valorizam o facto de as opiniões da criança serem refletidas na prática.

De facto, foram alguns destes cenários que encontrámos aquando da pesquisa, ou seja, o estabelecimento de uma comunicação clara e regular com os alunos, o considerar da coautoria e a corresponsabilização, bem como as opiniões/sugestões dos alunos serem postas em prática (Porvir, 2017).

Também é interessante e faz sentido ser mencionada a relação escola-família pelos entrevistados, uma vez que segundo Lima (1992), a escola é assumida como uma extensão da família, devido à sua função de complementar o seu papel educativo através da sua organização.

No que diz respeito à participação na escola, como já visto, foram discutidos indicadores como: o conhecimento e informação; a personalidade da criança; o sentimento de felicidade na escola; a capacidade para aprender; o clima de escola; o sentimento de envolvimento e responsabilização e os níveis de disciplina. Neste sentido, também é reconhecido pela literatura que a criança, como cidadão tem o direito de fazer escolhas de forma informada e influenciar as decisões dos adultos, pois tem opiniões próprias que devem ser ouvidas quando os assuntos lhe dizem respeito (Sampaio, 2017). Pelo que se verificou em Formosinho & Formosinho (2013), é realmente importante o sentimento de envolvimento e responsabilização, considerando que as aprendizagens devem ser negociadas com as crianças para que estas se sintam parte do processo e tenham a oportunidade de participar na sua própria aprendizagem.

Ainda nesta categoria e sobre as oportunidades de participação das crianças nas dimensões espaço, materiais, tempo, projetos e atividades, os professores admitiram existirem limitações no que respeita ao tempo, espaço e bens materiais, o que se traduz em algumas desigualdades. A literatura diz-nos que é importante criar sempre condições e espaços que estimulem a participação das crianças e que sejam ajustadas à sua realidade. Devemos perceber que há espaços que não estão ainda adequados a contextos de participação e que devem ser impulsionados neste sentido. Já no que diz respeito às dinâmicas de participação, torna-se necessário averiguar se as estruturas e os espaços calculam os impactos da mesma (Prout, Simmons e Birchall, 2006).

Passando à categoria participação: Ensino e aprendizagem, os professores dão a entender que consideram importante a participação das crianças no seu processo de ensino, apontando como consequências positivas da participação o facto de sentirem que os alunos são ouvidos quanto à sua vontade e apontam igualmente o sentimento de pertença naquilo eles fazem. Como já vimos, é necessário permitir que os alunos façam escolhas sobre o seu percurso educativo, isto porque o que para alguns pode funcionar, para outros pode não fazer sentido e, por isso, devem ser preparadas alternativas acessíveis para que os alunos se sintam valorizados e motivados (Porvir, 2017).

Na escola analisada, podemos perceber através dos discursos que se estão a unir esforços para que os alunos sejam mais envolvidos tanto no seu processo de aprendizagem como no processo de avaliação através do projeto MAIA (Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica).

Foi bastante interessante perceber que as crianças sabem que não são só eles que aprendem com os adultos, mas que também os ensinam “Às vezes os professores também aprendem connosco!” porque como sabemos a participação é um processo dual de socialização (Tomás , 2007).

No que concerne aos estímulos para a participação, os professores e os elementos da direção referiram nos seus discursos que os estes passam muito pelas oportunidades que são dadas pelos adultos e pela escola. Sobre isto, sabemos que, pelo contrário, num local onde não ocorre a oportunidade de participação, as crianças perdem a oportunidade de exprimir opiniões, pensamentos, experiências, medos, vontades e dúvidas. Assim, o diálogo permite-lhes perceber, negociar e transformar as suas perceções sobre eles e o mundo (Graham & Fitzgerald, 2010).

Existem diferentes formas de participação adotadas pelos alunos e como referem os professores, isto deve-se em alguns casos a questões de personalidade dos mesmos. Ora como já temos visto anteriormente, há sempre crianças que são mais extrovertidas e expressivas e outras que são mais tímidas ou que têm dificuldade em se expressar (Porvir, 2017). Esta falta de participação, segundo os professores pode levar a uma aprendizagem mais comprometida e para que isso não aconteça assinalam que é necessário estimular a participação em projetos, valorizar todos os tipos de participação e, como referem os elementos da direção, utilizar práticas pedagógicas ativas no processo de ensino.

Estas estratégias vão ao encontro do que nos fala Cunha (2018), ou seja, refere que a criança é dotada de competências de acordo com o seu desenvolvimento, tendo autonomia para expressar opiniões e ter um papel ativo nas mais diversas responsabilidades sociais, incluindo projetos que lhes digam respeito, visto que estas devem ser as primeiras a serem consultadas.

No entanto, é igualmente importante abordarmos que, pelos discursos dos entrevistados, existem dificuldades em adotar este tipo de estratégias em algumas situações, devido à idade avançada da maioria da classe docente que não está tão recetiva a este tipo de metodologias.

Como sabemos pela pesquisa efetuada ao longo deste trabalho estamos num momento de quebra com o modelo de escola tradicional unicamente de aquisição de conhecimentos, porém ainda há um caminho a percorrer com base no que foi mencionado nas entrevistas.

O novo modelo procura promover uma aprendizagem focada no aluno, com o desenvolvimento de competências e estratégias de aprendizagem ao longo da vida, para que estejam preparados para enfrentar eventuais desafios do mundo do trabalho e das novas tecnologias. Isto implica uma reformulação e evolução da cultura organizacional, quer nos seus objetivos, conteúdos, tempos, espaços e formação/especialização de professores (Neves, 2013).

Relativamente ao processo de avaliação, pelos discursos de professores e crianças, cada vez mais há um envolvimento dentro deste tema, os alunos são questionados e fazem as suas escolhas quanto aos instrumentos de avaliação e à sua autoavaliação. Para além disto, as crianças também mencionaram que os professores deveriam ser avaliados por eles e explicam porquê: “devemos avaliar para eles saberem se precisam de mudar alguma coisa”.

No que toca ao envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola, tanto as crianças como os professores indicam a existência de informação e partilha de atividades e projetos. Por outro lado, temos os elementos da direção que referem que a informação não passa como desejado. Quando se trata da manifestação de pontos de vista e a opinião das crianças tida em conta, também notamos contradições, por exemplo, um dos professores assume que é um assunto relativo, que não são ouvidos em algumas situações e que depende dos professores. Já noutra perspetiva, a opinião das crianças é tida em conta, tanto nos projetos da escola como no processo de avaliação e que há um envolvimento constante. Na nossa visão, os elementos da direção tentam manter-se no centro das duas opiniões, dizendo que a opinião das crianças é tida em conta “sempre que possível” ou que “em muitos casos sim”, mas partilharam que existem situações em que nem sequer são ouvidas, ou se são ouvidas, as propostas não são atendidas.

Em relação à questão da iniciativa dos alunos em iniciar projetos, a opinião, à exceção de um entrevistado, é semelhante à de que no geral não existem iniciativas, ou que são poucas “devido à idade”. Por outro lado, há a exceção de um dos elementos da

direção que considera que as crianças têm essa iniciativa e que se organizam para apresentarem propostas de projetos e atividades aos órgãos da direção.

Sobre este ponto, algumas das crianças, dizem que participam só nas atividades, outros só nos projetos das disciplinas e outros ainda referem que participam nos projetos dentro da organização.

Neste sentido, apoiando-nos na escada da participação já estudada, construída por Hart (1992), ficamos na incerteza em que degrau da participação se encontra esta escola, visto que apresenta indícios do 5º degrau, consulta e informação, no qual os adultos têm o papel principal, isto é, o projeto continua a ser pensado e dirigido pelos adultos, mas as opiniões das crianças são tidas em conta, para além de serem informadas dos desenvolvimentos e poderem sugerir melhorias.

Também se notam traços do 6º degrau, a iniciativa do projeto é dos adultos, que partilham decisões com a criança, ou seja, as duas partes participam ativamente no desenvolvimento do projeto. Sendo assim, existe uma interação dinâmica e cooperante entre adultos e crianças.

Por último, quanto às estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças, estas passam essencialmente por assembleias de delegados, pela cooperação e escuta das opiniões dos alunos e pelo envolvimento em projetos de intervenção/alteração na escola. Além disso, as crianças bem como os professores, também apontaram a utilização de ferramentas tecnológicas por parte destes últimos.

Tendo em conta estes discursos por parte dos entrevistados, percebemos, através da revisão da literatura, que estas estratégias vão ao encontro daqueles que são os facilitadores da participação. De acordo com Porvir (2017), deve-se promover a participação dos alunos em projetos da sua autoria, quer sejam atividades educativas realizadas pelos alunos ou a melhoria de um local, defesa do ambiente ou diminuição de conflitos. Por outro lado, devem-se envolver os mesmos na procura de soluções para os desafios da escola, ou seja, na gestão democrática da mesma, como em assembleias e conselhos que promovam a participação efetiva e onde podem dar as suas perspetivas sobre problemas, como a indisciplina, o orçamento da escola e as dificuldades de aprendizagem e ajudar a implementá-las.

Para além disso, combinam também com a Lei nº 30/2002 que Aprova o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior, ou seja, que se devem incluir as crianças/jovens na

participação em órgãos de administração e gestão da escola; que se devem eleger alunos enquanto representantes para cargos e funções; os jovens, têm igualmente o direito de apresentar críticas e sugestões sobre o funcionamento da escola, de participar em iniciativas de ocupação de tempos livres e nas várias atividades da escola, bem como no processo de auto e heteroavaliação (Diário da República, 2002).

Os espaços apontados pelos professores e pelos elementos da direção na escola como destinados à participação das crianças também se focam nos aspetos acima referidos, isto é, espaços como a assembleia de delegados, sendo que todos identificam igualmente a semana DAC (Domínios de Autonomia Curricular) e os clubes (designados de para saberes). Já os professores e os elementos da direção, reconhecem ainda a Associação de Estudantes, o empreendedorismo júnior, os gabinetes dos órgãos da direção, entre outros. As crianças, focam-se mais no espaço exterior da escola onde brincam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a importância e os benefícios da participação da criança ao nível da cidadania e do desenvolvimento pessoal sejam admitidos, ao longo dos discursos dos entrevistados, não se mostram claramente nem totalmente assumidos quanto à sua implementação na prática institucional, na interação quotidiana entre os professores, elementos da direção e crianças, nem na forma como organizam o contexto educativo.

Talvez não seja a intenção dos adultos em não escutar as vozes das crianças, mas perante os seus discursos acabam por transparecer a ausência da participação efetiva quando se trata de considerarem os seus pontos de vista. Em alguns momentos até foi possível perceber que os professores possuem uma imagem tradicional sobre a criança, visto que referem que estas não revelam muitas iniciativas “devido à idade”, quando na verdade sabemos que este pensamento contraria a vontade de mudança. Como já vimos, segundo Trevisan (2014), esta é uma ideia de incompetência baseada na idade e na maturidade, unicamente relacionada com a dependência e protecionismo de adultos para com as crianças.

Quanto ao supramencionado, sabemos também que a criança é dotada de competências à medida que se desenvolve e que tem autonomia para expressar opiniões

e ter um papel ativo nas mais diversas responsabilidades sociais, incluindo projetos que lhes digam respeito (Tomás, 2007).

Para além disto, é importante e interessante pararmos para pensar que esta “incompetência baseada na idade” foi um dos pontos fulcrais que nos incentivou à realização do trabalho de projeto dentro desta temática. O currículo extenso que os professores tinham para dar, independentemente dos interesses e/ou dificuldades dos alunos leva à falta de motivação que também é mencionada e reconhecida nos discursos dos entrevistados. Ora, sendo que há anos que vimos sentindo o mesmo, o que mudou?

A participação das crianças, para além de ser um direito é, também, um assunto que envolve sempre novas estratégias e políticas públicas que visam incluir e valorizar os jovens como seres singulares, com autonomia e ideias próprias, podendo expressar-se e identificar os seus interesses e necessidades (Cunha, 2018). De acordo com o referido autor, a participação e a preocupação em estimular e entender a voz das crianças/jovens prende-se de forma clara com a questão da cidadania (Teixeira, 2015), visto que tanto a escola como os professores têm como missão capacitar os alunos para a vida pessoal e profissional (Oliveira, 2010), enquanto cidadãos participativos, democráticos e dotados de competências socioemocionais (Cunha, 2018).

Ainda relacionado com estes aspetos, percebemos que os obstáculos à participação apontados pelos elementos da direção são “a falta de noção da realidade da escola”. Consideramos, no entanto, que este pensamento é que se torna de facto num obstáculo, uma vez que os professores e os dirigentes da instituição têm o papel de educar de forma clara as crianças para esta tal realidade do funcionamento da escola, fazendo assim com que estas possam participar de forma consciente e efetiva. Aliás, como já pudemos verificar, são identificados como inibidores de participação o falhar no estabelecimento de uma comunicação clara e regular, assim como não disseminar informações relevantes e manipular a participação dos alunos (Porvir, 2017).

Acerca da participação no ensino e aprendizagem, os professores reconhecem que é importante existir a participação das crianças no processo de ensino, procurando integrá-las no mesmo afirmando que isto desenvolve na criança o sentimento de pertença naquilo que estão a fazer e a aprendizagem com mais gosto. Porém, fica pouco clara que esta tentativa vá ao encontro de uma participação ativa das crianças, isto porque os professores focam-se na teoria, ou seja, evidenciam que estão a utilizar um projeto que está a ser

implementado (Projeto MAIA) para que os alunos sejam mais envolvidos no seu processo de aprendizagem e avaliação, contudo, como pudemos verificar as crianças não o reconhecem, nem reconhecem os espaços de participação, nem se sentem estimuladas para tal. Apenas constata-se que é importante abordarem temas nas aulas que sejam do seu interesse, mas que isto nem sempre acontece. Assim, depreendemos que as crianças não são escutadas tanto quanto deveriam ser sobre os temas abordados, apenas se limitam a escolher ou a fazer o que os professores já têm delineado.

Quanto à avaliação, as crianças ainda reconhecem que os professores lhes costumam pedir para escolher as formas de os avaliarem, mas fica a questão: será que os alunos realmente percebem o porquê de isto lhes ser pedido ou só escolhem porque é efetivamente o plano e o projeto que está a ser implementado no âmbito escolar?

Ainda assim, partilham que também eles ensinam os professores, mais no que diz respeito “às novas tecnologias” e que é importante avaliá-los “para eles saberem se precisam de mudar alguma coisa”.

No que diz respeito a este assunto, para além dos professores, os elementos da direção também percebem que práticas ativas de ensino levam a uma participação mais ativa e que isto passa pela execução de estratégias da escola. Afirmam ainda que ouvindo os alunos, compreendem o facto de estes estarem ansiosos para que as práticas mudem no sentido de se desprenderem das aulas tradicionais e que se veja de facto a participação da criança. No entanto, também remetem para a dificuldade de utilizar este tipo de práticas devido à idade da classe docente que teve outro tipo de metodologia de ensino ao longo da vida, o que pode indicar que podem não estar dispostos a mudar.

Tudo isto coincide com o que nos transmite Neves (2013) sobre a quebra do modelo tradicional de ensino, no qual se procura promover uma aprendizagem mais focada no aluno, com o desenvolvimento de competências e estratégias de aprendizagem ao longo da vida. Porém, isto implica uma reformulação e evolução da cultura organizacional, quer nos seus objetivos, conteúdos, tempos, espaços e formação/especialização de professores.

Daqui podemos compreender e concordar que, tal como Tomás & Gama (2011, p.18) chamam a atenção, existem nesta escola diferentes representações e perceções sobre a participação da criança, na medida em que “(...) Por um lado, a ideia da criança

enquanto sujeito passivo que continua a dominar nos discursos e as práticas sociais; e, por outro, o discurso emergente nas escolas da valorização da participação das crianças”.

Passando às questões do envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola, podemos verificar que os professores têm opiniões dispares em relação aos elementos da direção, porque enquanto uns assumem que a informação é passada como deveria acerca dos projetos e que os alunos são envolvidos nos mesmos, outros, como é o caso dos elementos da direção, admitem que a informação não passa como deveria. Além disso, as crianças unicamente dizem que existe a partilha de atividades e projetos, mas não passam a ideia de serem envolvidos como deveriam.

É reconhecida, pelos adultos, a iniciativa dos alunos em tentar iniciar projetos a partir da apresentação das suas ideias. De facto, percebe-se que estas são acolhidas, mas não é evidente que exista uma tentativa de promover o interesse dos alunos em participarem nem em fomentar estratégias para que o façam de forma mais frequente. Apesar disto, já se encontram algumas ferramentas facilitadoras da participação, como a escuta das crianças nas assembleias de delegados e em reuniões que promovam a participação efetiva e onde podem dar as suas perspetivas sobre problemas, como a indisciplina, mudanças ou alterações no espaço escolar e a falta de metodologias ativas de trabalho (Porvir, 2017).

Quanto às estratégias utilizadas pela escola para promover a participação dos alunos, percebemos que os professores e os elementos da direção apontam várias e positivas, no entanto, os alunos só reconhecem a utilização de ferramentas tecnológicas (nem sempre) e chegam mesmo a dizer que por vezes há professores que só “falam e explicam as coisas” sem apresentar exemplos, ou arranjar estratégias mais interessantes que os cativem. Para além disso, as crianças não reconhecem outros espaços de participação, à exceção da parte do brincar no exterior e da sala de aula, uma vez que quando tiveram hipótese de desenhar algo que mudariam na escola, desenharam/mudaram unicamente coisas que reconheciam como espaços de participação, neste caso as salas de aula.

Fazendo um balanço sobre os pontos referidos, com este estudo percebemos de facto quais são as representações de professores e alunos no que diz respeito à participação da criança e fica a evidência que os professores e quem está a dirigir o contexto escolar nem sempre têm a interpretação adequada do que deve ser a participação

da criança, visto que não se podem considerar estratégias adequadas ou eficazes se as crianças não o reconhecem nem sentem o mesmo. Refletimos que é fundamental que a participação da criança no ambiente escolar deva ser fomentada desde cedo e por isso foi criada a proposta de intervenção *Clube da Participação* que abaixo se apresenta.

Por fim, considera-se fundamental que os profissionais da área da educação sejam formados para um caminho de transformação que assegure o direito à participação das crianças (Neves, 2013), valorizando a iniciativa das mesmas e incentivando a expressão das suas opiniões garantindo que estas sejam de facto ouvidas, reconhecidas, respeitadas e tidas em conta na tomada de decisão.

Para além disso, escutar as crianças na escola significa melhorar a vida democrática e pedagógica das salas de aula, formando cidadãos mais críticos e participativos que, enquanto as suas reflexões são escutadas, aprendem a dialogar, trocar pontos de vista, respeitar regras e chegar a um consenso sobre acordos (Campenhoudt, Quivy, & Marquet, 2019).

PARTE III. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

Clube da Participação

1. Introdução

O desenho do *Clube da Participação* é um projeto de intervenção com base no Trabalho de Projeto do Mestrado em Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Este Mestrado procura desenvolver nos estudantes a capacidade de olhar para a comunidade, promovendo a capacidade de compreensão e análise de diferentes questões socioeducativas. Tem também como objetivo a elaboração de propostas de intervenção de projetos em contextos institucionais e comunitários.

Foi neste contexto que partindo da análise dos dados recolhidos na parte empírica do trabalho, a partir da auscultação das crianças, dos professores e dos elementos da direção sobre as representações do que é a participação da criança em contexto escolar que se desenhou o projeto de intervenção que aqui se apresenta.

Nos discursos das entrevistas reconhece-se a importância da participação das crianças no contexto escolar e no seu processo de ensino. No entanto, verifica-se a falta de mais estratégias que permitam que as crianças tenham um papel efetivo e ativo na construção do seu saber, nos projetos e também atividades da escola.

Como já referido este é apenas um desenho de um projeto de participação na escola que poderá ser aplicado posteriormente.

Os clubes escolares segundo Pinto (2014), surgiram como uma prática educativa para a realização das atividades extracurriculares, porém, os clubes podem desenvolver também atividades de complemento ao currículo lecionado. Para além disso Pinto (2014) ainda afirma que os clubes são espaços onde se partilham vivências e se estabelece a oportunidade de as crianças expressarem as suas opiniões fazendo assim com que as atividades possam ter também direcionadas para os interesses e perfis das crianças. Permitem ainda a cooperação entre crianças e a socialização, mas também a convivência com os professores, a comunidade e a família, alargando assim os seus objetivos educativos.

É importante perceber também que os clubes escolares são promotores de um contexto não formal dentro do espaço da escola e que, ainda assim, segundo Cuenca (1987

p.32 cit. por Pinto, 2014), devem seguir certas regras, como: a organização extracurricular; o acesso não obrigatório; a espontaneidade de associação; as necessidades (gostos ou interesses comuns); a existência de um objetivo comum e a auto-organização das próprias atividades (na qual as crianças devem participar de forma efetiva).

2. Objetivos

O objetivo geral do projeto de intervenção é o de intervir na comunidade, mais que isso, é proporcionar e possibilitar às crianças a vivência de experiências de participação.

Defendendo a participação como um “direito pedagógico” (Bernstein, 2020), desenharam-se os objetivos específicos a trabalhar no Clube da Participação: os direitos das crianças (Tomás, 2007), a tomada de decisões (Fernandes, 2005) e consequências das mesmas, refletir sobre questões da cidadania (Sampaio, 2017; Cunha, 2018), desenvolver competências socioemocionais, bem como identificar situações e estratégias facilitadoras/inibidoras da participação das crianças e jovens no seu contexto escolar (Porvir, 2017) criando, estratégias para melhorar ou alterar alguns aspetos. Tudo isto partindo dos discursos da criança, uma vez que se defende que “A criança tem o direito de exprimir os seus pontos de vista, obter informações, dar a conhecer ideias e informações, sem considerações de fronteiras” (UNICEF, 2019, p.13). Procura-se também estimular a sua criatividade, dando-lhes a oportunidade de exprimirem os interesses (Lima, 1992; Duarte, 2002), as necessidades e as dificuldades que sentem, no que concerne à temática da participação.

Pretende-se que este projeto possa também servir como um instrumento útil para a direção dos Agrupamentos e para os próprios professores. Isto porque se propõe que este seja um espaço, um clube, onde se promove a participação da criança, se escuta as suas vozes relativamente ao seu processo de ensino e ao contexto escolar no geral, para que possam sair dali ideias, atividades ou projetos da iniciativa das crianças, iniciados por elas e em que as decisões são partilhadas com os adultos. Assim, será um espaço em que crianças e adultos participam em parceria em torno de um objetivo comum (8º degrau da escada de participação de Hart (1992)) ou como Shier (2001) defende, no 5º nível de

participação em que as crianças partilham poder e responsabilidade na tomada de decisão sobre assuntos que lhes dizem diretamente respeito no contexto escolar.

3. Campo de ação, contextos de intervenção e participantes

A implementação deste projeto será da responsabilidade dos estabelecimentos de ensino e focará em específico as crianças que frequentam a escola, embora que, como já referimos toda a comunidade educativa irá beneficiar com o mesmo.

Pensamos que, na escola analisada esta proposta fosse bem recebida uma vez que no projeto educativo, é possível verificar a existência de projetos e clubes como: o *Ciência na Escola – Fundação Ilídio Pinho*, o *Clube de Robótica* e o *Desporto Escolar* e também porque foi demonstrado interesse em continuar a melhorar no que diz respeito a práticas de participação das crianças.

Ainda que a proposta de intervenção não tenha sido aplicada, é de salientar que se considera pertinente que esta fosse posta em prática tanto na escola em que recolhemos informação, quanto em todas as que se percebesse essa necessidade e com qualquer nível de ensino.

4. Estratégias

As estratégias deste projeto passam por apresentar à direção do Agrupamento X a proposta da criação de um clube de participação, cujo o objetivo será: o trabalho sobre os direitos das crianças (Tomás, 2007), a tomada de decisões (Fernandes, 2005) e consequências das mesmas, refletir sobre questões da cidadania (Sampaio, 2017; Cunha, 2018), desenvolver competências socioemocionais, bem como identificar situações e estratégias facilitadoras/inibidoras da participação das crianças e jovens no seu contexto escolar (Porvir, 2017).

Neste sentido, pretende-se planificar sessões semanais com a duração de 60 minutos, para crianças a partir do 1º ano até ao 4º ano e do 5º até ao 7º ano de escolaridade com um máximo de 15 crianças por grupo. Defende-se que a participação e a cidadania andam lado a lado e que só podem ser desenvolvidas através de experiências vividas. Também se defende que quanto mais cedo as crianças tiverem experiências de

participação verdadeira, mais competências a este nível irão desenvolver, daí, que se proponha que este clube abra as portas a crianças a partir do 1º ano de escolaridade.

Pretende-se fazer uma apresentação aos alunos desta escola sobre este clube, na qual estes poderão perceber que se pretende criar um espaço onde poderão “expressar os seus pontos de vista, obter informações, dar a conhecer ideias e informações, sem considerações de fronteiras” (UNICEF, 2019, p.13), estimulando-lhes a criatividade, dando-lhes a oportunidade de exprimirem os interesses (Lima, 1992; Duarte, 2002), as necessidades e as dificuldades que sentem, no que concerne à temática da participação.

Estas sessões serão dinamizadas por uma profissional especializada, usando estratégias lúdicas, expressivas e socioeducativas no sentido de promover um ambiente em que se sintam motivadas (Prout, Simmons & Birchall, 2006), seguras, criativas e participantes.

Em suma, este projeto baseia-se no princípio de que a participação das crianças é o motor do seu desenvolvimento enquanto cidadão e ator social, dotado de valores, atitudes, competências e habilidades que contribuem para a formação da sua personalidade. Como já se defendeu, sabemos que quando participam, as crianças desenvolvem a sua autonomia, reforçando outras competências como, a iniciativa, a autoestima, a motivação, a confiança, criatividade e liberdade podendo exercer os seus direitos nas diversas situações com que se deparam (Sampaio, 2017). No fundo, pretende-se criar um espaço onde as crianças possam praticar uma participação genuína na sua experiência educativa, na qual possam ser consideradas no presente – como seres humanos – em vez de apenas numa perspetiva futura, como seres humanos em crescimento, “como os cidadãos do futuro, no presente” (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007, p.188), ou como Formosinho & Formosinho (2013) defendem, em se sintam parte do processo e tenham a oportunidade de participar na sua própria aprendizagem, “aprendendo a aprender”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J. (2013). Manual de investigação qualitativa em educação. *Imprensa da Universidade de Coimbra*. Coimbra.
- Araújo, L. S., Cruz, J. F., & Almeida, L. S. (2011). A entrevista no estudo da Excelência: Uma proposta. *Psychologia n°52*.
- Bagnoli, A., & Clark, A. (2010). Focus groups with young people: a participatory approach to research. *Journal of Youth Studies*, Vol. 12, n°1, 101-119.
- Bank, W. (1994). *The World Bank and Participation*. Washington: Operations Policy Departments: The World Bank.
- Barbosa, M. (2014). Culturas infantis: Contribuições e reflexões. *Revista Diálogo Educativo: v.14, n°43*. Curitiba.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. 70.
- Bernstein, B. (2020). *Pedagogy, symbolic control and identity*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Boni, V., & Quaresma, J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, pp. Vol. 2 n° 1 (3), p. 68-80.
- Borba, A., & Lopes, J. (2012). Novas formas de compreender a infância. *Revista Educação: Edição Especial Educação*. Segmento.
- Campenhout, L., Quivy, R., & Marquet, J. (2019). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Canário, R. (2005). *O que é a Escola? Um "olhar" sociológico*. Porto Editora.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education: Sixth Edition*. Routledge.
- Cunha, M. (2018). *Dinâmicas de Participação das Crianças: O Orçamento Participativo das Escolas*. Universidade do Minho.
- Diário da República. (2002). Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro. *Diário da República*.
- Duarte, M. (2002). A Escola como Organização. *Revista de Ciências Sociais*, 33(1).
- Ellstön, P.-E. (1983). Four Faces of Educational Organizations. *Higher Education*, n°12.

- EU. (2000). *Lisbon Strategy: Lisbon European Council 23 and 24 March 2000: Presidency conclusions / Estratégia de Lisboa: Conclusões da Presidência: Conselho Europeu de Lisboa, 23-24 de março de 2000*. Obtido de European Parliament: https://www.europarl.europa.eu/summits/lis1_en.htm#top
- Fernandes, N. (2005). Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida : representações, práticas e poderes. Universidade do Minho.
- Fernandes, N. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação* 21(66).
- Filipe, S., & Silva, B. (2021). Perspetivas sobre a participação da criança no ambiente educativo. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 8(1), 57-57.
- Formosinho, J. O., & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto: Porto Editora.
- Godinho, V. (1984). A Educação, a transformação de Portugal e a mudança de Civilização. *Educação Cívica*. Lisboa.
- Gómez, G., Flores, J., & Jiménez, E. (1996). *Metodología de la Investigación Cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Graham, A., & Fitzgerald, R. (2010). Progressing children's participation: Exploring the potencial of a dialogical turn. *Childhood*, 17, 343-359.
- Hart, R. A. (1992). Children's participation: From tokenism to citizenship.
- Klerin, L., & Schröder, C. (2009). On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cadernos EBAPE.BR* v. 7, n° 2, artigo 7, pp. 339-348.
- Kothari, C. R. (2004). *Research Methodology: methods and techniques*. New Dheli: New Age International Publishers.
- Lansdown, G. (2010). The realisation of children's: critical reflections. Em B. T. Percy-Smith, *A Handbook of Children and Young*. London: Routledge.
- Lima, L. C. (1992). A escola como organização e a participação na organização escolar. *Universidade do Minho, Portugal: Instituto de Educação*.
- Lima, L. C. (2001). *A Escola como Organização Educativa. Uma Abordagem Sociológica*. Cortez Editora.
- Malhotra, N., & Birks, D. (2012). *Marketing Research-An Applied Approach* . London: Pearson .
- Meireles-Coelho, C., & Neves, M. (2010). Aprendizagem ao longo da vida: desafios ao ensino superior para a estratégia EU 2020. *Atadas da I International Conference "Learning and Teaching in Higher Education"*. Évora: Unversidade de Évora.

- Mello, A., Rodrigues, K., Santos, W., Costa, F., & Votre, S. (2012). Representações sociais sobre a educação física na educação infantil. *Revista da Educação Física/UEM*.
- Minayo, M. []. (1996). *Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. (1995). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Neves, M. F. (2013). Educação e formação em Portugal: alguns desafios. *Exedra Revista científica Esec*, 7.
- Oliveira, W. (2010). Uma Abordagem sobre o Papel do Professor no Processo Ensino/Aprendizagem. *Revista Inesul* .
- Oliveira-Formosinho, J. (2007). Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação.
- Oliveira-Formosinho, J. (2013). Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação.
- Pinto, R. (2014). Vivências e Interações dos Jovens/Alunos. *Dissertação de Mestrado Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação*. Porto.
- Pizzolato, M. (2020). Representações Sociais Sobre a Educação Formal para Alunos do Ensino Médio do Município de Pato Branco-Paraná.
- PORDATA. (Consultado em: 30/06/2022 de 2022). *Alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário: total e por nível de ensino*. Obtido de PORDATA Base de Dados Portugal Contemporâneo: Disponível em <https://www.pordata.pt/>
- PORDATA. (Consultado em: 30/06/2022 de 2022). *Censos 2021: conheça o seu município Albergaria-a-Velha*. Obtido de PORDATA Base de Dados Portugal Contemporâneo : <https://www.pordata.pt/>
- PORDATA. (Consultado em 30/06/2022 de 2022). *Estabelecimentos nos ensinos pré-escolar, básico e secundário público: por nível de ensino, Lisboa Portugal*. Obtido de PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo: Disponível em <https://www.pordata.pt/>
- Porvir. (2017). Participação dos Estudantes na Escola. *Guia Especial do Porvir*.
- Projeto Educativo do Agrupamento. (2020). *Projeto Educativo Quadriénio 2018 - 2022*.
- Prout, A., Simmons, R., & Birchall, J. (2006). *Reconnecting and extending the research agenda on children's participation: Mutual incentives and the participation chain*. In Tisdall, K., Davies, J., Hill, M., Prout, A. (2006). *Children, young people and social inclusion: participation for what*. Bristol: The Policy Press.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Rei, F. (2020). O Clube de Robótica da Escola Básica de São Gonçalo: Um estudo de caso. *Relatório de Projeto Mestrado em Utilização Pedagógica das TIC*. Leiria.
- Sampaio, S. (2017). As oportunidades de participação das crianças de três anos numa sala heterogénea. Universidade do Minho: Minho.
- Sarmiento, M., Fernandes, N., & Tomás, C. (2007). Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Schram, S., & Carvalho, M. (2009). O Pensar Educação em Paulo Freire: Para uma Pedagogia de Mudanças.
- Shier, H. (2001). Pathways to participation: Openings, opportunities and obligations. *Children & Society*, 15.
- Silva, I., Veloso, A., & Keating, J. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, pp. 26, 175-190.
- Soares, E. F. (2011). A Escola como Organização Educativa: Gestão Democrática e Autonomia. *PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO-Série Educação*, 4(7), 143-155.
- Teixeira, I. (2015). Participação como Forma de Exercer Cidadania: O Caso do Bairro do Castelo. Em Lisboa. *[Obtenção do Grau de Mestre]*. Universidade Católica Portuguesa.
- Tomás, C. (2007). Paradigmas, imagens e concepções da infância. *Media & Jornalismo*, pp. (11), p.119-134.
- Tomás, C., & Gama, A. (2010). Os TEIP e a Infância: a desocultação das vozes das crianças no contexto educativo. *Atas do Congresso Ibero-Brasileiro de Política e Administração da Educação, Elvas, 2010*.
- Tomás, C. (2007). Há muitos mundos no mundo...direitos da crianças, cosmopolitismo infantil movimentos sociais de crianças : diálogos entre crianças de Portugal e Brasil. Universidade do Minho.
- Tomás, C. (2007). Participação não tem Idade. *Contexto & Educação n°78*. Unijuí.
- Tomás, C., & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. *Educação, Territórios e (Des)Igualdades- II Encontro de Sociologia da Educação*.
- Tragtenberg, M. (2018). A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO COMPLEXA. *Educação & Sociedade*, 39(142), 183-202. Campinas.
- Trevisan, G. (2014). Infância e cenários de participação pública: uma análise sociológica dos modos de decisão das crianças a escola e na cidade. Universidade do Minho
- UNESCO. (1990). World Declaration on Education for All. Jomtien, Thailand .

UNICEF. (2019). Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos. *Comité Português para a UNICEF: Edição Revista.*

UNICEF. (2021). *Promoção do direito à participação.* Obtido de UNICEF BRASIL.

Zubirarreta, A. C., & Ceballos, M. (2016). Los más pequeños toman la palabra: la Escuela Infantil que a ellos les gustaria/ The little ones take the world: the pre-school that they would like. *Revista Complutense de Educación, 27(3), 923.*

APÊNDICES

Apêndice A- Consentimento Informado Entrevistas (exemplo)

Consentimento Informado Livre e Esclarecido

O estudo *A Participação das Crianças em Contexto Escolar: Representações de Professores e Alunos* está inserido na investigação para o Trabalho de Projeto no âmbito do Mestrado em Intervenção Comunitária lecionado pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti no Porto.

A investigação a ser realizada, face ao objeto de estudo e aos objetivos da pesquisa será um *estudo de caso*, enquadrando-se num paradigma de investigação qualitativa que procura perceber quais as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar, uma vez que, as duas partes têm um papel fundamental no processo de aprendizagem e no caminho até ao sucesso escolar, passando por compreender de que forma se poderá conseguir envolver e dar voz às crianças e jovens neste espaço.

Tendo em vista uma visão institucional, gostaríamos de o ouvir na qualidade de Diretor do Agrupamento. Deste modo, vimos por este meio, solicitar-lhe que participe numa entrevista com a duração de aproximadamente 30 minutos que tem como objetivo conhecer o modo como forma as suas representações sobre a participação das crianças no contexto escolar e, no âmbito do qual a informação será recolhida através de **som**.

É de salientar que o seu envolvimento na entrevista é voluntário e a qualquer momento pode ocorrer desistência, sem qualquer tipo de consequência para os/as participantes. A participação nesta fase da investigação não comporta riscos. Os dados recolhidos serão utilizados para fins de investigação científica e serão mantidos pelo período de tempo necessário para o tratamento dos mesmos, que se prevê ser aproximadamente 3 meses. A privacidade e a proteção dos dados estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da UE.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração nesta fase do projeto.

Caso deseje receber mais informações, estaremos ao dispor via email.

Ana Pacheco 2020084@esepf.pt

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pelas pessoas que acima assinam. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Nome:

Assinatura:

Data: /..... /.....

Apêndice B- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada

Consentimento Informado Livre e Esclarecido

O estudo *A Participação das Crianças em Contexto Escolar: Representações de Professores e Alunos* está inserido na investigação para o Trabalho de Projeto no âmbito do Mestrado em Intervenção Comunitária lecionado pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti no Porto.

A investigação a ser realizada, face ao objeto de estudo e aos objetivos da pesquisa será um *estudo de caso*, enquadrando-se num paradigma de investigação qualitativa que procura perceber quais as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar, uma vez que, as duas partes têm um papel fundamental no processo de aprendizagem e no caminho até ao sucesso escolar, passando por compreender de que forma se poderá conseguir envolver e dar voz às crianças e jovens neste espaço.

Sendo as crianças um dos focos da investigação, gostaríamos que informasse, e permitisse que o seu/a educando/a participe num grupo de discussão focalizada com a duração de aproximadamente 30 a 45 minutos, que tem como objetivo conhecer o modo como os alunos formam as suas representações sobre a participação no contexto escolar e, no âmbito do qual a informação será recolhida através de **som**.

É de salientar que o envolvimento do/a seu/a educando/a no grupo de discussão focalizada é voluntário e a qualquer momento pode ocorrer desistência, sem qualquer tipo de consequência para os/as participantes. A participação nesta fase da investigação não comporta riscos. Os dados recolhidos serão utilizados para fins de investigação científica e serão mantidos pelo período de tempo necessário para o tratamento dos mesmos, que se prevê ser aproximadamente 3 meses. A privacidade e a proteção dos dados estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da UE.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração nesta fase do projeto.

Caso deseje receber mais informações, estaremos ao dispor via email.

Ana Pacheco 2020084@esepf.pt

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pelas pessoas que acima assinam. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Nome:

Assinatura:

Data: /..... /.....

Apêndice C- Guião de Entrevista Elementos da Direção

Entrevistado:

Elementos da direção do Agrupamento

Objetivos:

- Compreender quais as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar;
- Apurar qual a importância da participação das crianças no contexto escolar;
- Perceber quais dos indicadores considerados como os mais importantes no que concerne à participação das crianças na escolar.

Temas/indicadores	Objetivos	Questões
Dados identificadores do entrevistado	-Conhecer o entrevistado	-Idade -Grau de habilitação acadêmica -Cargo dentro da organização
Representações sobre participação	-Analisar percepções dos órgãos diretivos relativamente à importância da participação das crianças	-O que é para si a participação da criança? -Enquanto diretor do Agrupamento sente que os jovens valorizam a participação e percebem a sua importância? -Na sua opinião, o que incentiva a participação das crianças na escola? -Que benefícios pode trazer para a criança a sua participação no processo de ensino? -O que considera serem obstáculos à viabilização da participação das crianças? -Da mesma forma, o que considera serem os facilitadores da participação das crianças? -Na sua opinião, existem diferenças entre crianças que tenham diferentes intensidades de participação? -Considera que existem diferentes formas de participação que são praticadas pelos alunos? Quais? -Considera que os professores utilizam práticas pedagógicas ativas para promover a participação dos alunos? -Quais são, para si, os indicadores fundamentais, quando falamos em participação das crianças?
Envolvimento nas iniciativas/projetos da escola	-Entender de que forma as crianças participam nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola	-No geral, as crianças são informadas e envolvidas nos projetos da escola? De que forma? -As crianças são convidadas a expressar os seus pontos de vista e a intervir de forma ativa? Em que medida diria que a opinião das crianças é tida em conta? -Uma vez que a escola tem em vista “a formação de cidadãos autónomos e interventivos”, em que medida estes participam nas tomadas de decisão que as afetam? -Os alunos têm a iniciativa de iniciar projetos do seu interesse e partilhar as decisões com os outros alunos? -Os alunos tomam decisões e partilham-nas com os adultos? Há colaboração entre as duas partes?

<p>Respostas face à (não) participação</p>	<p>-Reconhecer quais as estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças</p>	<p>-Que tipo de estratégias é que as escolas do Agrupamento têm vindo a desenvolver para promover a participação? (ex: gabinetes de apoio)</p> <p>-Quais são os espaços, reconhecidos por si, que são destinados à participação das crianças? (ex: espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)</p> <p>-Os alunos participam, por norma, em projetos de âmbito local que envolvam a escola e a comunidade? E em projetos ao nível nacional?</p> <p>-As iniciativas dos alunos são divulgadas à restante comunidade educativa e comunidade não escolar?</p> <p>-Quais as disciplinas que abordam temas relacionados com a participação das crianças, como os seus direitos e deveres, questões da cidadania, entre outros?</p>
--	--	--

Apêndice D- Guião de Entrevista Professores

Entrevistados:

Professor da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

Professor de Ciências Naturais

Objetivos:

- Compreender quais as representações de professores e alunos do que é a participação no contexto escolar;
- Apurar qual a importância da participação das crianças no contexto escolar;
- Perceber quais dos indicadores considerados como os mais importantes no que concerne à participação das crianças na escola.

Temas/indicadores	Objetivos	Questões
Dados identificadores do entrevistado	-Conhecer o entrevistado	-Idade -Grau de habilitação acadêmica -Cargo dentro da organização
Representações sobre participação	-Analisar percepções dos professores relativamente à importância da participação das crianças	-O que é para si a participação da criança? - Concorda com a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem? Porquê e de que forma? -Na sua opinião, o que incentiva a participação das crianças na escola? -Que benefícios pode trazer para a criança a sua participação no processo de ensino-aprendizagem? -O que considera serem obstáculos à viabilização da participação das crianças? -Da mesma forma, o que considera serem os facilitadores da participação das crianças? -Na sua opinião, existem diferenças entre crianças que tenham diferentes intensidades de participação? -Quais são, para si, os indicadores fundamentais, quando falamos em participação das crianças?
Envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola	-Entender de que forma as crianças participam nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola	-No geral, acha que as crianças são informadas e envolvidas nos projetos da escola? De que forma? -As crianças são convidadas a expressar os seus pontos de vista e a intervir de forma ativa nas aulas e na escola em si? Em que medida diria que a opinião das crianças é tida em conta? -Ao nível das dimensões curriculares (espaço e materiais; tempo; interações; planificação e avaliação; projetos e atividades, organização de grupos) existe espaço para que os alunos possam participar? De que forma? -Acha que alunos têm a iniciativa de iniciar projetos do seu interesse e compartilhar as decisões com os outros alunos? -Os alunos tomam decisões e partilham-nas com os adultos? Há colaboração entre as duas partes?
Respostas face à (não) participação	-Reconhecer quais as estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças	-Que estratégias ou ferramentas utiliza para ultrapassar obstáculos e incentivar a participação dos alunos? (ppt, tablets, livros, pc...) -Tem por hábito ensinar temas que sejam do interesse das crianças, ou pelo currículo extenso de matéria não tem essa oportunidade? Mas então tenta que essas matérias digamos mais “chatas” para eles sejam mais dinâmicas e cativantes? -Por norma costuma perguntar aos seus alunos como gostariam de ser avaliados?

		<p>-Como descreveria a sua relação com os alunos? (Relação na base da confiança, no respeito, abertura, diálogo, cooperação, responsabilidade...)</p> <p>-Acha que o facto de manter esse tipo de relação com os alunos os motiva?</p> <p>-Quais são os espaços, reconhecidos por si, que são destinados à participação das crianças na escola? (ex: espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)</p> <p>-As iniciativas dos alunos são divulgadas à restante comunidade educativa e comunidade não escolar?</p>
--	--	---

Apêndice E- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada

Boas-vindas, contextualização e instruções

Bom dia e bem-vindos à nossa sessão. Quero agradecer-vos por se juntarem a mim para conversarmos um pouco sobre a vossa participação na escola. O meu nome é Ana e estudo na Universidade. Neste momento quero perceber o que vocês pensam sobre a vossa participação na escola. Vamos brincar, desenhar e conversar de uma forma leve e divertida. Vocês foram convidados porque apesar de serem muito jovens, têm opiniões próprias e já sabem fazer as vossas próprias escolhas, o que querem fazer, o que acham bom ou mau. Aqui não há respostas certas nem erradas, mas sim opiniões diferentes. Por isso, por favor, sintam-se livres para dizerem o que pensam, mesmo que seja diferente ou igual ao que já foi dito. Eu estou muito interessada em todas as vossas opiniões e respostas e é isso que me interessa. Vocês provavelmente já se aperceberam do telemóvel, que será utilizado para gravar tudo o que disserem para que não se perca nada do que dizem. Peço então que digam o vosso nome.

1. Dinâmicas de Quebra-gelo

- Jogo da criatura: Cada uma das quatro crianças recebe uma parte de folha de papel e começa a desenhar uma parte do corpo definida anteriormente (cabeça, membros superiores, membros inferiores e pés). Por fim, os pedaços de papel são unidos de volta e o resultado dará uma criatura bastante engraçada.

1. Participação

- O que é para ti participação?
- Achas que consegues imaginar em que espaços podes participar?
- Participar na escola. O que é participar na escola?
- E os adultos participam ou são só as crianças?
- Então e o que fazem os adultos na tua escola? E as crianças?

2. Escola

Sabem que eu já não ando na escola há muito tempo e, por isso, quero que me contem um bocadinho sobre como é andar nesta escola....

- O que é para ti estar na escola? Consegues explicar?

- Gostas de andar na Escola?
- O que mais gostam de fazer nesta escola?
- O que é que gostas mais e menos na escola? A tua opinião mudou desde que vieste para o 5º/6º ano?

3. Espaços/ Espaços de participação

- Quais são os espaços onde costumam brincar mais e onde mais gostas?
- Gostas das salas onde tens aulas?
- Qual a que gostas mais, porquê?
- A escola costuma partilhar atividades/eventos/projetos contigo para que possas participar?
- Costumas participar nessas atividades?

4. Aulas

(Desenho) Mudarias alguma coisa na tua escola ou sala de aula? Se sim, o quê?

Imagina que és professor por um dia. O que gostavas de ensinar aos teus alunos?

- Qual é a tua disciplina preferida? Porque gostas mais dessa e não de outras, o que fazem de diferente?
- Gostas de participar nas aulas? E porquê?
- Na vossa escola trabalham temas que te despertam interesse?
- Participas mais por iniciativa própria ou porque os professores te pedem?
- Costumas utilizar ferramentas diferentes para aprender as matérias (ex: tablets, computadores, livros, saídas, jogos)?
- Sentes que tens tempo para fazer tudo o que querias nas matérias que mais gostas?
- Achas que os professores aprendem contigo, ou eles sabem sempre mais? Porquê?
- Relativamente à avaliação fazes testes ou és avaliado de outra forma?
- Achas correta essa forma de avaliar? Ou gostavas de mudar?
- Costumam pedir a tua opinião sobre a avaliação?
- E gostavas de avaliar os teus professores? Achas que os alunos tb devem avaliar os professores? Porquê?

(Sentas que tens espaço para exprimires o que pensas em relação ao funcionamento das aulas e que a tua opinião é tida em conta?)

5. Gestão escolar

- Como descreves a tua relação com os teus professores/ diretores de turma/ diretor?
(Ex: confiança, responsabilidade, respeito, abertura, diálogo, cooperação, entendimento...)
- Normalmente falas com os teus professores, diretores de turma ou direção sobre o ambiente e funcionamento da escola/aulas? Notas que a tua opinião é tida em consideração e é aplicada?
- Sentas que essa partilha de ideias, envolvimento e colaboração nas decisões que dizem respeito à tua escola te motivam para dares o teu melhor?
- Costumas participar na organização e planeamento de projetos ou atividades dentro e fora da escola? Se sim, quais?
- Alguns desses projetos são feitos com instituições fora da escola? Quem é que escolhe as instituições?

Agradecimentos

Querem acrescentar alguma coisa ao que falamos?

O que gostaram mais de fazer? Foi serem escutados? Falarem uns com os outros...

Gostaria então de vos agradecer a todos por me ajudarem neste trabalho, espero que se tenham divertido e passado um bom momento como eu.

Apêndice F- Transcrição da Entrevista ao Diretor

-Idade

R: 61 anos

-Grau de habilitação académica

R: Licenciatura em Ciências Religiosas

-Cargo dentro da organização

R: Diretor do Agrupamento X

-O que é para si a participação da criança?

R: Participação da criança, no contexto escolar, na escola...? Da criança é um pouquinho mais difícil dada a faixa etária não é... De qualquer maneira há sempre a possibilidade de eles participarem e de participarem de uma forma eu diria mesmo ativa. Como? Como é que o podem fazer? Através de uma forma mais direta digamos assim, dos professores, do professor titular, que tem momentos em que podem apresentar as suas opiniões as suas propostas para a vida e funcionamento da escola, penso que é fundamentalmente por aí, no caso das crianças.

-Enquanto diretor do Agrupamento sente que os jovens valorizam a participação e percebem a sua importância?

R: Valorizam, embora à primeira vista possa não parecer, mas de facto eles valorizam. Primeiro porque se sentem envolvidos e depois porque sentem que na verdade as suas propostas são concretizadas, que são úteis, que são aproveitadas e, portanto, são valorosas no fundo.

-Na sua opinião, o que incentiva a participação das crianças na escola?

R: Tem que ser a própria escola, eu diria fundamentalmente a própria escola, mas não se ficar pela escola, a família pode desempenhar aqui um papel importante também e a própria sociedade. Dependerá muito do modo como estão organizadas estas entidades e instituições é o modelo digamos assim. Eu diria que, se a sociedade tiver uma organização que à partida promova a participação das pessoas, as crianças no fundo já estão orientadas/educadas neste sentido e, portanto, já participam de uma forma natural. Se assim não acontecer, tem de ser a escola a fazer esse trabalho e por isso, pode-se tornar um bocadinho mais difícil, mas não é impossível e é aí que o papel dos professores é importante, porque são eles que de facto vão acabar por promover a sua participação. Eu acho que tem muito que ver com o ambiente que os rodeia, com a forma como a sociedade local e as instituições estão organizadas e participam na vida da sociedade, a própria família também se dá espaço para ela participar na vida familiar e se por outro lado promove a sua participação na sociedade são fatores que potenciam ou não a participação da criança.

-Que benefícios pode trazer para a criança a sua participação no processo de ensino?

R: Muito ao nível da cidadania. Da cidadania e eu diria também como crescimento pessoal e nós vamos percebendo que temos jovens que realizam um percurso que nós conhecemos que é de uma participação ativa nas instituições em que estão integrados e

têm uma atitude diferente daqueles que não tiveram essa experiência. Portanto, acaba por ser muito proveitoso para a criança em termos de crescimento pessoal porque ela vai construindo uma personalidade que obviamente será diferente da daquela criança que não teve a oportunidade de ter este tipo de participação, porque lhe dá determinadas competências e desenvolve no fundo essas mesmas competências e lhe dá digamos a abertura para a criança ter uma atitude pró ativa na construção da sociedade e daí depois obviamente ao nível da cidadania a sua participação como cidadão ativo está muito dependente deste histórico, da sua participação nas diversas instituições e na sociedade.

-O que considera serem obstáculos à viabilização da participação das crianças?

R: Obstáculos são muitos. Desde logo da própria criança podem existir obstáculos, da própria família, das instituições, da própria escola porque não vamos ser idealistas... o ideal é que as crianças participem mas sabemos que depois na prática isso nem sempre acontece e não acontece muitas vezes porque as pessoas acham que não têm tempo para ouvir as crianças quando na verdade não é uma perda de tempo até pelo contrário, é de facto muito proveitoso porque para além de tudo isto que já dissemos que promove o crescimento da criança enquanto pessoas, também enriquece a própria entidade e a própria escola. Mas de facto há sempre dificuldades porque há na verdade professores que entendem que as crianças não têm nada a acrescentar, há quem entenda que as crianças não têm que manifestar a sua opinião têm que obedecer pura e simplesmente, há quem entenda que este modelo não é sério e há sobretudo uma mentalidade muito presente e isto explica-se no fundo porque nós temos um grupo muito significativo de professores numa faixa etária como eu já assim um bocadinho avançada e portanto que tiveram uma experiência educativa completamente da que temos hoje e que entendem que se deve aplicar aquela que eles viveram e portanto deve ser tudo muito mais dirigido, mais autoritário, menos democrático... e portanto, esta mentalidade, esta maneira de ver o funcionamento das instituições não facilitam de maneira nenhuma a participação das crianças.

-Da mesma forma, o que considera serem os facilitadores da participação das crianças?

R: Na verdade tem que haver alguma estratégia e alguma organização no fundo para levar à participação das crianças. Nós temos por acaso ao nível do ensino básico e secundário reuniões regulares, promovemos as assembleias de delegados de turma de maneira regular e, portanto, esta organização facilita. Pretendemos precisamente ir alargando para as faixas etárias mais baixas de maneira a chegar mesmo às crianças para elas terem também esta oportunidade. Portanto no fundo, o modelo organizacional poderá, também, ser um facilitador na promoção da participação da criança.

-Na sua opinião, existem diferenças entre crianças que tenham diferentes intensidades de participação?

R: Sim. Como eu já referi, obviamente existem diferenças entre uma criança habituada a ter uma atitude pró-ativa dentro da sociedade, da escola, da família e uma que não seja

habituada de todo a participar. Se a criança participar desde cedo desenvolve competências ao nível cidadania e estará mais bem preparado para a vida adulta.

-Considera que os professores utilizam práticas pedagógicas ativas para promover a participação dos alunos?

R: Nós gostaríamos. É uma luta nossa digamos assim, é um desígnio nosso até porque nós entendemos que é esse o caminho, não pode ser outro. Na candidatura, portanto, houve processo eleitoral para diretor no ano passado e os candidatos têm de apresentar um projeto de intervenção e o meu projeto de intervenção foca-se exatamente muito na questão das práticas pedagógicas, das metodologias, das estratégias e na verdade só pode ser com a implementação de metodologias ativas. Temos uma dificuldade que eu já aflorei que é o facto de termos uma classe já com uma idade avançada, uma grande maioria e que, portanto, tem alguma dificuldade em implementar as metodologias ativas, mas mais uma vez também são necessárias algumas estratégias para levar precisamente o corpo docente à implementação de metodologias ativas e na verdade elas são essenciais para que se promova também a participação. Com objetivos diferentes naturalmente e com objetivos de aprendizagem, mas que no fundo acabam depois por contagiar outros níveis de participação. Eu não consegui, porque é uma das medidas que tenho previstas no meu projeto de intervenção, é realizar reuniões periódicas com delegados, não consegui ainda este ano fazê-lo com a regularidade desejada mas já fiz algumas e curiosamente percebi a importância que elas têm porque entre outros temas que ali abordámos um deles foi precisamente esse, portanto, procuramos saber qual era a perceção deles de mudança em relação ao ano passado a vários níveis e um deles era precisamente esta questão da sala de aula, das práticas e curiosamente apercebi-me que já há alguma mudança mas que ainda há muita para fazer e que os alunos estão muito ansiosos que de facto essas práticas sejam nesse sentido de participação dos alunos e portanto que não seja a aula tradicional do século passado em que o professor é que é o conhecedor de tudo é que é o dono do saber e que transmite conhecimento e que os alunos aprendem ou não e portanto este público que temos atualmente nas escolas já não aceita esse tipo de metodologia e disseram mesmo de uma forma absolutamente clara que na verdade o caminho tem de ser por metodologias ativas, por participação ativa e sem dúvida que isso fomenta a participação dos alunos em todos os outros contextos.

-Quais são, para si, os indicadores fundamentais, quando falamos em participação das crianças?

R: Eu diria que um dos grandes indicadores da participação dos alunos é o clima de escola. Se tivermos uma participação dos alunos de uma forma mais massiva o clima de escola é completamente diferente. Desde logo porque os alunos se sentem envolvidos e se sentem responsabilizados e, portanto, a nossa estratégia passa muito por aí e em situações pontuais inclusivamente de algum caso de indisciplina é também por aí que nós vamos, é envolver os delegados de turma por exemplo, no sentido de eles participarem na resolução do problema. E de facto esse para mim é o indicador fundamental, é o clima de escola, são os níveis de disciplina que se conquistam, é a satisfação dos alunos, que é outro aspeto em que nós pretendemos investir que é os alunos sentirem-se bem e sentirem-se bem obviamente significa que têm condições, independentemente das condições

físicas, mas têm condições, têm ambiente que de facto lhes dá satisfação e lhes dá gosto de estar na escola.

-No geral, as crianças são informadas e envolvidas nos projetos da escola? De que forma?

R: Não tanto quanto desejaria, mas sim, digamos que estamos a fazer caminho nesse sentido, porque na verdade nós temos diversos projetos e digamos que no secundário já temos um nível diferente de participação e de envolvimento e eu diria mesmo que aí que há projetos em que os alunos são responsáveis por todas as fases do projeto, desde a sua conceção à sua finalização. Nos outros níveis de ensino, nós temos vindo a insistir para que de facto assim seja, inclusivamente utilizámos uma plataforma que de alguma maneira o fomenta também, uma plataforma eletrónica que fomenta no sentido de todos os alunos participarem na construção do projeto e na sua concretização, mas na verdade, aí ainda há muito caminho a fazer, mas sem a participação dos alunos em todas as fases do projeto as coisas não funcionam ou pelo menos não funcionam como seria desejável.

-As crianças são convidadas a expressar os seus pontos de vista e a intervir de forma ativa? Em que medida diria que a opinião das crianças é tida em conta?

R: Como fui percebendo em muitos casos sim, aliás nessas reuniões que fui fazendo com os delegados de turma em muitos casos sim, mas na verdade ainda temos situações em que nem sequer são ouvidos, ou se são ouvidos depois as suas propostas não são ouvidas, ou se são ouvidos, depois as suas propostas não são atendidas. Obviamente que a participação não significa aprovação de tudo aquilo que é proposto pelos alunos, mas naturalmente se assim não acontece também tem de se perceber porque e, portanto, os alunos gostam e têm esse direito de perceber por que razão é que as suas propostas não foram aceites, porque tiveram essa preocupação e esse envolvimento e, portanto, têm direito de perceber porque é que as suas propostas porventura não foram acolhidas. Na verdade, acontece muitas vezes assim porque da avaliação que vamos fazendo, é mais fácil ouvir e depois o professor ou alguém decidir e, portanto, dizer que os alunos participaram, mas na verdade o professor é que decidiu. Portanto, temos algumas situações dessas, mas é caminho que estamos a fazer para que todos participem em todas as fases.

-Os alunos têm a iniciativa de iniciar projetos do seu interesse e compartilhar as decisões com os outros alunos?

R: Têm, têm. Nós temos em diversos momentos alunos, grupos de alunos que se organizam isoladamente e que vêm ter connosco apresentar-nos propostas de projetos e de atividades e que nós avaliamos com eles e depois na medida do possível concretizamos ou ajudamos a concretizar, mas há de facto iniciativa e iniciativa, alguma dela com valor, com interesse e que acaba por ser concretizada completamente pelos alunos.

-Os alunos tomam decisões e partilham-nas com os adultos? Há colaboração entre as duas partes?

R: Normalmente fazem-no de forma organizada, mas isoladamente é muitíssimo raro. Só me recordo de um caso de um aluno que nos chegou aqui de uma determinada situação e que depois me apresentou algumas propostas, mas só recorda desse caso.

-Que tipo de estratégias é que as escolas do Agrupamento têm vindo a desenvolver para promover a participação? (ex: gabinetes de apoio)

R: Desde logo ter alguma exigência em termos de números. Portanto, este ano ainda não o fizemos, mas nos próximos anos vamos fazê-lo que é estabelecer um mínimo de projetos que cada turma tem que desenvolver ao longo do ano. Não fizemos este ano digamos que de uma forma deliberada, mas neste momento estamos a fazê-lo que é perguntar aos conselhos de turma que projetos é que desenvolveram e uma breve descrição de cada um deles, obviamente que nós temos essa perceção, mas é mesmo para levar os conselhos de turma a refletir sobre as suas metodologias e o trabalho ou não de projeto. Portanto, imprimir mínimos. Depois não nos ficamos por projetos ao nível de turma, mas projetos interturmas, também temos metas estabelecidas no sentido de num ano de escolaridade haver no mínimo um projeto por ano para que, portanto, trabalhem entre turmas. E depois, chegamos mesmo entre anos, também tem que haver um mínimo de projetos por ano que sejam trabalhados conjuntamente por diferentes anos. Depois não nos ficamos por o espaço escolar, queremos mesmo ir para a comunidade, entendemos que só faz sentido nós estarmos com a comunidade e darmos resposta às necessidades da comunidade e, portanto, fomentamos mesmo a participação em projetos com impacto na comunidade. Ainda este ano tivemos um momento sobretudo em que dissemos que cada turma tem que apresentar um projeto olhando para a nossa localidade... apresentámos áreas diversas, o ambiente, a cultura, o desporto, a organização do próprio espaço exterior da escola e cada turma tem que preparar um projeto, que depois os projetos serão depois todos corrigidos e serão apresentados à autarquia para que a autarquia se assim o entender possa aproveitar digamos que algum ou alguns e curiosamente aconteceu, não aqui mas em Y que de facto há um projeto que foi muito bem acolhido pela autarquia e que está em desenvolvimento e vai acabar mesmo por ser concretizado. Portanto essas são as estratégias que nós entendemos que de alguma forma levam as pessoas a terem de trabalhar em projetos.

Ao nível dos gabinetes de apoio temos o Gabinete de Apoio ao Aluno que esse é digamos que geral, depois temos um específico para o profissional, que é o GAAP (Gabinete de apoio personalizado) e em termos de gabinetes propriamente ditos até penso que não estou agora a recordar-me de mais, mas eventualmente poderão existir mais... Depois temos é outro tipo de estruturas que no fundo cooperam nomeadamente sentido de controlar os níveis de indisciplina, o absentismo, o próprio abandono... mas isso já são estruturas. Não estão é a funcionar como eu desejaria, a grande dificuldade, nomeadamente no GAA é encontrar as pessoas com perfil adequado para dar resposta aos alunos porque são professores que nós usamos nesse serviço e claro que depois temos que fazer a gestão das horas disponíveis, dos horários, do perfil dos docentes, mas esta última parte não é a que vem em primeiro, deveria ser, mas não é. Daí que não está a funcionar como desejaria

mas acho que é um instrumento muitíssimo importante para de facto fomentar a participação da criança.

-Quais são os espaços, reconhecidos por si, que são destinados à participação das crianças? (ex: espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)

R: Para além das assembleias de delegados regulares, eu diria que em termos de espaço físico propriamente dito nós estamos um pouco limitados aqui nesta escola pelo menos, por via das instalações e de algumas obras em curso. Na escola básica, o espaço também acaba por ser uma dificuldade no fundo pelo facto de termos o 1º ciclo a funcionar no mesmo espaço., portanto, nós aí não temos na verdade em termos de espaço físico, grandes oportunidades para a participação dos alunos. Diria mais em termos de estruturas, os alunos estão presentes e representados no conselho geral, temos a Associação de Estudantes, temos as reuniões eu faço com os delegados como já referi... acho que é nesses espaços fundamentalmente que se dá a participação.

-Os alunos participam, por norma, em projetos de âmbito local que envolvam a escola e a comunidade? E em projetos ao nível nacional?

R: Sim, muito e mesmo a nível internacional e é outro aspeto, que eu não referi há pouco mas é em termos de estratégia nós temos definido também um número mínimo de projetos por ano de escolaridade que cada ano tem que desenvolver ao longo do ano. Portanto, ao nível de projetos nacionais participamos em imensos, inclusivamente com muitos prémios e mesmo a nível internacional também embora aí ainda estejamos no início.

-As iniciativas dos alunos são divulgadas à restante comunidade educativa e comunidade não escolar?

R: São, se calhar não pelos meios mais adequados, mas no mínimo localizamos na nossa página Web e nas nossas redes sociais. Temos sempre dificuldade que é a questão da proteção dos dados e da imagem e, portanto, nem sempre podemos fazer a divulgação que desejaríamos embora queiramos melhorar essa divulgação, inclusivamente estamos a avaliar uma parceria com a Microsoft que tem digamos que uma rede social interna para o Agrupamento, mas que é uma ferramenta muito interessante precisamente para a divulgação das atividades à comunidade.

-Quais as disciplinas que abordam temas relacionados com a participação das crianças, como os seus direitos e deveres, questões da cidadania, entre outros?

R: Pois, eu acho que deviam ser todas. Nem sempre de uma forma direta, mas indiretamente todas deveriam participar. Nós temos essa experiência na escola Y que é uma escola onde estamos a implementar um projeto de inovação, estamos no 2º ano da sua implementação em que criámos disciplinas novas que chamámos de oficinas para ter um carácter mais prático, em que estão integradas diferentes disciplinas e este modelo leva na verdade precisamente a isto, leva a que essas questões que nós as vezes associamos apenas a uma ou outra disciplina, sejam abordadas pelas diferentes disciplinas, na escola Y não tenho dúvidas nenhuma que isso acontece, esses temas são de facto abordados pelas diferentes disciplinas, nas outras escolas, foca-se mais na Cidadania, na Educação

Moral Religiosa e Católica e numa ou outra, mas de facto não é com a intensidade que se desejaria que fosse abordada nas outras disciplinas.

Apêndice G- Transcrição da Entrevista ao Adjunto do Diretor

-Idade

R: 48 anos

-Grau de habilitação acadêmica

R: Licenciatura em Matemática e Ciências Naturais-2º Ciclo

-Cargo dentro da organização

R: Adjunto do Diretor e Professor

-O que é para si a participação da criança?

R: Dentro da instituição é muito importante, não só da criança, mas dos outros agentes que conosco trabalham. Mas a criança é para ela que nós trabalhamos e como é para ela que nós trabalhamos devemos saber sempre o feedback que ela nos dá, o que pensa o que deve ser melhorado...É evidente que dentro do enquadramento do que é a noção de que ela tem da realidade e do que é realmente a realidade é diferente, mas se nós conseguirmos ir ao encontro dos desejos da criança ela sente-se melhor cá e sentindo-se melhor cá faz de forma mais eficaz a sua aprendizagem e portanto a voz do aluno é muito importante.

-Enquanto diretor do Agrupamento sente que os jovens valorizam a participação e percebem a sua importância?

R: Tenho algumas dúvidas, isto porque, eles acham que devem ter voz, mas depois quando lhes perguntamos “então e o que é que achas que devia melhorar?” muitas vezes já não sabem o que não de dizer. Ou seja, se calhar nós temos de trabalhar especialmente ao nível da cidadania e depois isto repercute-se também na sociedade que é a voz que o jovem se calhar não tem noção que deveria ter e o papel que deveria ter mais interventivo e que ainda não tem e a escola deve ser um local ideal para potenciar essa situação.

-Na sua opinião, o que incentiva a participação das crianças na escola?

R: Para incentivar devemos ser mesmo nós escola a dar-lhe possibilidade que ela fale e motivá-la para que o faça, é evidente que depois também depende da idade, não é? Mas se for numa idade mais precoce ela não tem muito bem noção de como deve participar, como é que pode participar, como é que a sua voz pode ser ouvida, pronto...E se calhar tem de ser a escola a fazer essa ligação para que a criança perceba que pode e deve dar a sua opinião.

-Que benefícios pode trazer para a criança a sua participação no processo de ensino?

R: Muitos, mesmo muitos. O processo de ensino está a mudar de forma tremenda, eu diria que, sem exagero os próximos 5/10 anos, a educação ou o ensino vá, vai mudar mais do que nos últimos 200, isto porquê? Porque muitas das nossas salas de aula são salas de aula do século 19, em que havia o detentor de saber, o aluno estava em fila e só tinha como missão absorver os conteúdos que lhe eram transmitidos, hoje não! Hoje o aluno

tem na mão dele não sei quantas vezes mais informação do que aquela que o professor lhe possa transmitir, portanto a criança deve ter um papel muitíssimo ativo na construção do seu saber e, portanto, o professor deve SÓ E APENAS orientar a forma como o aluno adquire informação, determinados conteúdos da sua disciplina e daí é o aluno que vai. Obviamente orientado, mas é o aluno que vai. Tem que acabar e vai acabar o professor detentor de todo o conhecimento e o professor transmissor, o professor tem de ser um orientador e portanto o aluno tem que dar perspectivas ao professor da forma como quer ser orientado, mas o aluno não tem maturidade se forem, graus mais baixos, suficiente para dizer que quer ir por ali, o professor tem que a cada feedback que o aluno vai dando o professor vai ajustando a sua orientação para que ele consiga encontrar o conhecimento que mais lhe convém e a forma de o encontrar. Porque para uns uma forma pode ser muito cativante para outros pode não ser nada cativante. Se calhar para uns ter ali um professor do século XIX até é ótimo até porque se calhar em casa é aquilo que lhes é incutido, mas se calhar para outros esse tipo de ensino não é resposta. Muito rapidamente digo que nós em Y temos um plano de inovação pedagógica exatamente porque a tipologia de alunos daquela escola nos obrigou a repensar toda a aprendizagem dos alunos ainda antes de qualquer tipo de evolução que para aí venha e nós então fizemos mesmo isso, ou seja, fizemos um Focus Group com os alunos, também fizemos com professores, com pais com assistentes de lá, mas fizemos mesmo isso, auscultámos a opinião dos alunos. “O que era para eles a sala de aula ideal? O que era para eles aprender de forma ideal?” e a partir daí nós fomos construindo o plano, com base na opinião destes todos, mas com especial enfoque na opinião dos alunos. Posso-lhe dizer que hoje é um plano que é elogiado por várias estruturas do nosso Ministério da Educação e que é um plano onde os alunos se sentem bem a aprender, os alunos já não estão na sala de aula a ouvir os professores, funcionamos muito por oficinas interdisciplinares e isso não só lá mas se calhar em todo o lado vai ser o futuro, um aluno hoje que tenha um grau académico ou não que vai à procura do seu primeiro emprego se calhar não é por ter 20 a matemática, se calhar é porque tem vivências a vários níveis, participou em projetos de vários níveis se calhar até fora da escola que jogou uma modalidade qualquer por exemplo coletiva e sabe trabalhar em equipa....estas competências vão ser essenciais para o seu futuro, não necessariamente o 20 a matemática porque mesmo até na transição do secundário para o superior, um aluno com média de 20 ou 19 nem sempre é o aluno que consegue terminar o ensino superior de forma mais brilhante exatamente porque isso não quer dizer que as competências estejam todas desenvolvidas.

-O que considera serem obstáculos à viabilização da participação das crianças?

R: Por um lado ele próprio não ter muito bem noção da realidade da escola, porque uma coisa é eu achar que devia ser assim ou de outra maneira, outra coisa é sabermos a realidade com que se gere uma escola ou uma sala de aula e aí pode não ser exequível a sua opinião, agora muitas vezes também há poucos momentos para lhes perguntar opinião e o aluno tem que ser habituado a que lhe peçam opinião e que perceba de que modo é que a deve dar. A partir do momento em que estes obstáculos que parecem pequenos, mas são muito grandes forem derrubados e houver uma troca de informação mais fluente eu acho que está a base criada para que se consiga uma boa interação com os alunos a esse nível.

-Da mesma forma, o que considera serem os facilitadores da participação das crianças?

R: Facilita a participação se nós tivermos muitos momentos para que as crianças o façam e façam livremente e depois consigam ver o reflexo na prática da sua opinião. Nós temos por exemplo as assembleias de delegados, está no plano de intervenção do diretor do nosso agrupamento também reuniões cíclicas com os delegados de turma, ainda na semana passada creio eu aconteceu uma dessas. Há outras estratégias também que estão para ser implementadas a esse nível e aqui está, são momentos para motivar os alunos a darem as suas opiniões. A partir do momento em que ele deu opinião e consiga depois na realidade verificar “aquela minha opinião foi seguida” a partir daí eu acho que... muito mais que motivar o aluno a dizer “anda, diz, vai, vem dar a tua opinião, nós gostamos da tua opinião”, mas se ele não vir na realidade algo da sua ideia implementada, dá uma opinião 1 ou 2 vezes mas mais nada, mas se verificar que realmente valeu a pena vai ser muito mais participativo e isto é o fundamental para levar os jovens a participar na sociedade. Porque muitas vezes parece que há alguém “divino” que manda e todos nós só temos de obedecer, mas não. Dentro das regras estipuladas todos nós temos direito à nossa opinião e é isso mesmo que eles devem sentir. Já agora muito rapidamente, este ano, agora no segundo semestre nós trabalhamos por equipas educativas, propusemos a cada equipa educativa que construísse um projeto de intervenção na nossa comunidade, no concelho de Albergaria-a-Velha para quê? Para que os alunos encontrassem algo no concelho que achassem que devia melhorar e esses projetos vão ser apresentados à Câmara para que eles percebam que também na autarquia e depois também a nível macro, ou seja, ao nível do País eles podem participar, eles podem dizer, eles podem ter uma voz e tudo isso parte da escola como é lógico.

-Na sua opinião, existem diferenças entre crianças que tenham diferentes intensidades de participação?

R: Sim. É evidente que depois a justificação para que isso aconteça pode ser muito ampla, mas as crianças que mais participam são aquelas que reconhecem ou que já reconhecem a importância de o fazer e já ouviram/viram que a sua opinião aqui ou ali, no seu curto período de vida foi valorizada e mudou alguma coisa e, portanto, se calhar sentem-se já mais à vontade para o fazerem. Obviamente que depois há aqueles que são mais extrovertidos e aqueles que são mais introvertidos. Há outros que por circunstâncias várias, de vivências da sua vida que não seja tão enriquecedor, ainda não tenham chegado a esse patamar, mas creio que os alunos que têm já esse hábito vai estar sempre intrínseco e depois vão ser sempre adultos ativos e interventivos na sua sociedade e isso é muito importante, mas creio que passará muito por aí, porque se calhar em algum momento já sentiram que a sua opinião foi valorizada e mudou alguma coisa, a partir daí já temos um cidadão interventivo de certeza.

-Considera que existem diferentes formas de participação que são praticadas pelos alunos? Quais?

R: Essa é se calhar o grande ponto de partida para a transformação que é, não só na opinião dos alunos como em tudo e encaixa no que eu disse um bocadinho atrás, que é o

facto das práticas pedagógicas ativas é fundamental, fundamental que isto altere e a partir do momento que eu tenho uma prática pedagógica ativa, o aluno é ativo na sala de aula, se é ativo na sala de aula automaticamente a sua vontade, o seu interesse e a sua opinião conta. Portanto tudo isso se interliga para que o aluno seja valorizado por isso. Agora isto levaria a uma conversa de horas, mas não nos vamos esquecer que a nossa classe docente já está muito envelhecida e, portanto, é difícil alterar algumas práticas pedagógicas que já têm há mais de 30 anos, por outro lado não nos vamos esquecer que a profissão docente é aquela que tem um exemplo pelo menos desde os 6 anos de idade. Se eu tiver outra profissão qualquer vou aprender vá lá o meu modus operandi no ensino superior quando é mais vocacionado para aquela profissão, mas na educação não porque o professor desde criança está a ver um modelo e é difícil mesmo para os novos professores, é difícil o destacar, o descolar daquela postura do professor transmissor de conhecimentos e não o professor de práticas ativas. E é algo que eu não tenho nada a ver com o assunto, mas enquanto observador e enquanto professor, há uma situação que eu acho que se calhar as nossas instituições superiores de formação de professores ainda muitas delas, de certeza que ainda não fizeram o salto. Ou seja, uma coisa é, perante uma plateia de alunos eu de forma expositiva passar 50 slides de power point a falar sobre a pedagogia de Piaget, outra coisa é eu retirar os alunos todos da mesa/cadeira e colocá-los a fazer o que devem fazer no futuro, ou seja, não dizer-lhes “devem fazer assim e assim” só que eu continuo como modelo de expositor, mas dizer-lhes “o que vamos fazer é o que vocês têm de fazer” e desde o primeiro ano de formação em prática pedagógica coloca-los sempre em pé, a trabalhar em grupo, a trabalhar sobre metodologia de projeto... Isso é que é a prática pedagógica ativa do futuro. Algo que eu acho que nas nossas universidades ainda não acontece e, portanto, as novas fornadas de professores que o sistema precisa deles como de pão para a boca, ainda veem com uma ideologia/formatados com o ensino tradicional porque foi o que continuaram a ver, ouviram se calhar teoria, mas na prática nunca a viram e vão ter de ser eles a explorá-la com tudo o que poderá trazer de positivo ou negativo.

-Quais são, para si, os indicadores fundamentais, quando falamos em participação das crianças?

R: Eu diria “como quer aprender”, diria “uma escola feliz” e um “aluno capaz”. Ou seja, como eu gostava de aprender e assim sinto-me bem a aprender, “uma escola feliz” porque se ele se sentir feliz no ambiente da escola vai querer sempre vir para a escola e a escola só tem um ambiente feliz se ele conseguir participar nela também com a sua opinião e por último ele sentir-se capaz de fazer a sua própria aprendizagem porque um aluno se não se sentir capaz cada vez vai ser menos interventivo, cada vez vai ficar mais introvertido a esconder a sua incapacidade e portanto o sentir que é capaz é fundamental na educação.

-No geral, as crianças são informadas e envolvidas nos projetos da escola? De que forma?

R: Deveriam ser, se não são deveriam ser. Todos os projetos que eu disse à bocadinho das equipas educativas a ideia é que os alunos olhem para a escola ou para o conselho onde vivem e tenham opinião, “Eu gostava de mudar aquilo”, “eu gostava que aquilo fosse mais não sei o quê” e a partir daí todos os projetos terem este ponto onde avançar. Não ser o professor a dizer “vamos embelezar isto”, “vamos ultrapassar aquilo”, “vamos criar não sei o quê”, mas ser o aluno na sua perceção a propor os temas de trabalho. A partir daí obviamente que o tema é seu e tudo o que é nosso é automaticamente defendido por nós até à ínfima e no final até podemos chegar à conclusão de que a nossa ideia nem era grande coisa para aplicar ali, mas o facto de ser algo dos alunos é logo uma mais-valia para que o projeto aconteça. Portanto se os alunos ainda não são muito envolvidos deveriam ser e no futuro terão mesmo que ser.

-As crianças são convidadas a expressar os seus pontos de vista e a intervir de forma ativa? Em que medida diria que a opinião das crianças é tida em conta?

R: Sempre que possível exatamente pelo que eu disse porque é assim, por exemplo, muitas vezes, a todos os níveis, muitas vezes nós olhamos para uma ação do governo, uma direção, uma oposição seja do que for e todos nós temos uma opinião que poderíamos aqui e ali fazer melhor ou muitos aqui e ali que poderiam fazer melhor ou diferente. Contudo, nem sempre estamos na posse de toda a informação para saber se é possível fazer esse diferente e aqui com as crianças e igual. Ou seja, eles nem sempre têm noção da realidade, das contingências que temos e, portanto, o ser exequível nem sempre é, e isso pode ser muitas vezes um entrave a que as coisas sejam aplicadas, mas eu acho que o estímulo tem que haver sempre.

-Os alunos têm a iniciativa de iniciar projetos do seu interesse e compartilhar as decisões com os outros alunos?

R: Ainda não têm, no global ainda não têm. Espero que essa questão seja uma questão que fosse daqui a 10 anos quase que banal. Ou seja, em 2022 é uma questão totalmente pertinente, em 2032 o meu desejo é que nem se faça, porquê? Porque queria dizer que o ensino realmente mudou, que nós estamos a trabalhar para a construção de conhecimento em crianças que vá ao interesse deles e que eles já automaticamente já cheguem à sala de aula, se fale numa coisa qualquer e eles imaginem logo que projeto é que vão fazer para dar resposta a um determinado conteúdo ou uma determinada situação, esse é o objetivo primeiro de uma prática pedagógica que se pretende alterar, portanto eu julgo que neste momento ainda não ou não como deveria ser, no futuro espero bem que sim.

-Os alunos tomam decisões e partilham-nas com os adultos? Há colaboração entre as duas partes?

R: Creio que sim, lá está ainda não o ideal mas crio que sim, porque depois há ali momentos de partilha, há ali momentos que têm de seguir, mesmo que seja o professor a tomar alguma iniciativa inicial mas depois a condução acho que mesmo hoje já acontece que sejam os alunos a fazê-la, depois depende do tipo de projeto e do tempo de execução do projeto porque se for um projeto que tenha tempo, mesmo que o professor perceba que aquele caminho vai dar a um sentido proibido ou sentido único, o professor vai deixar, vai deixar ir e o aluno percebe e vai por outro caminho por ele próprio. Se não houver muito tempo para isso se calhar o próprio professor vai dizer “olha por ai se calhar não será bom, por isto...encontrem outro caminho” e o aluno vai. Creio que mesmo assim hoje já vai existindo essa situação mesmo sendo o professor se calhar a tomar a iniciativa de muitos projetos e de muitas temáticas, mas já é o aluno a fazer algum do seu percurso. Eu acho que a motivação e a orientação inicial é fundamental, é a base, a partir daí o aluno vai e o aluno vai e o professor só tem de estar a orientar. É muito difícil para um professor que tenha mais de 30 anos ele deixar de ser o professor que dirige porque lhe parece que as coisas lhe e são a fugir do controlo, mas não, o professor só tem que orientar e se vê que o aluno não está a ir por aquele caminho certo, orienta ali um bocadinho mais para a esquerda um bocadinho mais para a direita, se calhar se o aluno não está a chegar a determinado ponto/aspecto que depois não potencie a aprendizagem essencial que se pretendia que ele adquirisse orientar um bocadinho. Mas sem o professor dizer nada, no sentido de “esta folha é branca” é este o conhecimento que tens de adquirir, não, é só orientar para que o aluno chegue lá por ele próprio. A partir daí eu acho que o conhecimento é todo possível. Agora é evidente que também em termos curriculares tem que haver aqui uma gestão que permita tudo isto, mas eu acho que é um caminho que eu acho que o Ministério da Educação já percebeu a algum tempo que tinha de ser trilhado, o decreto lei 55/2018 e o próprio 54/2018 são potenciadores enormes para a mudança, foi uma alteração tremenda, mas Portugal é conhecido como sempre o país que tem as leis mais bonitas do mundo no papel depois na prática as coisas nem sempre resultam como o legislador pensava. Que as coisas vão mudar vão, muito devagarinho sim e depois temos de ter no terreno quem potencie essa mudança e aí cabe aos professores.

-Que tipo de estratégias é que as escolas do Agrupamento têm vindo a desenvolver para promover a participação? (ex: gabinetes de apoio)

R: Como disse à bocadinho, está na proposta de intervenção do nosso diretor que tomou posse ainda não há um ano, exatamente esses momentos de audição com os delegados de turma, nós temos a assembleia de delegados isso já temos há muito tempo... No plano de recuperação de aprendizagens 21/23, um dos aspetos que o Ministério avançou é a voz dos alunos, onde se criam vários momentos para que o aluno tenha a possibilidade de dar a sua opinião, não só o delegado de turma, mas também os restantes alunos. Essa é uma das medidas que nós temos no nosso plano de recuperação 21/23 para o Agrupamento entre outras medidas... dentro dessa medida há várias ações e agora o que estamos a espera e o terminar deste ano letivo e, no próximo ano letivo vamos verificar, quer ao

nível do conselho pedagógico quer ao nível de conselhos de turma que ações dessas é que vão ser escolhidas para que os alunos tenham uma participação mais ativa no dia a dia do Agrupamento. Isso já está previsto, só que nós em termos de direção não gostamos nada que seja tudo dirigido, deve ser tudo feito em cooperação e com a opinião de todos, aliás foi uma das ações do plano 21/23 que escolhemos e agora será a comunidade educativa a dar-lhe potencial, a dar-lhe sustento e dar-lhe base. Serão os professores e os alunos a escolher que ações é que vamos desenvolver para que eles tenham voz. Depois, para além disso, temos vários projetos onde os alunos têm opiniões, como disse aquele de intervenção no conselho que podia também ser na escola alguns projetos apareceram de intervenção e de alteração na escola, principalmente espaço exterior da escola. Portanto, ou seja, a voz do aluno neste momento a vários níveis tem de ser potenciada ao máximo para que seja o aluno a dizer como quer aprender... isto pode parecer assim um bocado estranho, mas como quer aprender evidente dentro de um currículo que tem de ser cumprido, mas a escola tem que lhe dar ferramentas para que ele se sinta bem cá, que se sinta a parte mais ativa da sua construção de conhecimento e portanto tudo parte exatamente disso, da sua opinião e da sua voz.

-Quais são os espaços, reconhecidos por si, que são destinados à participação das crianças? (ex: espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)

R: Ora é assim, voltando...vou me repetir um bocadinho, ou seja, e termos de tudo o que é projetos deve partir deles, exatamente isso... Espaços da escola como disse tivemos propostas de alterações, não só de embelezamento, mas também potenciadores do bem-estar na escola. Por exemplo, esta escola tem poucos espaços cobertos, agora felizmente já tivemos aqui a ampliação do coberto, tem poucos espaços de sombra natural, há um projeto exatamente que visa essa situação com a colocação de árvores de grande porte que possibilitem a sombra natural...hum... e depois em termos de escola e de funcionamento lá está, a assembleia de delegados é fundamental, porque há aqui muita coisa em termos de funcionamento, nós habituámo-nos já a ouvir essa assembleia. Para além disso, estava-me a esquecer porque nós aqui estamos numa básica mas na secundária existe a Associação de Estudantes e a Associação de estudantes é também um órgão extremamente ativo e que trabalha numa lógica de muita colaboração com a direção, há aqui um intercâmbio muito grande entre a Associação de estudantes e a direção para a implementação de várias atividades, de várias alterações mesmo em termos de espaço físico das escolas e portanto é também um órgão que nós nos habituámos a trabalhar colaborativamente com eles no sentido de alterar algumas coisas.

De resto... a sala de aula é um espaço de participação sempre, depois nós temos mais até através dos delegados nós temos algumas reuniões com eles tipo focus group para saber algumas alterações que eles fariam, o que é que eles acham... isto em termos mais formais. Noutro âmbito esta porta mesmo que esteja entreaberta está sempre aberta para qualquer aluno e eles têm por hábito assim do nada vir cá e dizer “oh professor acha que ali aquilo poderia ser alterado? Ainda no outro dia, por exemplo, a propósito da adoção de animais se nós poderíamos participar e ajudar e vieram aqui alunas perguntar se era possível nós ajudarmos e incentivarmos a adoção de animais... Ou seja, são situações que

eles já por si sentem à vontade para o fazer e a partir desse momento a escola se constrói mesmo sendo, por exemplo, ali a exploração da sala de convívio que eles já várias vezes vieram com algumas opiniões para nós potenciarmos mais a sala de convívio. Ali o campo de desporto que eles também gostam bastante de ir para lá e que precisa de alguma requalificação e também dão a sua opinião... Portanto mesmo que não sejam momentos formais eles sabem que podem vir falar connosco e estamos sempre abertos a qualquer ideia nova, desde que seja exequível... lá está a exequibilidade ou não das opiniões.

-Os alunos participam, por norma, em projetos de âmbito local que envolvam a escola e a comunidade? E em projetos ao nível nacional?

R: Sim, sim. Nossos projetos e também para além disso, os projetos de empreendedorismo que são os projetos que são lançados pela Câmara Municipal com muitíssimas turmas por ano, por ciclo... e isso ainda agora a semana passada foi a mostra onde tivemos a apresentação de várias turmas, de vários ciclos de ensino e isso são projetos que são lançados pela comunidade e que nós participamos regra geral. Depois já com um âmbito de alunos já com uma idade mais avançada posso lhe dizer que especialmente o nosso curso profissional de multimédia é um curso, correndo o risco de ser mal interpretado, é um curso que eu diria que é hiperativo, ou seja, porque a sua qualidade de trabalho é tão elevada que fazem cobertura em eventos a nível nacional. Eles têm professores que são extraordinários com eles, que os acompanham durante o fim de semana, em congressos de médicos, congressos de educação, congressos de autarquias, eles estão na cobertura de seja do que for de lés a lés. O problema já para os professores que coordenam este curso é haver agenda para conseguirem encaixar tudo, porque eles têm a agenda completamente cheia de tanta procura que têm na participação em projetos e em tudo e mais alguma coisa a nível exterior. É difícil já para Albergaria e para o Agrupamento conseguir vaga na agenda deles a nível nacional, o que é muito representativo.

-As iniciativas dos alunos são divulgadas à restante comunidade educativa e comunidade não escolar?

R: Cada vez mais. Antigamente se calhar não muito, agora cada vez mais, especialmente pela nossa página, especialmente pelas redes sociais que temos e que são um veículo tremendo de transmissão disso mesmo porque é difícil que algo numa escola de primeiro ciclo que seja feita é difícil que seja de conhecimento de toda a nossa comunidade, mas a partir do momento que nós conseguimos o registo de ações que se desenvolveram nessa atividade e é partilhado nas nossas redes sociais ou na nossa página, a partir daí já todo o Agrupamento tem conhecimento e as redes sociais têm os pontos negativos que sabemos e valem o que valem mas na difusão do trabalho que se vai fazendo em cada escola do nosso Agrupamento são importantíssimas, porque é o modo que temos para demonstrar aquilo que os alunos fazem, é a forma que o aluno tem de se sentir reconhecido e para os pais é também um orgulho saber que o seu filho foi capaz de fazer aquela atividade, foi

capaz de integrar tão bem toda aquela envolvimento e portanto é, neste momento, o meio de divulgação mais eficaz. Regra geral também recebemos feedback a partir daí, mas estamos a estudar neste momento, o desenvolver de uma espécie de rede social interna, mas é algo que tem de ser muito bem controlado para evitar qualquer tipo de má utilização e, portanto, é um estudo que ainda está muito no início para ver se é exequível ou não, mas também é uma possibilidade no futuro.

-Quais as disciplinas que abordam temas relacionados com a participação das crianças, como os seus direitos e deveres, questões da cidadania, entre outros?

R: Mau será que não sejam todas. Costuma-se dizer que todos os professores são professores de português e é verdade, porque é a língua com que comunicamos não é.. É verdade, todos somos professores de português, mau é que todos não sejamos professores de cidadania. E, portanto, não é só a cidadania tratar dos seus temas que tem a tratar mas cidadania está e qualquer gesto, em qualquer ação e seja no que for e portanto a cidadania tem de estar em todas as disciplinas, se bem que, um bocadinho conjugado com o que eu disse antes, eu creio que esta coisa das disciplinas fronteira vai ser daquelas coisas que rapidamente vai ter que acabar, porque uma disciplina não pode ter fronteira com outra ou com mais nenhuma... O conhecimento do aluno ou a aprendizagem do aluno tem que ser global e portanto quanto mais interdisciplinaridade existir tanto melhor, as disciplinas tem que se entrecruzar, têm que verificar que se calhar a aprendizagem tem que ser exatamente com a adição de conteúdos umas das outras porque aí a construção de conhecimento vai ser ampla e a cidadania tem que estar na base de tudo, porque se não houver transmissão dos valores de cidadania, não tarda nós parecemos animais irracionais. Mais uma vez, a interdisciplinaridade tem que ser o futuro porque é assim muitas vezes, sei lá, ainda agora está aberta a discussão do novo programa de matemática para o secundário e quer dizer, quanto mais for fora da realidade das pessoas, quanto mais uma disciplina for estanque e separada das outras mais difícil é para o aluno perceber para que é que aquilo lhe vai ser útil no futuro e portanto se houver uma inter-relação entre todas as disciplinas, e muitas vezes até os professores se queixam que o programa é muito longo... Mas porque é que por exemplo no segundo ciclo o aluno tem que dar geometria em matemática e dar geometria em EV e ET, porque não, Matemática, EV e ET trabalham juntas? Sempre? Se calhar não há necessidade de ser sempre, mas se calhar de uma só vez o mesmo conteúdo visto pela arte e pela matemática se calhar era tratado de forma muito mais completa, muito mais real para o aluno e em muito menos tempo e os professores o que se queixam sempre é que não têm tempo para abordar todo o conteúdo daquele ano ou ciclo, quando se calhar se trabalhassem de forma interdisciplinar as coisas eram bem mais fáceis e muito melhores para o aluno.

Apêndice H- Transcrição da Entrevista ao Professor 1

-Idade

R: 50 anos

-Grau de habilitação acadêmica

R: Licenciatura em Estudos Portugueses; Licenciatura em Ciências Religiosas //Prof de Moral e Prof de Português

-Cargo dentro da organização

R: Na Escola X sou professora de Educação Moral e Religiosa e professora de Cidadania e Desenvolvimento, bem como coordenadora dessa mesma disciplina.

-O que é para si a participação da criança?

R: A participação da criança é sempre que a criança pode dar a sua opinião voluntariamente ou quando pedida por um adulto, quer seja o professor, o diretor de turma, o professor titular, o educador e a sua opinião pode ser sobre o modo organizacional da escola, sobre as atividades que se desenvolvem, sobre as regras da escola. Para mim isto é dar voz às crianças, ter uma opinião sobre.

- Concorda com a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem? Porquê e de que forma?

R: Perfeitamente, eu acho que se eles não forem envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, se não sentirem pertença daquilo que estão a fazer, não sentirem que também está lá a sua voz e a sua vontade não vão ter vontade de fazer e se sentirem que aquilo que estão a fazer também tem participação sua, como é obvio, vão fazê-lo com muito mais gosto.

-Na sua opinião, o que incentiva a participação das crianças na escola?

R: Tem de se abrir espaço para elas poderem ter a sua opinião. Se não se abrir espaço, portanto se os adultos não lhe derem espaço e quando eu falo dos adultos estou a falar da direção da escola, estou a falar dos professores... Se não lhe derem oportunidade para eles poderem manifestar a sua opinião eles não a vão ter por iniciativa própria.

-Que benefícios pode trazer para a criança a sua participação no processo de ensino-aprendizagem?

R: De certeza que vão beneficiar muito porque vão fazer uma aprendizagem com gosto e se calhar vão muito mais além do que aquilo que eram os objetivos que estavam previstos, por exemplo, pelo professor. O professor ou o currículo tem determinados objetivos que pretende atingir, ora se a criança coloca ali também a sua vontade, se calhar podemos ir

mais longe, não é? Podemos casar as 2 coisas e eu penso que há muitos benefícios, as coisas acontecem com prazer para a criança claro.

-O que considera serem obstáculos à viabilização da participação das crianças?

R: É uma boa pergunta. Às vezes até é a crítica dos pares, eu estou a pensar por exemplo nas minhas aulas, quer nas aulas de moral quer nas aulas de cidadania. Quando é ponho um tema à discussão e quando eu digo que quero ouvir os alunos, muitas vezes eles têm medo de participar ou de dar a sua opinião e não tanto com receio da minha crítica, mas mais a crítica dos colegas da idade deles. Não tanto na faixa etária da infância porque eu tenho uma visão transversal da educação desde o 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e secundário, mas noto mais na fase da adolescência, naquela fase da afirmação da identidade eles têm muito medo de depois serem excluídos dos grupos e a sua opinião ser diferente da maioria do grupo então muitas vezes acanham-se de dizer a sua opinião. Então aquilo que pode ser um entrave a muitas vezes darem a sua voz (pelo menos pelo que eu vejo nas minhas aulas) a terem a sua voz é, não tanto dos adultos, mas o receio da opinião dos pares que possam ser críticos e possam ser excluídos.

-Diria que isso acontece mais no 2º ciclo ou...?

R: Se calhar, no 3º ciclo, a partir do 7º/8º porque depois no 9º já começam a marcar mais a sua identidade e não ter tanto receio de se manifestar. Porque no 7º/8º ano eles estão com muitos medos de dizer aquilo que pensam e que sentem. No 2º ciclo, eu já dou aulas à 20 e tal anos e eu sinto que cada vez mais a adolescência está a começar mais tarde, a inocência da infância vai até mais tarde e a infantilidade e a brincadeira estão a ir até mais tarde, não sei estou a sentir que as coisas já não são como eram há uns anos. Há uns anos trabalhava-se de uma maneira agora sinto que eles levam as coisas de uma forma muito pouco séria, não sei se as tecnologias vieram ajudar ou não, por um lado sim por outro lado não isso já é outra questão.

-Na sua opinião, existem diferenças entre crianças que tenham diferentes intensidades de participação?

R: Sim, eu julgo que os alunos que participam mais e que estão mais habituados a dar a sua opinião e a participarem mais ativamente, mesmo sem ser a opinião, a participar em projetos, a desenvolver projetos, são alunos que adquirem competências para a vida, adquirem aprendizagens e desenvolvem aprendizagem que realmente os alunos que participam menos não desenvolvem. A aprendizagem fica mais comprometida. Eu noto isso quando apanho turmas que conheci no 1º ciclo e que tive professores titulares que desenvolviam muitos projetos com eles, estimulava o desenvolvimento de projetos e depois no 5º ano, eu percebo que quando proponho uma atividade qualquer, esses mesmos alunos são muito desenrascados e fazem coisas espetaculares, apresentam logo trabalhos de forma dinâmica e autónoma e comparo com outras turmas que já não são assim. Por exemplo, eu tenho várias turmas de 6º ano e eu fui professora deles no 1º ciclo, sabia

quem quer os professores titulares deles e o trabalho que desenvolviam, aquelas turmas onde os professores titulares estimulavam mais a participação dos alunos em projetos, são as turmas que agora no 6º ano fazem trabalhos maravilhosos. Portanto lá está, uma aprendizagem estimulada para a participação no 1º ciclo, dá depois miúdos no 2º ciclo mais desenvolvidos e provavelmente no futuro ainda mais se continuarem a receber o mesmo tipo de estímulos.

-Quais são, para si, os indicadores fundamentais, quando falamos em participação das crianças?

R: Em primeiro lugar eles têm de estar esclarecidos. Portanto eu diria, que os indicadores são principalmente conhecimento e informação. À partida se já houver informação e conhecimento estão mais habilitados a poder participar eu penso que essa a palavra-chave, esclarecidos, dotados de conhecimento são mais capazes de participar. Porque muitas vezes nós pedimos a participação e eles também não sabem porque não têm conhecimento e quando é assim eu mando-os pesquisar sobre o tema. Estou a falar mais na cidadania, quando nós temos domínios para trabalhar eles ficam assim um bocadinho às aranhas, então agora sobre saúde e sexualidade reprodutiva eu pergunto sempre “então o que é que vamos trabalhar sobre isto”, “que projeto vamos desenvolver” “o que é saúde e sexualidade” vamos tentar procurar sobre isto. Portanto o conhecimento é a base, quando se conhece é muito mais fácil, porque sobre o desconhecido é muito difícil falar-se.

-Sente que as crianças ficam mais à vontade se trabalham em grupos e se houver a cooperação dos professores?

R: Sim. Isso é muito importante, o trabalho individual torna a pessoa mais insegura, portanto o trabalho em grupo é muito importante quer seja para adultos quer seja para crianças é fundamental e uma boa orientação por parte do professor. Ninguém nasce ensinado isso não vale a pena pensarmos assim: “Agora vamos atirar os alunos para a arena, não é assim” é fundamental uma boa orientação do professor, claro que não podemos dar a informação toda, é deixá-los ir à pesquisa, imaginar ir à descoberta... Mas é muito importante a orientação principalmente com timings, podemos fazer um cronograma por exemplo, para eles saberem para se orientarem, para não se perderem. O trabalho em grupo é muito importante para criar confiança porque a segurança do grupo dá outro estímulo até para eles criarem competências ao nível do trabalho colaborativo, da partilha de opiniões, saber aceitar a opinião dos outros...

-No geral, acha que as crianças são informadas e envolvidas nos projetos da escola? De que forma?

R: É assim, em particular na cidadania, sim. Nós temos um projeto um bocadinho diferente das outras escolas porque nós não temos pré-definido para cada ano, há no geral os temas a trabalhar (domínios), mas depois são os alunos que escolhem em cada ano. Os

alunos são informados dos temas que têm disponíveis, há uma primeira aula onde os alunos fazem essa escolha. Por isso acho que os alunos têm essa abertura ou a oportunidade de escolher o que querem trabalhar. São informados.

No geral, na escola, se eles são informados...temos a página do Agrupamento onde temos sempre a informação, agora se eles vão lá pesquisar ou não isso não sei. Os Diretores de turma também fazem essa ponte e transmitem a informação sim, temos a assembleia de delegados, os delegados de turma também recebem informação e também passa.

-As crianças são convidadas a expressar os seus pontos de vista e a intervir de forma ativa nas aulas e na escola em si? Em que medida diria que a opinião das crianças é tida em conta?

R: Isso é muito relativo. Eu não lhe vou dizer que em todas as aulas de cidadania isso acontece porque isso também depende muito dos professores. Eu enquanto coordenadora de cidadania vou conversando com os meus colegas e vou-me apercebendo disso. Por exemplo, nós temos uma planificação para cada turma e eu peço aos meus colegas que me enviem a planificação após os alunos escolherem os temas e dou-lhes um prazo quase no final do semestre, porque a planificação é algo em construção porque se os alunos é que escolhem os temas que querem trabalhar ou os projetos que querem desenvolver, como é óbvio são coisas em construção. Eu fico espantada quando logo no início do semestre recebo logo a planificação de uma turma... Isto faz-me perceber que os alunos quase não foram ouvidos, o professor é que decidiu e eu tenho 2 ou 3 casos que isto aconteceu e já falei com os colegas. Ou seja, não são muitos os casos, mas temos aqui 2 ou 3 casos em que os alunos não são ouvidos. E pronto, qual é o perfil desse professor? É um professor que já tem alguns anos a lecionar, não está aberto a estas novas metodologias de ensino, é uma pessoa que está habituado a ser aquele que dita as regras dentro da sala de aula e não está com vontade de ouvir. Não é uma crítica é uma pessoa que já está a trabalhar há muitos anos e está cansado. Mas na sua maioria tenho a certeza de que os professores ouvem os alunos e que os projetos são de acordo com a sua vontade.

-Ao nível das dimensões curriculares (espaço e materiais; tempo; interações; planificação e avaliação; projetos e atividades, organização de grupos) existe espaço para que os alunos possam participar? De que forma?

R: Isso é que é um problema. Nós ao nível da cidadania temos 1 semestre para trabalhar limita os projetos. Eu falo por mim, mas agora estou a falar aqui do 7º ano onde eu tinha um projeto espetacular, está com um projeto em mãos belíssimo que tem a ver com saúde e segurança e não vai conseguir terminá-lo porque o semestre está a acabar, era para ir à escola básica a umas turmas de 4º ano aplicá-lo e não vamos conseguir aplicá-lo porque eles ainda estão a desenvolvê-lo e penso que 1 semestre a nível de tempo limita, porque as ideias dos alunos não vão ser todas aplicadas. A nível de espaço e bens materiais estamos limitados também porque a escola não tem e não há verba para comprar. No outro semestre eu fiz com o 8º ano equipamentos sensoriais para a sala da multideficiência

e esses materiais eram com material reciclado, mas era necessária cola para madeira por exemplo e as famílias é que tiveram de comprar e apoiar. Ora, se existem alunos que não tenham a mesma posse financeira que outros acabam por se gerar desigualdades. Existem até alunos com muitas ideias, mas como os projetos são suportados pelas famílias, as ideias não são postas em prática porque as famílias não conseguem apoiar.

-Acha que alunos têm a iniciativa de iniciar projetos do seu interesse e compartilhar as decisões com os outros alunos?

R: Não. Eu tenho por exemplo um sobrinho que anda no 12º ano e falámos sobre isso, a Associação de estudantes podia ter pensado em inúmeros projetos, mas quando assumiram o cargo e falaram o diretor sobre os seus projetos o foco deles era o baile de finalistas ponto. A minha filha fez parte da Associação de estudantes também levou nas orelhas porque o foco também foi sempre o baile de finalistas, depois quando eu a alertei também fizeram uns torneios de desporto e umas coisas diferentes porque ainda foi antes da pandemia, entretanto veio a pandemia. Mas isto porque ela é minha filha e eu dei-lhe na cabeça para fazerem algo diferente. Realmente os alunos por iniciativa própria não fazem nada e têm uma instituição dentro da instituição que é a AE onde podiam promover ações partindo deles e não vejo isso a acontecer, não sei se é porque não têm conhecimento que o podem fazer ou se é mesmo falta de vontade.

Acha que a pandemia tirou algum interesse e apagou alguma vontade de participar?

R: Sim muito, apagou muita coisa, se alguma luz havia nesse sentido, apagou-se. A pandemia foi um grande entrave à relação, à vivência interpessoal. Eles estão muito virados para o mundo do “falar para o ecrã” do telemóvel e manifestar a sua opinião construtiva para o mundo real não está a acontecer. Estão muito virados para o ecrã e eu vejo isso quando proponho uma atividade ou quando estamos a falar em cidadania e em projetos, estão sempre a pensar “podemos construir um PowerPoint, podemos construir um vídeo” e eu digo-lhes que se o vídeo for para passar num canal de televisão ou numa rede social que toda a gente veja pode ser, agora eu prefiro que vocês façam ações mais cara a cara, mais interpessoais. Não sei, acho que como estivemos muito tempo fechados em casa e realmente o ecrã era a forma de comunicar com o outro é assim que as pessoas estão agora habituadas e isso preocupa-me um bocadinho. Mas não sei se isso é bom ou mau, é uma observação.

-Os alunos tomam decisões e partilham-nas com os adultos? Há colaboração entre as duas partes?

R: Sim há. Até porque o nosso trabalho enquanto professores é abrir horizontes, mais portas dar mais informação para que por isso nesse sentido há colaboração. Mas como disse antes eles não tomam muita iniciativa.

-Que estratégias ou ferramentas utiliza para ultrapassar obstáculos e incentivar a participação dos alunos? (ppt, tablets, livros, pc...)

R: Debates, focus group ou metodologias ativas de trabalho para que eles possam a partir dos temas que abordamos nas primeiras aulas de cidadania, muitas vezes em papelinhos lanço ideias nos pequenos grupos, deixo ficar em cima da mesa e depois eles começam a pensar no que pode estar associado a cada tema, se isso lhes interessa ou o que interessa mais, ideias associadas... Depois fazemos uma partilha no grande grupo e as ideias todas que eles lançaram eu faço um esquema no quadro para cada ideia e vou acrescentando ideias para alargar a informação e depois vamos a votação. Portanto nós temos um semestre, eu digo-lhes sempre aqueles temas/domínios que vêm do ministério da educação para desenvolver, é impossível trabalhá-los todos e por isso é que votamos democraticamente em 2 para trabalhar, ou faço com papelinhos ou uso o método da votação online ou um formulário no google e ele, os maiores, com o telemóvel votam.

Depois disso com os temas já escolhidos vão pensar num trabalho de projeto em grupo. Entretanto fazem os grupos, eles é que escolhem, normalmente eu não imponho o grupo de trabalho, apenas se eu vir que não está a correr bem reformulo os grupos logo nas primeiras aulas e eles é que escolhem o projeto que querem fazer relacionado com aquelas temáticas e aí eles é que decidem o que querem fazer e deixo-os pensar.

-Acha que as aulas por semestres vieram alterar de certa forma a dinâmica das aulas?

R: A cidadania já estava projetada assim, por isso funciona perfeito. Quanto às outras disciplinas, estávamos habituados a um ritmo diferente, estamos ainda numa fase de adaptação. Já ouvi pessoas que gostam mais dos semestres outras que não. A mim não me está a custar.

-Tem por hábito ensinar temas que sejam do interesse das crianças, ou pelo currículo extenso de matéria não tem essa oportunidade? Mas então tenta que essas matérias digamos mais “chatas” para eles sejam mais dinâmicas e cativantes?

R: Na cidadania, normalmente tem a ver com a dimensão do projeto do que com o currículo. Muitas vezes não se cumpre o que está no currículo, aquilo que nos é enviado, porque nós só temos ideias orientadoras. A cidadania é uma área nova que surgiu no currículo dos alunos e é tudo muito orientador do ministério da educação nada é assim imposto, portanto é muito aberto, nós não temos de cumprir rigorosamente nada, é mesmo para nós darmos abertura aos alunos para trabalhar. Portanto quando não se cumpre é mesmo não cumprir porque os projetos que os alunos imaginam é que são projetos muito elaborados por vezes.

Agora, nas outras disciplinas eu acho que acaba por ser limitador porque há disciplinas em que o currículo é extenso tendo em conta o tempo, é o que eu ouço dos meus colegas, sim.

-Por norma costuma perguntar aos seus alunos como gostariam de ser avaliados?

R: Isso é uma pergunta muito interessante. Nós aqui na escola realmente temos o projeto MAIA (Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica) e estamos a iniciar agora um novo projeto na escola em que os alunos são ouvidos quanto à forma de serem avaliados. Ou seja, temos alguns elementos de avaliação que são obrigatórios, mas depois temos alguns elementos que são os alunos que escolhem, podem ser avaliados ou por trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo ou..., mas isso depois depende da disciplina. Na cidadania é realmente trabalhos de projeto e é o que eles escolherem e são avaliados de acordo com o que eles querem. Os critérios de avaliação de cidadania são muito abrangentes precisamente para permitir que se possa avaliar tudo o que eles queiram fazer e os de EMRC também são muito abrangentes. Por exemplo, fichas e/ou trabalhos e/ou trabalhos de grupo em contexto de aula e/ou questões de aula e/ou questionários, porquê? Porque deixamos em aberto por depende daquilo que os alunos escolhem.

Cidadania tem temas como: direitos humanos, desenvolvimento sustentável, média, empreendedorismo, voluntariado, igualdade de género, educação ambiental, saúde e sexualidade, instituições e participação democrática. E os critérios de avaliação são: a autonomia, a assiduidade, o cumprimento de prazos, o respeito pelos colegas, respeito pelos materiais, a promoção do bem estar a saúde e ambiente, o comportamento, a cooperação em grupo, a partilha e interajuda, a valorização de diferentes manifestações culturais, ideias e projetos criativos, se pesquisa, valida, organiza e mobiliza a informação, a capacidade de argumentar e debater, o espírito crítico e se procura diferentes soluções para o mesmo problema.

-Como descreveria a sua relação com os alunos? (Relação na base da confiança, no respeito, abertura, diálogo, cooperação, responsabilidade...)

R: É mais fácil perguntar aos alunos porque da minha parte eu considero que sim, que é de abertura, diálogo, interajuda, respeito mútuo que é fundamental, tolerância...

-Acha que o facto de manter esse tipo de relação com os alunos os motiva?

R: Sim. Se eles não sentirem segurança não vão estar motivados. Eu acho que por muito que eles achem “ah o professor é porreiro”, eles têm de sentir também que impor regras e limites, se eles não sentirem isso também não criam confiança e não querem saber. Portanto aquele professor não é um bom professor.

-Quais são os espaços, reconhecidos por si, que são destinados à participação das crianças na escola? (ex: espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)

R: Eles têm uma semana DAC (Domínios da Autonomia Curricular) eu acho que os alunos aí também têm uma participação porque eles elaboram projetos e têm a

possibilidade também no empreendedorismo (5/6º ano) que eles têm a oportunidade de dar a sua voz. E depois têm vários clubes, de resto não tenho conhecimento.

(A Associação de Estudantes é também um espaço de participação, mas acho que é mais que a partir do 7º ano só que nem está a funcionar em espaço físico porque está em obras paradas há muito tempo)

De resto na gestão escolar não sei dizer-lhe muito bem.

-As iniciativas dos alunos são divulgadas à restante comunidade educativa e comunidade não escolar?

R: É assim normalmente faz-se notícia no site do agrupamento sim e nas redes sociais. Estou a falar por exemplo de agora quando foi a semana DAC fez-se notícia das atividades que fizeram. Aí na semana DAC eu não sei se são eles que escolhem as atividades ou se têm essa iniciativa porque é uma coisa que já existe na escola, penso que seja mais a equipa educativa que escolhe, aí não tenho a noção.

Apêndice I- Transcrição da Entrevista ao Professor 2

-Idade

R: 51 anos

-Grau de habilitação acadêmica

Licenciatura em Matemática/Ciências

-Cargo dentro da organização

R: Professora de Matemática e Ciências, Diretora de Turma, coordenadora dos Diretores de Turma e Representante na escola do projeto MAIA- Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica.

-O que é para si a participação da criança?

R: A participação das crianças pode ser oral, escrita. Pode ser voluntária ou quando solicitada, é o também o empenho, o entusiasmo e o interesse que elas mostram durante uma atividade.

- Concorda com a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem? Porquê e de que forma?

R: O aluno deve participar sempre no processo de ensino-aprendizagem e nós até com o projeto MAIA queremos também a participação no processo de aprendizagem, mas também no seu processo de avaliação e também estamos por exemplo a negociar com eles os instrumentos de avaliação, por isso concordo.

-Na sua opinião, o que incentiva a participação das crianças na escola?

R: Vários fatores, a participação das crianças na escola pode ser incentivada através do trabalho de pares por exemplo, através das metodologias de trabalho de projeto... Nós também queremos chamar os pais à escola e temos projetos que envolvem os pais e tem que ser um projeto que lhes diga alguma coisa também. Se eles forem chamados a participar na elaboração do projeto, definirem o tema eles estarão sempre mais motivados também.

Estou a falar de projetos como o nosso da equipa educativa que tem a ver com a Preservação e embelezamento do espaço escolar e temos por exemplo a participação dos pais, eles estiveram cá no momento DAC, os pais viram o projetos dos alunos e também sugeriram ideias, colaboraram também na implementação de um questionário para vermos também o que podíamos melhorar aqui na nossa escola no espaço exterior, queremos colocar bancos de jardim e árvores de grande porte e foram os alunos que escolheram esse projeto e que estão a dar ideias e os pais também estão a colaborar connosco.

Também temos o projeto de Empreendedorismo nas escolas que tem a ver com a Câmara Municipal e os pais também estão agora a colaborar, no nosso caso, a equipa educativa do 5º ano (a,b e c) estamos a fazer uma campanha de solidariedade em que os pais também estão a colaborar connosco e estamos a trabalhar a ODS 1 que é Erradicar a Pobreza e a ODS 12 que é a Produção e Consumo Sustentável e então os alunos estão a reutilizar os objetos que têm em casa nesse sentido.

-Que benefícios pode trazer para a criança a sua participação no processo de ensino-aprendizagem?

R: Mais motivação e maior autonomia...

-O que considera serem obstáculos à viabilização da participação das crianças?

R: Às vezes nós temos dificuldades de chegar a todos os alunos e às vezes a falta de motivação de alguns alunos é um obstáculo, mas temos de os conquistar também. Há também crianças mais sensíveis à crítica dos pares e às vezes os colegas podem ter atitudes menos corretas. Mas nós estamos aqui também para trabalhar com eles esse aspeto, o respeito pelo outro é essencial.

-Da mesma forma, o que considera serem os facilitadores da participação das crianças?

R: Sempre uma boa relação da família com a escola também. A família é essencial e se os pais valorizarem a escola, os alunos também a vão valorizar e então os pais têm sempre um papel muito importante e a colaboração entre a escola, a família e alunos é sempre muito importante. Quando a família está empenhada e valoriza a escola o aluno também vai valorizar a escola.

Outro facilitador é o tema ser sempre do interesse dos alunos.

-Na sua opinião, existem diferenças entre crianças que tenham diferentes intensidades de participação?

R: Há crianças que não participam tanto por uma questão de personalidade, mas quando essa participação lhes é solicitada, acabam por corresponder também. Agora, as crianças que por norma participam mais, são sempre mais extrovertidas e desenvolvem outro tipo de capacidades. Mas nós não podemos só olhar para a participação tendo em conta os alunos extrovertidos, porque os alunos que são mais tímidos e introvertidos têm outro tipo de participação que também deve ser valorizada e eles também participam, à maneira deles, mas participam. Por isso eu acho que quando os alunos participam à sua maneira acabam sempre por enriquecer a sua aprendizagem.

-Quais são, para si, os indicadores fundamentais, quando falamos em participação das crianças?

R: A personalidade de cada um influencia, depois há também os colegas, o próprio professor, a disciplina a matéria e a família.

-No geral, acha que as crianças são informadas e envolvidas nos projetos da escola? De que forma?

R: São. Aliás como eu já disse nós temos por base a metodologia de trabalho de projeto e o subtema desse projeto a trabalhar é decidido pelos alunos, as atividades que desenvolvem são também discutidas com os alunos, portanto os alunos são sempre envolvidos nos projetos e isso é essencial para que eles possam participar.

-As crianças são convidadas a expressar os seus pontos de vista e a intervir de forma ativa nas aulas e na escola em si? Em que medida diria que a opinião das crianças é tida em conta?

R: Sim. É tida em conta nos projetos da escola, mas também é já tida em conta no seu processo de avaliação, na medida em que negociamos com os alunos os instrumentos de avaliação que mais se adaptam àquela turma, portanto eles estão constantemente envolvidos.

-Ao nível das dimensões curriculares (espaço e materiais; tempo; interações; planificação e avaliação; projetos e atividades, organização de grupos) existe espaço para que os alunos possam participar? De que forma?

R: Dos projetos já falámos que existe espaço para participarem, agora dentro da sala de aula podemos às vezes fazer por exemplo “aula invertida” que eu às vezes faço com eles e que eles escolhem um tema, trabalham esse tema e depois apresentam à turma. É uma aula diferente em que são eles que estão ali a apresentar aquilo que pesquisaram e vão apresentar aos colegas. Por vezes trazem até jogos, quizzes, kahuts. Ao nível dos recursos materiais a escola não tem muitos, mas por vezes os pais também ajudam, por exemplo neste projeto da ODS 12 os materiais são trazidos por eles, são frascos ou vasos partidos que já não utilizam e reutilizam. A meu ver a participação não tem a ver com a quantidade, mas sim com a qualidade se cada um der o seu melhor já contribui de forma positiva.

-Acha que alunos têm a iniciativa de iniciar projetos do seu interesse e compartilhar as decisões com os outros alunos?

R: Nesta idade é complicado porque eles ainda são muito jovens, mas se nós iniciarmos eles aí já vão e já se sentem à vontade, agora eles tomar a iniciativa não. E depois temos de ter e conta que eles são alunos que são os filhos da pandemia, que apanharam o 3º e 4º anos com pandemia e eles estão menos autónomos, o que é normal, agora temos de ter tempo para recuperar aprendizagens e autonomia.

-Acha que a pandemia alterou/tirou/apagou a vontade de participar?

R: Mudou porque nota-se que eles às vezes são menos tolerantes, estão menos autónomos e têm menos capacidade de autonomia, mas é perfeitamente normal. Perdemos principalmente em termos de relações humanas

-Que estratégias ou ferramentas utiliza para ultrapassar obstáculos e incentivar a participação dos alunos? (ppt, tablets, livros, pc...)

R: Vários, nós utilizamos o power point, o Canva para fazer vídeos/cartazes, utilizamos o Google Forms também, o Kahoot e o trabalho de pares sempre! Pronto, as ferramentas digitais e incentivo sempre a tutoria de pares. E para além disso temos alunos muito criativos tendo em conta a idade deles.

-Tem por hábito ensinar temas que sejam do interesse das crianças, ou pelo currículo extenso de matéria não tem essa oportunidade? Mas então tenta que essas matérias digamos mais “chatas” para eles sejam mais dinâmicas e cativantes?

R: Nós temos de arranjar espaço para esses temas até porque temos projetos em que estamos a participar, nomeadamente o projeto de Empreendedorismo nas Escolas e o projeto das equipas educativas, portanto há sempre espaço para implementar esses temas. Por vezes não conseguimos acabar de dar o currículo porque é demasiado extenso, mas há sempre lugar para esses projetos.

-As aulas por semestres vieram alterar a dinâmica das aulas? Em que sentido?

R: A dinâmica da aula em si, não, agora avaliação sim, porque já não temos três momentos de avaliação sumativa e passamos a ter dois. Este ano também é o primeiro ano em semestres e também tivemos aquela semana em janeiro e o 2º semestre ficou muito extenso, acho que ainda estou numa fase de adaptação, ainda não sei se há assim grandes benefícios em relação aos períodos, é uma novidade e precisamos sempre de tempo para nos adaptarmos.

-Por norma costuma perguntar aos seus alunos como gostariam de ser avaliados?

R: Sim, até por causa do projeto Maia, porque questionamos-lhes quais os processos de avaliação pelos quais gostariam de ser avaliados tendo em conta a turma em questão. No início do ano são então selecionados os instrumentos de avaliação mas também se ao longo do ano vimos que o processo de recolha não está adequado, alteramos. Mas eles participam, eles dizem que querem fazer, selecionam sempre 3 e podem sugerir um outro entre testes, avaliações orais, trabalho de pares, questões de aula, trabalho de projeto.

-Como descreveria a sua relação com os alunos? (Relação na base da confiança, no respeito, abertura, diálogo, cooperação, responsabilidade...)

R: Diálogo, respeito, confiança, tolerância sempre! E amizade também.

-Acha que o facto de manter esse tipo de relação com os alunos os motiva?

R: Sim, sim. Eu acho que o diálogo é fundamental entre o professor e o aluno e o respeito, a tolerância, a amizade também. Claro que depois eu sou a professora e eles são os alunos não é mas é fundamental haver um bom relacionamento entre os professores e os alunos para que eles também consigam aprender e gostar de estar na escola.

-Quais são os espaços, reconhecidos por si, que são destinados à participação das crianças na escola? (ex: espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)

R: Qualquer espaço pode ser destinado à participação das crianças, haja vontade não é! Mas, a sala de aula é um espaço privilegiado ainda que esta não tenha de ser obrigatoriamente entre paredes não é... podemos também ter uma aula lá fora, de campo, já tivemos por exemplo uma aula no Parque do Estuval. Portanto qualquer espaço é bom para a participação dos alunos. Sala de aula, espaço exterior, Biblioteca...

Em relação às atividades ou eventos, tivemos a semana DAC, temos agora a mostra de Empreendedorismo Júnior, onde eles vão vender suculentas criadas por eles com frascos reciclados e decorados e o dinheiro vai reverter para uma instituição também à escola deles temos visitas de estudo, ações de solidariedade, visitas de campo, temos também os clubes (Para Saberes...), temos um que tem a ver com a literatura... mas eles não participam muito só no de Robótica e no Desporto Escolar que eles gostam.

-As iniciativas dos alunos são divulgadas à restante comunidade educativa e comunidade não escolar?

R: São. Olhe, o projeto da equipa educativa que no nosso caso é de embelezamento e preservação do espaço escolar foi divulgado à comunidade educativa, os alunos fizeram maquetes e tudo, com banquinhos, as árvores e vamos divulgar à comunidade também no Cineteatro Alba a pedido da Câmara Municipal, divulgámos também no Blog de escrita aqui do Agrupamento que é o “Cais da Escrita”, na página do Agrupamento e no Facebook da Biblioteca Escolar. Portanto os projetos das Equipas Educativas que incluem sempre 3 ou 4 turmas, esses projetos são depois divulgados à comunidade e são projetos que pretendem melhorar a vida em comunidade. Por exemplo, o nosso tem a ver com a preservação dos espaços escolares, mas há outros que são relacionados com a forma como recebemos as pessoas que vêm de outros países (criar gabinetes para ser mais fácil acolher essas pessoas), portanto tem tudo a ver com a melhoria da qualidade de vida da nossa comunidade.

Apêndice J- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada

1.Participação

– **O que é para ti participação?**

Criança 4: Participar.

Criança 1: É entrar em alguma coisa, num projeto.

Criança 2: É ajudar uma pessoa num trabalho.

Criança 3: É dar ideias.

Criança 4: Estar em algum sítio/fazer parte de algo.

– **Achas que consegues imaginar em que espaços podes participar?**

Criança 4: Numa sala.

Criança 1: Na escola.

Criança 3: Num espaço exterior.

Criança 4: Em casa/Em casa dos outros.

Criança 1: Em clubes e coisas de ajudar as outras pessoas.

Criança 2: Em organizações.

Criança 3: Participar em desportos.

– **Participar na escola. O que é participar na escola?**

Criança 3: Participar nas atividades.

Criança 1: Ajudar os outros quando têm alguma dúvida.

Criança 4: Fazer os trabalhos de grupo.

Criança 2: Fazer os exercícios que o professor põe no quadro.

Criança 1: Fazer os trabalhos de casa.

– **E os adultos participam ou são só as crianças?**

Todos: Participam.

– **Então e o que que fazem os adultos na tua escola? E as crianças?**

Criança 2: Ensinam.

Criança 4: Dão-nos aulas.

Criança 1: Os funcionários também participam!

Criança 4: Cuidam de nós.

Criança 3: Educam-nos.

Criança 4: Limpam o lixo que nós fazemos.

Criança 1: E os que cozinham e nos dão comida, também participam!

Criança 2: Protegem-nos.

Criança 4: Berram connosco. A nossa turma às vezes porta-se mal, mas não é a turma inteira! Só alguns.

Criança 4: Ajudamos-mos uns aos outros.

Criança 1: Ajudamos os professores.

Criança 4: Aprendemos.

Criança 3: Estudamos. Portamo-nos mal!

Criança: Brincamos!

Criança 3: Brincamos e comemos.

Criança 4: Partilhamos comida.

2. Escola

Sabem que eu já não ando na escola há muito tempo e, por isso, quero que me contem um bocadinho sobre como é andar nesta escola....

– **O que é para ti estar na escola? Consegues explicar?**

Criança 2: Aprender.

Criança 3: Conviver com os amigos.

Criança 2: Ajudar-nos uns aos outros.

Criança 4: Fazer desporto.

Criança 1: Estudar e participar nas aulas.

– **Gostas de andar na Escola?**

Todos: Sim.

Criança 4: Às vezes é um pouco grande e eu perco-me. Mas isso foi no princípio agora já não!

– **O que mais gostam de fazer nesta escola?**

Criança 4: Estar com os amigos.

Criança 3: Brincar às escondidas.

Criança 4: Os temos livres que nós temos.

Criança 4: Às vezes gosto de aprender matéria nova, só às vezes!

Criança 3: É raro!

Criança2: Quando é interessante!

Criança 4: Que é quase nunca!

Criança 2: Eu gosto de fazer Física (educação física).

– **O que é que gostas mais e menos na escola?**

Criança 4: Estudar, ter testes, ter apresentações orais.

Criança3: Ya!

Criança 2: Ficar de castigo. Mas eu nunca fiquei!!

Criança 1: Quando berram connosco.

Criança 4: Quando nos expulsam na sala de aula! Na nossa turma acontece!

Criança 3: Não é raro, mas também não é frequente.

– **A tua opinião mudou desde que vieste para o 5º/6º ano? Sempre andaram nesta escola?**

Todos: Não.

Criança 2: Acho que sim.

Criança 4: Sim.

Criança 1: Na outra escola brincava-se mais!

Criança 4: E não tínhamos de nos preocupar com tantas coisas.

(Entrevistador): É normal, têm mais responsabilidade agora, não é? Então passaram a gostar menos da escola?

Criança4: Mais ou menos.

Criança3: Bem, se for para ter aulas... temos muito mais testes, apresentações orais eu não tinha, só que se for para vir brincar eu prefiro.

Criança 2: Depende, temos mais tempo livre também.

(Entrevista): Costumam ter tardes livres?

Todos: Sim.

Criança 2: Eu é manhãs!

Criança 4: Nós temos 3 tardes livres por causa da Jobra (Ensino articulado com o Conservatório de música da Jobra).

3. Espaços/ Espaços de participação

– Quais são os espaços onde costumam brincar mais e onde mais gostas?

Criança 4: Nós brincamos pela escola toda.

Criança 3: Ya. Porque nós jogamos às escondidas então andamos pela escola toda.

Criança 4: Ya. Ou às vezes vamos para a rampa que é quase nunca porque expulsam-nos de lá. Vamos lá para trás da cantina...

Criança 2: Para o campo de futebol.

Criança 1: Atrás do pavilhão A.

Criança 4: Escondemo-nos lá!

Criança 4: Mas quando nós às vezes estamos a brincar às escondidas vamos para as rampas elas (as funcionárias), expulsam-nos de lá porque não podemos ir para as rampas.

– Gostas das salas onde tens aulas?

Criança 4: Eu gosto. Só no inverno às vezes são um pouco frias, mas não muito.

Criança 3: Nós mudámos de sala do 5º para o 6º ano e eu preferia do 5º.

Criança 4: Ya, a do 6º é esquisita.

Criança 3: Eu acho a outra sala, a do 5º ano, mais acolhedora.

Criança 4: Ya. Esta parece que é muito aberta.

Criança 3: Ya.

Criança 1: Eu gosto das salas!

Criança 2: Eu também!

– Qual a que gostas mais ou têm sempre na mesma sala, porquê?

Criança 4: Nós temos sempre na mesma sala menos de EV.

Criança 2: Não. Nós mudamos de música, EV/ET, Cidadania e outra já não me lembro. Acho que gosto mais da de EV/ET porque é maior.

Criança 1: Gosto mais das salas normais sem ser de EV por causa das mesas, são altas e mexem quando não é preciso.

– A escola costuma partilhar atividades/eventos/projetos contigo para que possas participar?

Criança 4: Sim.

Criança 3: Nós temos desporto escolar e aqui há dias fizemos a semana DAC (Domínios de Autonomia Curricular) que eu não sei qual é o significado e em que nós andámos aí fora da escola, porque nós já fizemos duas vezes e na primeira nós fizemos uma avaliação

sobre o que queríamos na seguinte e a maior parte das pessoas disse que queria atividades fora da escola. Então nós fomos fazer atividades fora da escola e for divertido.

(Entrevistador): O quê por exemplo, o que fizeram?

Criança 4: Fomos até uma companhia de música que eu não sei como aquilo se chama, fizemos...

Criança 3: Depois andámos aí por Albergaria.

Criança 4: Depois tínhamos de fazer um percurso, mas depois começou a chover.

(Entrevistador): E onde foram mais? Foram à companhia de música e mais?

Criança 4: Andámos por Albergaria inteira a caminhar.

(Entrevistador): E não falaram sobre os sítios que passavam?

Criança 4: Estivemos a fazer um exercício que era escrever o percurso que nós fizemos em inglês.

Criança 3: Não gosto nada!

Criança 4: Eu também não.

(Entrevistador): E vocês, Duarte e Simão também fizeram a semana DAC?

Criança 1: Eu faltei.

Criança 2: Isso não era para nós, do 5º ano, nós era outra. Nós estávamos a trabalhar o tema dos azulejos então primeiro fomos ao cineteatro e teve lá uma senhora a falar de azulejos e depois fomos por Albergaria ver casas com azulejos. Eu gostei, tirando a parte quando começou a chover.

(Entrevistador): E mais, vocês disseram que tinham desporto escolar, têm a semana DAC e mais?

Criança 4: Nós temos outras atividades e nós também recebemos um papel que era para dizer para nas quartas-feiras ou em outros dias tinha 2 horas de por exemplo Comunicação.

Criança 1: Atividades para nos inscrevermos se quiséssemos

(Entrevistador): E vocês inscreveram-se?

Todos: Não.

Criança 3: Não. Só um da nossa turma é que acho que se inscreveu em comunicação.

Criança 4: Ya foi o Gabriel.

(Entrevistador): Então e tem comunicação e mais? Sabem me dizer?

Criança 2: Robótica!

Criança 4: Ya tem robótica.

(Entrevistador): Então isso são clubes certo? Um de robótica, um de comunicação e não se lembram de mais nenhum?

Criança 2: Temos também é desporto escolar.

Criança 3: Eu não sei mais nenhum, mas acho que alguns têm informática.

Criança 2: Acho que só há estes 3.

- **Então não costumam participar muito, sem ser em atividades que vocês têm de participar certo?**

Criança 3: Hum... O nosso horário está um pouco cheio porque nós andamos na Jobra então temos as tardes cheias.

4. Aulas

(Desenho) Mudarias alguma coisa na tua escola ou sala de aula? Se sim, o quê? Imagina que és professor por um dia. O que gostavas de ensinar aos teus alunos?

Criança 4: Eu vou desenhar um aquecimento. Como é que se desenha?

Criança 3: Desenhavas assim um retângulo, umas coisas esquisitas por cima e dá para perceber que é um aquecimento.

Criança 2: Ou as vezes também têm ar condicionado.

(Entrevistador): Estão prontos?

Criança 4: Eu estou a pensar o que é que eu posso mudar mais.

Criança 1: Só precisamos de mudar uma coisa, não é?

(Entrevistador): Sim é o que quiseres, mas desenhem em grande para se perceber bem

Criança 3: Mudamos a sala normal ou na sala de EV?

(Entrevistador): Os dois, qualquer um, o que que quiserem! Acham que conseguem desenhar enquanto eu falo?

Todos: Sim

- **Qual é a tua disciplina preferida? Porque gostas mais dessa e não de outras, o que fazem de diferente?**

Criança 4: inglês. Porque tenho melhores notas em inglês e é mais fácil.

Criança 3: inglês. Eu também gosto de matemática, mas depende da matéria que estamos a dar... Inglês acho que é mais fácil porque estamos sempre a dar a mesma matéria, só aumentamos pouco e acho que é fácil de decorar tirando as lojas e assim que é mais difícil.

Criança 2: Matemática. Porque acho que é mais fácil.

Criança 3: Ai quando fores para o 6º...

(EU): Então e quais é que gostam menos?

Criança 2: Português é difícil.

Criança 3: Eu não gosto nada de HGP (História e Geografia de Portugal), a professora fala e eu não entendo nada da matéria só entendo depois de estudar.

Criança 4: Eu não gosto de português, não sei porque temos Português.

Criança 1: Eu gosto mais de matemática e a que gosto menos de EV.

Criança 3: Eu não é que eu não goste de desenhar, eu gosto de EV, só não gosto do professor.

Criança 4: A mim é a mesma coisa, mas também não gosto muito de desenhar.

Criança 3: Não gosto muito de desenhar porque desenho mal se não gostava de desenhar.

– **Gostas de participar nas aulas? E porquê?**

Todos: Sim.

Criança 3: Porque depois na avaliação temos de dizer se participamos! Mas eu gosto de participar nas aulas.

Criança 4: Eu gosto de participar nas perguntas que eu sei, nas que eu não sei...

Criança 2: Porque tiro melhor nota.

Criança 1: É o mesmo.

(Entrevistador): Então gostam de participar nas aulas que mais gostam, certo?

Todos: Sim.

Criança 2: Também na de português costumo falar.

– **Na vossa escola trabalham temas que te despertam interesse?**

Criança 3: Eu não vou seguir a área de ciências por isso eu acho que não devíamos ter ciências, porque eu não percebo nada de ciências. Vamos ter um teste hoje e é para desejar boa sorte porque vai correr muito mal.

Criança 4: Em matemática mais ou menos, agora está a ser fácil as escalas. Em ciências não entendo nada daquilo, estamos a falar do coração não é interessante. Em HGP é

interessante, mas... não entendo, porque fico a desenhar na aula. Porque a professora na maior parte das vezes desliga as luzes para vermos vídeos e dá vontade de dormir.

Criança 3: Às vezes também desliga só por estar a explicar a matéria, ou quando vemos vídeos está sempre a parar e fala muito cada vez que pausa e é seca.

Criança 1: Eu normalmente acho tudo interessante.

Criança 2: Português não é nada interessante, porque é a língua que nós falamos. Por exemplo Cidadania eu gosto mais ou menos só. Estamos a fazer um projeto sobre saúde-alimentação saudável e estamos agora no desenvolvimento sustentável. Costumamos fazer assim projetos no computador.

– **Participas mais por iniciativa própria ou porque os professores te pedem?**

Criança 4: Os dois!

Criança 2: Levantar o dedo. Raramente o professor me pede.

Criança 4: A nós só a professora de inglês é que pede, a de português faz lá uns percursos esquisitos e em ciências é quem levantar o dedo.

Criança 3: Depende da disciplina, ciências só mesmo se a prof me obrigar, só talvez em inglês é que é por iniciativa.

Criança 1: Eu meto mais o dedo no ar.

– **Costumas utilizar ferramentas diferentes para aprender as matérias (ex: tablets, computadores, livros, saídas, jogos)?**

Criança 4: Sim, mais ou menos.

Criança 2: Nós só usamos os computadores para cidadania.

Criança 4: Nós ontem usámos os computadores para fazer as olimpíadas

Criança 1: só às vezes.

Criança 4: De resto apresentam vídeos, power points etc.

Criança 2: O professor de HGP é que raramente apresenta alguma coisa, só apresentou uma vez um vídeo acho eu. É só ele mesmo a falar e a explicar as coisas.

Criança 4: A nós é meio termo, é vídeo, é power points é os profs a falar...

– **Sentes que tens tempo para fazer tudo o que querias nas matérias que mais gostas?**

Criança 4: Não.

Criança 2: É, às vezes quando me interessa, gostava de ter mais tempo!

- **Achas que os professores aprendem contigo, ou eles sabem sempre mais? Porquê?**

Criança 2: As vezes os professores também aprendem connosco!

Criança 4: Eu concordo!

Criança 1: No que tem mais a ver com coisas mais modernas, por exemplo nas tecnologias

Criança 3: Ya. Principalmente a prof de matemática pede ajuda às vezes.

- **Relativamente à avaliação fazes testes ou és avaliado de outra forma?**

Criança 4: Fazemos testes, apresentações orais, fichas formativas, questão de aula, trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo...

Criança 2: Nós até agora só fizemos uma apresentação oral (em inglês) e testes.

- **Achas correta essa forma de avaliar? Ou gostavas de mudar?**

Criança 3: Fomos nós que escolhemos uma das formas.

Criança 4: Ya, a nós a professora disse que nós tínhamos que escolher e nós escolhemos as formas de nos avaliar, testes e apresentações orais.

Criança 2: Em vez de fazer testes em papel podia ser feito tipo um questionário no computador ou assim.

Criança 1: Eu gosto assim só que as apresentações orais são um bocado coisas, não gosto muito.

Criança 4: A nossa professora é um pouco maluca, ela mete lá temas buéda esquisitos.

Criança 3: Ya um dos trabalhos que fizemos foi sobre a verdadeira história do pai natal.

Criança 1: Só a de que “o pai natal era verde” é que era fixe de apresentar.

- **Costumam pedir a tua opinião sobre a avaliação?**

Todos: Sim.

Criança 3: Os professores costumam pedir para fazermos a nossa autoavaliação e depois os outros fazem-nos a heteroavaliação.

Criança 2: É igual.

- **E gostavas de avaliar os teus professores? Achas que os alunos também devem avaliar os professores? Porquê?**

Criança 4: Sim.

Criança 2: Sim. Porque o aluno até pode ser bom aluno só que não percebe a maneira de como o professor explica.

Criança 4: Eu acho que devemos avaliar para eles saberem se precisam de mudar alguma coisa.

Criança 1: Eu acho que não devemos avaliar porque eles já são avaliados por outros professores.

5. Gestão escolar

- **Como descreves a tua relação com os teus professores/ funcionárias da escola/diretores de turma/ diretor? (Ex: confiança, responsabilidade, respeito, abertura, diálogo, cooperação, entendimento...)**

Criança 4: Eu acho que é boa.

Criança 3: Eu também acho, tenho confiança com eles.

Criança 2: Eu gosto de todos, só quando eles ralham connosco é que não.

Criança 3: Depende das funcionárias, mas temos algum à vontade com elas.

- **Normalmente falas com os teus professores, diretores de turma ou direção sobre o ambiente e funcionamento da escola/aulas? Notas que a tua opinião é tida em consideração e é aplicada?**

Criança 2: Hum não, só se surgir assim numa conversa...

Criança 4: Acho que quando falamos eles escutam e “mudam”. A nossa DT todas as opiniões ela aponta num caderno.

- **Sentes que essa partilha de ideias, envolvimento e colaboração nas decisões que dizem respeito à tua escola te motivam para dares o teu melhor?**

Criança 4: Na maior parte das vezes.

Criança 2: Sim.

Criança 1: Sim.

- **Costumas participar na organização e planeamento de projetos ou atividades dentro e fora da escola? Se sim, quais?**

Criança 3: Costumamos participar nas atividades, mas outros projetos acho que não.

Criança 4: Nós vamos, ou íamos fazer um projeto de Cidadania sobre estrangeiros em Portugal

Criança 3: Ya. E nós íamos fazer uma pesquisa e íamos pôr vários tipos de comidas de vários países diferentes nesse projeto.

Criança 1: E nós é que tivemos as ideias para isso.

Criança 3: Fora da escola acho que não tivemos assim mais nada.

Criança 2: Não me lembro de nada.

- **Alguns desses projetos são feitos com instituições fora da escola? Quem é que escolhe as instituições?**

Todos: Não.

Agradecimentos

Querem acrescentar alguma coisa ao que falamos? Não

O que gostaram mais de fazer? Foi serem escutados? Falarem uns com os outros...

Criança 4: Eu gostei de fazer a Josefina. Foi divertido, foi diferente!

Criança 3: Eu gostei de estares a fazer perguntas e nós também estarmos aqui a debater.

Criança 2: Eu gostei de dar ideias para mudar o espaço da escola.

Criança 1: A mesma coisa.

Gostaria então de vos agradecer a todos por me ajudarem neste trabalho, espero que se tenham divertido e passado um bom momento como eu.

Apêndice K– Grelhas de Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Elementos da Direção

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Dados identificadores do(a) entrevistado(a)	-Idade	-Idade	E_AE: “48 anos.” E_DA: “61 anos”
	-Grau de Habilitação académica	-Licenciatura	E_AE: “Licenciatura em Matemática e Ciências Naturais-2º ciclo.” E_DA: “Licenciatura em Ciências Religiosas”
	-Cargo dentro da organização	-Adjunto do Diretor -Professor de Ciências Naturais e de Matemática	E_AE: “Adjunto do Diretor e Professor de Ciências Naturais e de Matemática.” E_DA: “Diretor do Agrupamento de Escolas Y”
Representações sobre participação	-Perceções sobre a participação da criança	-Participação direta: através dos professores	E_DA: “A participação da criança eu um pouquinho mais difícil dada a faixa etária não é... Mas eu diria que participam através de uma forma mais direta digamos assim, dos professores, do professor titular, que tem momentos em que podem apresentar as suas opiniões as suas propostas para a vida e funcionamento da escola, penso que é fundamentalmente por aí, no caso das crianças”.

	<p>-Valorização da participação por parte da criança</p>	<p>-Falta de certeza -Falta de trabalho ao nível da cidadania</p>	<p>E_AE: “Tenho algumas dúvidas, isto porque, eles acham que devem ter voz, mas depois quando lhes perguntamos “então e o que é que achas que devia melhorar?” muitas vezes já não sabem o que hão de dizer. Ou seja, se calhar nós temos de trabalhar especialmente ao nível da cidadania e depois isto repercute-se também na sociedade que é a voz que o jovem se calhar não tem noção que deveria ter e o papel que deveria ter mais interventivo e que ainda não tem e a escola deve ser um local ideal para potenciar essa situação”.</p>
		<p>-Existência de valorização</p>	<p>E_DA: “Valorizam, embora à primeira vista possa não parecer, mas de facto eles valorizam. Primeiro porque se sentem envolvidos e depois porque sentem que na verdade as suas propostas são concretizadas, que são úteis, que são aproveitadas e, portanto, são valorosas no fundo”.</p>

	-Incentivos à participação	-Oportunidades dadas pela própria escola -Papel da família	2	E_AE: “Para incentivar devemos ser mesmo nós escola a dar-lhe possibilidade que ela fale e motivá-la para que o faça (...)”. E_DA: (...) “Tem que ser a própria escola, eu diria fundamentalmente a própria escola, mas não se ficar pela escola, a família pode desempenhar aqui um papel importante também e a própria sociedade”.
		-Consciencialização das crianças para a participação		E_AE: “(...) é evidente que depois também depende da idade, não é? Mas se for numa idade mais precoce ela não tem muito bem noção de como deve participar, como é que pode participar, como é que a sua voz pode ser ouvida, pronto...E se calhar tem de ser a escola a fazer essa ligação para que a criança perceba que pode e deve dar a sua opinião”.

		<ul style="list-style-type: none"> -A família -A sociedade -A organização das entidades e instituições -Papel dos professores -O ambiente 	1	<p>E_DA: “Tem que ser a própria escola, eu diria fundamentalmente a própria escola, mas não se ficar pela escola, a família pode desempenhar aqui um papel importante também e a própria sociedade. Dependerá muito do modo como estão organizadas estas entidades e instituições é o modelo digamos assim. Eu diria que, se a sociedade tiver uma organização que à partida promova a participação das pessoas, as crianças no fundo já estão orientadas/educadas neste sentido e, portanto, já participam de uma forma natural. Se assim não acontecer, tem de ser a escola a fazer esse trabalho e por isso, pode-se tornar um bocadinho mais difícil, mas não é impossível e é aí que o papel dos professores é importante, porque são eles que de facto vão acabar por promover a sua participação. Eu acho que tem muito que ver com o ambiente que os rodeia, com a forma como a sociedade local e as instituições estão organizadas e participam na vida da sociedade, a própria família também se dá espaço para ela participar na vida familiar e se por outro lado promove a sua participação na sociedade são fatores que potenciam ou não a participação da criança”.</p>
--	--	--	---	--

	<p>-Benefícios da participação</p>	<p>-Muitos benefícios -Mudanças no processo de ensino</p>	<p>E_AE: “Muitos, mesmo muitos. O processo de ensino está a mudar de forma tremenda, eu diria que, sem exagero os próximos 5/10 anos, a educação ou o ensino vá, vai mudar mais do que nos últimos 200, isto porquê? Porque muitas das nossas salas de aula são salas de aula do século 19, em que havia o detentor de saber, o aluno estava em fila e só tinha como missão absorver os conteúdos que lhe eram transmitidos, hoje não! Hoje o aluno tem na mão dele não sei quantas vezes mais informação do que aquela que o professor lhe possa transmitir, portanto a criança deve ter um papel muitíssimo ativo na construção do seu saber e, portanto, o professor deve SÓ E APENAS orientar a forma como o aluno adquire informação, determinados conteúdos da sua disciplina e daí é o aluno que vai. Obviamente orientado, mas é o aluno que vai”.</p>
--	------------------------------------	---	---

		<p>-Ao nível da cidadania</p>	<p>E_DA: “Muito ao nível da cidadania. Da cidadania e eu diria também como crescimento pessoal e nós vamos percebendo que temos jovens que realizam um percurso que nós conhecemos que é de uma participação ativa nas instituições em que estão integrados e têm uma atitude diferente daqueles que não tiveram essa experiência. Portanto, acaba por ser muito proveitoso para a criança em termos de crescimento pessoal porque ela vai construindo uma personalidade que obviamente será diferente da daquela criança que não teve a oportunidade de ter este tipo de participação, porque lhe dá determinadas competências e desenvolve no fundo essas mesmas competências e lhe dá digamos a abertura para a criança ter uma atitude pró ativa na construção da sociedade e daí depois obviamente ao nível da cidadania a sua participação como cidadão ativo está muito dependente deste histórico, da sua participação nas diversas instituições e na sociedade”.</p>
	<p>-Obstáculos da participação das crianças</p>	<p>-Muitos obstáculos -A própria criança -A própria família -As instituições -A escola -Ideia de não haver tempo para ouvir a criança -Dificuldades -Falta de aceitação > Fator idade</p>	<p>E_DA: “Obstáculos são muitos. Desde logo da própria criança podem existir obstáculos, da própria família, das instituições, da própria escola porque não vamos ser idealistas... o ideal é que as crianças participem mas sabemos que depois na prática isso nem sempre acontece e não acontece muitas vezes porque as pessoas acham que não têm tempo para ouvir as crianças quando na verdade não é uma perda de tempo até pelo contrário, é de facto muito proveitoso porque para além de tudo isto que já dissemos que promove o crescimento da criança enquanto pessoas, também enriquece a própria entidade e a própria escola. Mas de facto há sempre dificuldades porque há na verdade professores que entendem que as crianças não têm nada a acrescentar, há quem entenda que as crianças não têm que manifestar a sua opinião têm que obedecer pura e simplesmente, há quem entenda que este modelo não é sério e há sobretudo uma mentalidade muito presente e isto explica-se no fundo porque nós temos um grupo muito significativo de professores numa faixa etária como eu já assim</p>

			<p>um bocadinho avançada e portanto que tiveram uma experiência educativa completamente da que temos hoje e que entendem que se deve aplicar aquela que eles viveram e portanto deve ser tudo muito mais dirigido, mais autoritário, menos democrático... e portanto, esta mentalidade, esta maneira de ver o funcionamento das instituições não facilitam de maneira nenhuma a participação das crianças”.</p>
--	--	--	---

	<p>-Facilitadores da participação da criança</p>	<p>-Promover mais momentos para as crianças expressarem a sua opinião livremente -Assembleia de delegados -Os alunos verem as suas opiniões valorizadas e tornadas realidades</p>	<p>2</p>	<p>E_AE: “Facilita a participação se nós tivermos muitos momentos para que as crianças o façam e façam livremente e depois consigam ver o reflexo na prática da sua opinião. Nós temos por exemplo as assembleias de delegados, está no plano de intervenção do diretor do nosso agrupamento também reuniões cíclicas com os delegados de turma, ainda na semana passada creio eu aconteceu uma dessas. Há outras estratégias também que estão para ser implementadas a esse nível e aqui está, são momentos para motivar os alunos a darem as suas opiniões (...) A partir do momento em que ele deu opinião e consiga depois na realidade verificar “aquela minha opinião foi seguida” a partir daí eu acho que... muito mais que motivar o aluno a dizer “anda, diz, vai, vem dar a tua opinião, nós gostamos da tua opinião”, mas se ele não vir na realidade algo da sua ideia implementada, dá uma opinião 1 ou 2 vezes mas mais nada, mas se verificar que realmente valeu a pena vai ser muito mais participativo e isto é o fundamental para levar os jovens a participar na sociedade. Porque muitas vezes parece que há alguém “divino” que manda e todos nós só temos de obedecer, mas não. Dentro das regras estipuladas todos nós temos direito à nossa opinião e é isso mesmo que eles devem sentir”.</p>
--	--	---	----------	--

			<p>E_DA: “(...)Nós temos por acaso ao nível do ensino básico e secundário reuniões regulares, promovemos as assembleias de delegados de turma de maneira regular e, portanto, esta organização facilita. Pretendemos precisamente ir alargando para as faixas etárias mais baixas de maneira a chegar mesmo às crianças para elas terem também esta oportunidade (...)”.</p>
		<p>-Estratégias da organização -Modelo organizacional</p>	<p>E_DA: “Na verdade tem que haver alguma estratégia e alguma organização no fundo para levar à participação das crianças. Portanto no fundo, o modelo organizacional poderá, também, ser um facilitador na promoção da participação da criança”.</p>

	<p>-Diferentes formas de participação dos alunos</p>	<p>-Práticas pedagógicas ativas fazem alunos ativos</p>	<p>2</p>	<p>E_AE: “Esse é se calhar o grande ponto de partida para a transformação que é, não só na opinião dos alunos como em tudo e que é o facto das práticas pedagógicas ativas é fundamental, fundamental que isto altere e a partir do momento que eu tenho uma prática pedagógica ativa, o aluno é ativo na sala de aula, se é ativo na sala de aula automaticamente a sua vontade, o seu interesse e a sua opinião conta. Portanto tudo isso se interliga para que o aluno seja valorizado por isso”.</p> <p>E_DA: “(...) O caminho tem de ser por metodologias ativas, por participação ativa e sem dúvida que isso fomenta a participação dos alunos em todos os outros contextos”.</p>
--	--	---	----------	--

	<p>-Indicadores da participação das crianças na escola</p>	<p>-Como gostava de aprender -Sentimento de felicidade na escola -Sentimento de capacidade para aprender</p>	<p>E_AE: “ Eu diria “como quer aprender”, diria “uma escola feliz” e um “aluno capaz”. Ou seja, como eu gostava de aprender e assim sinto-me bem a aprender, “uma escola feliz” porque se ele se sentir feliz no ambiente da escola vai querer sempre vir para a escola e a escola só tem um ambiente feliz se ele conseguir participar nela também com a sua opinião e por último ele sentir-se capaz de fazer a sua própria aprendizagem porque um aluno se não se sentir capaz cada vez vai ser menos interventivo, cada vez vai ficar mais introvertido a esconder a sua incapacidade e portanto o sentir que é capaz é fundamental na educação.”</p>
--	--	--	---

		<ul style="list-style-type: none">-Clima de escola-Sentimento de envolvimento e responsabilização-Níveis de disciplina-Satisfação dos alunos	<p>E_DA:“Eu diria que um dos grandes indicadores da participação dos alunos é o clima de escola. Se tivermos uma participação dos alunos de uma forma mais massiva o clima de escola é completamente diferente. Desde logo porque os alunos se sentem envolvidos e se sentem responsabilizados e, portanto, a nossa estratégia passa muito por aí e em situações pontuais inclusivamente de algum caso de indisciplina é também por aí que nós vamos, é envolver os delegados de turma por exemplo, no sentido de eles participarem na resolução do problema. E de facto esse para mim é o indicador fundamental, é o clima de escola, são os níveis de disciplina que se conquistam, é a satisfação dos alunos, que é outro aspeto em que nós pretendemos investir que é os alunos sentirem-se bem e sentirem-se bem obviamente significa que têm condições, independentemente das condições físicas, mas têm condições, têm ambiente que de facto lhes dá satisfação e lhes dá gosto de estar na escola.”</p>
--	--	---	---

<p>Envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola</p>	<p>-Transmissão de informação sobre projetos às crianças</p>	<p>-Deveriam ser informados</p>	<p>E_AE: “Deveriam ser, se não são deveriam ser. Todos os projetos que eu disse há bocadinho das equipas educativas a ideia é que os alunos olhem para a escola ou para o conselho onde vivem e tenham opinião, “Eu gostava de mudar aquilo”, “eu gostava que aquilo fosse mais não sei o quê” e a partir daí todos os projetos terem este ponto onde avançar. Não ser o professor a dizer “vamos embelezar isto”, “vamos ultrapassar aquilo”, “vamos criar não sei o quê”, mas ser o aluno na sua perceção a propor os temas de trabalho. A partir daí obviamente que o tema é seu e tudo o que é nosso é automaticamente defendido por nós até à ínfima e no final até podemos chegar à conclusão de que a nossa ideia nem era grande coisa para aplicar ali, mas o facto de ser algo dos alunos é logo uma mais-valia para que o projeto aconteça”.</p>
---	--	---------------------------------	--

		<p>-Não se passa informação como desejado</p> <p>-Diferenças nos níveis de ensino</p>	<p>E_DA: “Não tanto quanto desejaria, mas sim, digamos que estamos a fazer caminho nesse sentido, porque na verdade nós temos diversos projetos e digamos que no secundário já temos um nível diferente de participação e de envolvimento e eu diria mesmo que aí que há projetos em que os alunos são responsáveis por todas as fases do projeto, desde a sua conceção à sua finalização. Nos outros níveis de ensino, nós temos vindo a insistir para que de facto assim seja, inclusivamente utilizámos uma plataforma que de alguma maneira o fomenta também, uma plataforma eletrónica que fomenta no sentido de todos os alunos participarem na construção do projeto e na sua concretização, mas na verdade, aí ainda há muito caminho a fazer, mas sem a participação dos alunos em todas as fases do projeto as coisas não funcionam ou pelo menos não funcionam como seria desejável.”</p>
--	--	---	--

	<p>-Manifestação de pontos de vista e opinião tida em conta</p>	<p>-Sempre que possível/ verifica-se em muitos dos casos -Participação não significa aprovação de tudo o que é proposto</p>	<p>2</p>	<p>E_AE: “ Sempre que possível, exatamente pelo que eu disse porque é assim, por exemplo, a todos os níveis, muitas vezes nós olhamos para uma ação do governo, uma direção, uma oposição seja do que for e todos nós temos uma opinião que poderíamos aqui e ali fazer melhor ou muitos “aquis e alis” que poderiam fazer melhor ou diferente. Contudo, nem sempre estamos na posse de toda a informação para saber se é possível fazer esse diferente e aqui com as crianças e igual. Ou seja, eles nem sempre têm noção da realidade, das contingências que temos e, portanto, o ser exequível nem sempre é, e isso pode ser muitas vezes um entrave a que as coisas sejam aplicadas, mas eu acho que o estímulo tem que haver sempre”.</p> <p>E_DA: “ Como fui percebendo em muitos casos sim, aliás nessas reuniões que fui fazendo com os delegados de turma em muitos casos sim, mas na verdade ainda temos situações em que nem sequer são ouvidos, ou se são ouvidos depois as suas propostas não são ouvidas, ou se são ouvidos, depois as suas propostas não são atendidas. Obviamente que a participação não significa aprovação de tudo aquilo que é proposto pelos alunos, mas naturalmente se assim não acontece também tem de se perceber porque e, portanto, os alunos gostam e têm esse direito de perceber por que razão é que as suas propostas não foram aceites, porque tiveram essa preocupação e esse envolvimento e, portanto, têm direito de perceber porque é que as suas propostas porventura não foram acolhidas. Na verdade, acontece muitas vezes assim porque da avaliação que vamos fazendo, é mais fácil ouvir e depois o professor ou alguém decidir e, portanto, dizer que os alunos participaram, mas na verdade o professor é que decidiu. Portanto,</p>
--	---	--	----------	--

				<p>temos algumas situações dessas, mas é caminho que estamos a fazer para que todos participem em todas as fases”.</p>
--	--	--	--	--

-Iniciativa dos alunos em iniciar projetos

-Ainda não têm iniciativa

E_AE: “ Ainda não têm, no global ainda não têm. Espero que essa questão seja uma questão que fosse daqui a 10 anos quase que banal. Ou seja, em 2022 é uma questão totalmente pertinente, em 2032 o meu desejo é que nem se faça, porquê? Porque queria dizer que o ensino realmente mudou, que nós estamos a trabalhar para a construção de conhecimento em crianças que vá ao interesse deles e que eles já automaticamente já cheguem à sala de aula, se fale numa coisa qualquer e eles imaginem logo que projeto é que vão fazer para dar resposta a um determinado conteúdo ou uma determinada situação, esse é o objetivo primeiro de uma prática pedagógica que se pretende alterar, portanto eu julgo que neste momento ainda não ou não como deveria ser, no futuro espero bem que sim”.

		<p>-Existência de iniciativa por parte dos alunos</p>	<p>E_DA: “Têm, têm. Nós temos em diversos momentos alunos, grupos de alunos que se organizam isoladamente e que vêm ter connosco apresentar-nos propostas de projetos e de atividades e que nós avaliamos com eles e depois na medida do possível concretizamos ou ajudamos a concretizar, mas há de facto iniciativa e iniciativa, alguma dela com valor, com interesse e que acaba por ser concretizada completamente pelos alunos”.</p>	
	<p>-Colaboração entre crianças e adultos nas decisões das crianças</p>	<p>-Verifica-se a colaboração -Ainda não a ideal</p>	<p>2</p>	<p>E_AE: “Creio que sim, lá está ainda não o ideal mas creio que sim, porque depois há ali momentos de partilha, há ali momentos que têm de seguir, mesmo que seja o professor a tomar alguma iniciativa inicial mas depois a condução acho que mesmo hoje já acontece que sejam os alunos a fazê-la, depois depende do tipo de projeto e do tempo de execução do projeto porque se for um projeto que tenha tempo, mesmo que o professor perceba que aquele caminho vai dar a um sentido proibido ou sentido único, o professor vai deixar, vai deixar ir e o aluno percebe e vai por outro caminho por ele próprio. Se não houver muito tempo para isso se calhar o próprio professor vai dizer “olha por ai se calhar não será bom, por isto...encontrem outro caminho” e o aluno vai (...) Agora é evidente que também em termos curriculares tem que haver aqui uma gestão que permita tudo isto, mas eu acho que é um caminho que eu acho que o Ministério da Educação já percebeu a algum tempo que tinha de ser trilhado, o decreto lei 55/2018 e o próprio 54/2018 são potenciadores enormes para a mudança, foi uma alteração tremenda, mas Portugal é conhecido como sempre o país que tem as leis mais bonitas do mundo no papel depois na prática as coisas nem sempre resultam como o legislador pensava. Que as coisas vão mudar vão, muito</p>

				<p>devagarinho sim e depois temos de ter no terreno quem potencie essa mudança e aí cabe aos professores”.</p> <p>E_DA: “Sim. Existe colaboração desde logo nos projetos que são desenvolvidos ao longo do ano e acredito também que dentro da sala de aula também se verifique. Depois como eu já disse, na parte de ouvirmos sempre o que as crianças têm para dizer e nos esforçamos para que elas façam parte do processo... é um caminho em construção”.</p>
--	--	--	--	---

<p>Respostas face à (não) participação</p>	<p>-Estratégias utilizadas pela escola para promover a participação das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Momentos de audição com os delegados de turma -Assembleias de delegados -Projetos de intervenção/alteração na escola -Medidas do Plano de recuperação de aprendizagens 2021/23 -Restantes alunos também são ouvidos -A cooperação e a opinião de todos conta 	<p>E_AE: “Como disse à bocadinho, está na proposta de intervenção do nosso diretor que tomou posse ainda não há um ano, exatamente esses momentos de audição com os delegados de turma, nós temos a assembleia de delegados isso já temos há muito tempo... No plano de recuperação de aprendizagens 21/23, um dos aspetos que o Ministério avançou é a voz dos alunos, onde se criam vários momentos para que o aluno tenha a possibilidade de dar a sua opinião, não só o delegado de turma, mas também os restantes alunos. Essa é uma das medidas que nós temos no nosso plano de recuperação 21/23 para o Agrupamento entre outras medidas... dentro dessa medida há várias ações e agora o que estamos à espera e o terminar deste ano letivo e, no próximo ano letivo vamos verificar, quer ao nível do conselho pedagógico quer ao nível de conselhos de turma que ações dessas é que vão ser escolhidas para que os alunos tenham uma participação mais ativa no dia a dia do Agrupamento. Isso já está previsto, só que nós em termos de direção não gostamos nada que seja tudo dirigido, deve ser tudo feito em cooperação e com a opinião de todos, aliás foi uma das ações do plano 21/23 que escolhemos e agora será a comunidade educativa a dar-lhe potencial, a dar-lhe sustento e dar-lhe base. Serão os professores e</p>
---	--	--	---

			<p>os alunos a escolher que ações é que vamos desenvolver para que eles tenham voz.</p> <p>Depois, para além disso, temos vários projetos onde os alunos têm opiniões, como disse aquele de intervenção no conselho que podia também ser na escola alguns projetos apareceram de intervenção e de alteração na escola, principalmente espaço exterior da escola. Portanto, ou seja, a voz do aluno neste momento a vários níveis tem de ser potenciada ao máximo para que seja o aluno a dizer como quer aprender... isto pode parecer assim um bocado estranho, mas como quer aprender evidente dentro de um currículo que tem de ser cumprido, mas a escola tem que lhe dar ferramentas para que ele se sinta bem cá, que se sinta a parte mais ativa da sua construção de conhecimento e portanto tudo parte exatamente disso, da sua opinião e da sua voz”.</p>
		<ul style="list-style-type: none"> -Exigência em termos de números de projetos -Projetos ao nível de turma -Projetos interturmas -Projetos entre anos de escolaridade diferentes 	<p>E_DA: “ Desde logo ter alguma exigência em termos de números. Este ano ainda não o fizemos, mas nos próximos anos vamos fazê-lo que é estabelecer um mínimo de projetos que cada turma tem que desenvolver ao longo do ano (...) Depois não nos ficamos por projetos ao nível de turma, mas projetos interturmas, também temos metas estabelecidas no sentido de num ano de escolaridade haver no mínimo um projeto por ano para que, portanto, trabalhem</p>

		<ul style="list-style-type: none">-Projetos dentro do espaço escolar-Projetos para a comunidade-Gabinetes de apoio: Gabinete de Apoio ao Aluno, Gabinete de Apoio Personalizado.	<p>entre turmas. E depois, chegamos mesmo entre anos, também tem que haver um mínimo de projetos por ano que sejam trabalhados conjuntamente por diferentes anos. Depois não nos ficamos por o espaço escolar, queremos mesmo ir para a comunidade, entendemos que só faz sentido nós estarmos com a comunidade e darmos resposta às necessidades da comunidade e, portanto, fomentamos mesmo a participação em projetos com impacto na comunidade. Ainda este ano tivemos um momento sobretudo em que dissemos que cada turma tem que apresentar um projeto olhando para a nossa localidade... apresentámos áreas diversas, o ambiente, a cultura, o desporto, a organização do próprio espaço exterior da escola e cada turma tem que preparar um projeto, que depois os projetos serão depois todos corrigidos e serão apresentados à autarquia para que a autarquia se assim o entender possa aproveitar digamos que algum ou alguns e curiosamente aconteceu, não aqui mas na escola Y, que de facto há um projeto que foi muito bem acolhido pela autarquia e que está em desenvolvimento e vai acabar mesmo por ser concretizado. Portanto essas são as estratégias que nós entendemos que de alguma forma levam as pessoas a terem de trabalhar em projetos (...) Ao nível dos gabinetes de apoio temos o Gabinete de Apoio ao Aluno que esse é digamos que geral, depois temos um específico para o profissional, que é o GAAP (Gabinete de apoio personalizado) e em termos de gabinetes propriamente ditos até penso que não estou agora a recordar-me de mais, mas eventualmente poderão existir mais... Depois temos é outro tipo de estruturas que no fundo cooperam nomeadamente sentido de controlar os níveis de indisciplina, o absentismo, o próprio abandono...mas isso já são estruturas. Não estão é a funcionar como eu desejaria, a grande dificuldade, nomeadamente no GAA é encontrar as pessoas com perfil adequado para dar resposta aos alunos”.</p>
--	--	--	---

	<p>-Espaços destinados à participação das crianças na escola (espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)</p>	<p>-Os projetos devem partir das crianças -Propostas de alteração potenciadoras do bem-estar na escola -Assembleia de delegados 2 -Associação de Estudantes 2 -Sala de aula -Reuniões estilo focus group -Os alunos frequentam muitas vezes o gabinete do adjunto do diretor para propor alterações à escola</p>	<p>E_AE: “ Em termos de tudo o que é projetos deve partir deles... Espaços da escola como disse, tivemos propostas de alterações, não só de embelezamento mas também potenciadores do bem estar na escola. Por exemplo, esta escola tem poucos espaços cobertos, agora felizmente já tivemos aqui a ampliação do coberto (...) e depois em termos de escola e de funcionamento lá está, a assembleia de delegados é fundamental e nós habituámo-nos já a ouvir essa assembleia. Para além disso, estava-me a esquecer, porque nós aqui estamos numa básica, mas na secundária existe a Associação de Estudantes e a Associação de estudantes é também um órgão extremamente ativo e que trabalha numa lógica de muita colaboração com a direção, há aqui um intercâmbio muito grande entre a Associação de estudantes e a direção para a implementação de várias atividades, de várias alterações mesmo em termos de espaço físico das escolas e portanto é também um órgão que nós nos habituámos a trabalhar colaborativamente com eles no sentido de alterar algumas coisas. De resto...a sala de aula é um espaço de participação sempre. Depois nós temos mais é através dos delegados nós temos algumas reuniões com eles tipo focus group para saber algumas alterações que eles fariam, o que é que eles acham... isto em termos mais formais. Noutro âmbito esta porta mesmo que esteja entreaberta está sempre aberta para qualquer aluno e eles têm por hábito assim do nada vir cá e dizer “oh professor acha que ali aquilo poderia ser alterado? (...) Portanto mesmo que não sejam momentos formais eles sabem que podem vir falar connosco e estamos sempre abertos a qualquer ideia nova, desde que seja exequível... lá está a exequibilidade ou não das opiniões”.</p> <p>E_DA: “Para além das assembleias de delegados regulares, eu diria que em termos de espaço físico propriamente dito nós estamos um pouco limitados aqui nesta escola pelo menos, por via das instalações e de algumas obras em curso. Na escola básica, o espaço também acaba por ser uma dificuldade no fundo pelo facto de termos o 1º ciclo a funcionar no mesmo espaço., portanto, nós aí não temos na verdade em termos de espaço físico, grandes oportunidades para a</p>
--	---	--	---

			participação dos alunos. Diria mais em termos de estruturas, os alunos estão presentes e representados no conselho geral, temos a Associação de Estudantes, temos as reuniões eu faço com os delegados como já referi... acho que é nesses espaços fundamentalmente que se dá a participação”.
	-Participação em projetos de âmbito local que envolvem a escola e a comunidade	-Existência de participação -Projetos da escola -Projetos de empreendedorismo da Câmara Municipal	E_AE: “Sim, sim. Projetos nossos e também para além disso, os projetos de empreendedorismo que são os projetos que são lançados pela Câmara Municipal com muitíssimas turmas por ano, por ciclo... e isso ainda agora a semana passada foi a mostra onde tivemos a apresentação de várias turmas, de vários ciclos de ensino e isso são projetos que são lançados pela comunidade e que nós participamos regra geral”.

		<p>-Existência de participação ao nível nacional e internacional</p>	<p>E_DA: “Sim, muito e mesmo a nível internacional e é outro aspeto, que eu não referi há pouco mas é em termos de estratégia nós temos definido também um número mínimo de projetos por ano de escolaridade que cada ano tem que desenvolver ao longo do ano. Portanto, ao nível de projetos nacionais participamos em imensos, inclusivamente com muitos prémios e mesmo a nível internacional também embora aí ainda estejamos no início”.</p>
--	--	--	---

		<p>-Reconhecimento da importância da cidadania em todas as disciplinas</p>	<p>E_DA: “Pois, eu acho que deviam ser todas. Nem sempre de uma forma direta, mas indiretamente todas deveriam participar. Nós temos essa experiência na escola Y que é uma escola onde estamos a implementar um projeto de inovação, estamos no 2º ano da sua implementação em que criamos disciplinas novas que chamamos de oficinas para ter um caráter mais prático, em que estão integradas diferentes disciplinas e este modelo leva na verdade precisamente a isto, leva a que essas questões que nós as vezes associamos apenas a uma ou outra disciplina, sejam abordadas pelas diferentes disciplinas, na escola Y não tenho dúvidas nenhuma que isso acontece, esses temas são de facto abordados pelas diferentes disciplinas, nas outras escolas, foca-se mais na Cidadania, na Educação Moral Religiosa e Católica e numa ou outra, mas de facto não é com a intensidade que se desejaria que fosse abordada nas outras disciplinas.”</p>
--	--	--	---

Apêndice I- Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Professores

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Dados identificadores do(a) entrevistado(a)	-Idade	-Idade	E_P1: “50 anos” E_P2: “51 anos”
	-Grau de Habilitação académica	-Licenciatura	E_P1: “Tenho duas. Tirei a Licenciatura em Estudos Portugueses e depois licenciei-me em Ciências Religiosas”. E_P2: “Licenciatura em Matemática e Ciências Naturais”.
	-Cargo dentro da organização	-Professora -Coordenadora Cidadania -Diretora de Turma -Coordenadora dos Diretores de Turma -Representante na escola do projeto MAIA	E_P1: “Nesta escola sou professora de Educação Moral e Religiosa e professora de Cidadania e Desenvolvimento, bem como coordenadora dessa mesma disciplina”. E_P2: Professora de Matemática e Ciências, Diretora de Turma, coordenadora dos Diretores de Turma e Representante na escola do projeto MAIA-Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica”.
Representações sobre participação	-Perceções dos professores sobre a participação da criança	-Opinião voluntária ou solicitada	2 E_P1: “A participação da criança é sempre que a criança pode dar a sua opinião voluntariamente ou quando pedida por um adulto”. E_P2: “Pode ser voluntária ou quando solicitada”.
		-Voz das crianças -Gestão escolar	1 E_P1: (...) e a sua opinião pode ser sobre o modo organizacional da escola, sobre as atividades que se desenvolvem, sobre as regras da escola. Para mim isto é dar voz às crianças, ter uma opinião sobre”.

		<ul style="list-style-type: none"> -Participação oral -Participação escrita -Empenho demonstrado 	<p>1 E_P1:A participação das crianças pode ser oral, escrita (...) é o também o empenho, o entusiasmo e o interesse que elas mostram durante uma atividade”.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> -Importância da participação no processo de ensino e aprendizagem 	<ul style="list-style-type: none"> -Sentimento de pertença -Voz das crianças -Vontade do aluno -Gosto no que fazem -Projeto MAIA ligado à participação -Processo de avaliação -Negociação 	<p>1 E_P1:“(…) se não sentirem pertença naquilo que estão a fazer, não sentirem que também está lá a sua voz e a sua vontade não vão ter vontade de fazer e se sentirem que aquilo que estão a fazer também tem participação sua, como é obvio, vão fazê-lo com muito mais gosto”.</p> <p>E_P2: “O aluno deve participar sempre no processo de ensino-aprendizagem e nós até com o projeto MAIA queremos também a participação no processo de aprendizagem, mas também no seu processo de avaliação e também estamos por exemplo a negociar com eles os instrumentos de avaliação, por isso é muito importante que participem.”</p> <p>1</p>
	<ul style="list-style-type: none"> -Incentivos à participação 	<ul style="list-style-type: none"> -Abertura de espaço pelos adultos 	<p>1 E_P1: “Tem de se abrir espaço para elas poderem ter a sua opinião. Se não se abrir espaço, portanto se os adultos não lhe derem espaço e quando eu falo dos adultos estou a falar da direção da escola, estou a falar dos professores... Se não lhe derem oportunidade para eles poderem manifestar a sua opinião eles não a vão ter por iniciativa própria”.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> -Trabalho de pares -Metodologias de trabalho de projeto -Envolver os pais nos projetos da escola 	1	E_P2: “Vários fatores, a participação das crianças na escola pode ser incentivada através do trabalho de pares por exemplo, através das metodologias de trabalho de projeto... Nós também queremos chamar os pais à escola e temos projetos que envolvem os pais e tem que ser um projeto que lhes diga alguma coisa também. Se eles forem chamados a participar na elaboração do projeto, definirem o tema eles estarão sempre mais motivados também.”
	-Benefícios da participação	<ul style="list-style-type: none"> -Aprendizagem com gosto/prazer -Superar objetivos 	1	E_P1: “De certeza que vão beneficiar muito porque vão fazer uma aprendizagem com gosto e se calhar vão muito mais além do que aquilo que eram os objetivos que estavam previstos (...) as coisas acontecem com prazer para a criança claro”.
		<ul style="list-style-type: none"> -Mais motivação -Maior autonomia 		E_P2: “Mais motivação e maior autonomia...”

	<p>-Obstáculos da participação das crianças</p>	<p>-Crítica dos pares</p>	<p>2</p>	<p>E_P1: “Às vezes até é a crítica dos pares, eu estou a pensar por exemplo nas minhas aulas (...) muitas vezes eles têm medo de participar ou de dar a sua opinião e não tanto com receio da minha crítica, mas mais a crítica dos colegas da idade deles”.</p> <p>E_P2: “Há também crianças mais sensíveis à crítica dos pares e às vezes os colegas podem ter atitudes menos corretas. Mas nós estamos aqui também para trabalhar com eles esse aspeto, o respeito pelo outro é essencial”.</p>
--	---	---------------------------	----------	--

		<p>-Medo de ser excluídos pela opinião diferente -Fase da adolescência</p>	<p>1 E_P1: Não tanto na faixa etária da infância porque eu tenho uma visão transversal da educação desde o 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e secundário, mas noto mais na fase da adolescência, naquela fase da afirmação da identidade eles têm muito medo de depois serem excluídos dos grupos e a sua opinião ser diferente da maioria”.</p>
		<p>-Falta de motivação</p>	<p>1 E_P2: “Às vezes nós temos dificuldades de chegar a todos os alunos e às vezes a falta de motivação de alguns alunos é um obstáculo, mas temos de os conquistar também”.</p>

	-Facilitadores da participação das crianças	<ul style="list-style-type: none"> -Os professores -Segurança -Abertura -A escola -Aprendizagem estimulada 	1	E_P1:“Acho que o que facilita a participação somos nós escola e nós professores que damos ou tentamos dar a abertura necessária ao aluno para se expressar e dar a sua opinião, acabamos por lhes dar alguma segurança e confiança para não terem medo de se manifestar. Além disso facilita se os estimularmos a aprender, a discutir e a conhecer mais”.
		<ul style="list-style-type: none"> -Boa relação escola-família -Valorização da escola em casa -Interesse dos alunos 	1	E_P2: “Sempre uma boa relação da família com a escola também. A família é essencial e se os pais valorizarem a escola, os alunos também a vão valorizar e então os pais têm sempre um papel muito importante e a colaboração entre a escola, a família e alunos é sempre muito importante. Quando a família está empenhada e valoriza a escola o aluno também vai valorizar a escola.” Outro facilitador é o tema ser sempre do interesse dos alunos.

	<p>-Diferenças entre crianças com níveis de participação diferentes</p>	<p>-Existem diferenças -Aprendizagem mais comprometida -Estimular a participação em projetos</p>	<p>1</p>	<p>E_P1:“Sim, eu julgo que os alunos que participam mais e que estão mais habituados a dar a sua opinião e a participarem mais ativamente, mesmo sem ser a opinião, a participar em projetos, a desenvolver projetos, são alunos que adquirem competências para a vida, adquirem aprendizagens e desenvolvem aprendizagem que realmente os alunos que participam menos não desenvolvem. A aprendizagem fica mais comprometida. (...) Por exemplo, eu tenho várias turmas de 6º ano e eu fui professora deles no 1º ciclo, sabia quem quer os professores titulares deles e o trabalho que desenvolviam, aquelas turmas onde os professores titulares estimulavam mais a participação dos alunos em projetos, são as turmas que agora no 6º ano fazem trabalhos maravilhosos. Portanto lá está, uma aprendizagem estimulada para a participação no 1º ciclo, dá depois miúdos no 2º ciclo mais desenvolvidos e provavelmente no futuro ainda mais se continuarem a receber o mesmo tipo de estímulos.”</p>
--	---	--	----------	---

		<p>-Questões de personalidade -Outros tipos de participação devem ser valorizados</p>	1	<p>E_P2: “Há crianças que não participam tanto por uma questão de personalidade, mas quando essa participação lhes é solicitada, acabam por corresponder também. Agora, as crianças que por norma participam mais, são sempre mais extrovertidas e desenvolvem outro tipo de capacidades. Mas nós não podemos só olhar para a participação tendo em conta os alunos extrovertidos, porque os alunos que são mais tímidos e introvertidos têm outro tipo de participação que também dever ser valorizada e eles também participam, à maneira deles, mas participam. Por isso eu acho que quando os alunos participam à sua maneira acabam sempre por enriquecer a sua aprendizagem.”</p>
--	--	---	---	---

	<p>-Indicadores da participação das crianças na escola</p>	<p>-Conhecimento e informação</p>	<p>1</p>	<p>E_P1: “Em primeiro lugar eles têm de estar esclarecidos. Portanto eu diria, que os indicadores são principalmente conhecimento e informação. À partida se já houver informação e conhecimento estão mais habilitados a poder participar eu penso que essa a palavra-chave, esclarecidos, dotados de conhecimento são mais capazes de participar. Porque muitas vezes nós pedimos a participação e eles também não sabem porque não têm conhecimento e quando é assim eu mando-os pesquisar sobre o tema.”</p>
		<p>-Personalidade da criança -Os colegas -O professor -A disciplina e a matéria -A família</p>	<p>1</p>	<p>E_P2: “A personalidade de cada um influencia, depois há também os colegas, o próprio professor, a disciplina a matéria e a família.”</p>

<p>Envolvimento nas disciplinas curriculares, iniciativas e projetos da escola</p>	<p>-Transmissão de informação sobre projetos às crianças</p>	<p>-As crianças são informadas</p>	<p>2</p>	<p>E_P1: “É assim, em particular na cidadania, sim (...).” E_P2: “São. Aliás como eu já disse nós temos por base a metodologia de trabalho de projeto e o subtema desse projeto a trabalhar é decidido pelos alunos, as atividades que desenvolvem são também discutidas com os alunos, portanto os alunos são sempre envolvidos nos projetos e isso é essencial para que eles possam participar.”</p>
---	--	------------------------------------	----------	---

		<ul style="list-style-type: none">-Disciplina de Cidadania e Desenvolvimento-Página do Agrupamento-Diretores de turma-Assembleia de delegados		<p>E_P1: “(...) Os alunos são informados dos temas que têm disponíveis, há uma primeira aula onde os alunos fazem essa escolha. Por isso acho que os alunos têm essa abertura ou a oportunidade de escolher o que querem trabalhar. São informados.</p> <p>No geral, na escola, temos a página do Agrupamento onde temos sempre a informação, agora se eles vão lá pesquisar ou não isso não sei. Os Diretores de turma também fazem essa ponte e transmitem a informação sim, temos a assembleia de delegados, os delegados de turma também recebem informação e também passa.”</p>
--	--	--	--	--

	<p>-Manifestação de pontos de vista e opinião tida em conta</p>	<p>-Assunto relativo -Alunos não são ouvidos em algumas situações -Depende dos professores -Professores com mais anos de ensino</p>	<p>1</p>	<p>E_P1: “Isso é muito relativo. Eu não lhe vou dizer que em todas as aulas de cidadania isso acontece porque isso também depende muito dos professores. Por exemplo, nós temos uma planificação para cada turma e eu peço aos meus colegas que me enviem a planificação após os alunos escolherem os temas e dou-lhes um prazo quase no final do semestre, porque a planificação é algo em construção. Eu fico espantada quando logo no início do semestre recebo logo a planificação de uma turma. Isto faz-me perceber que os alunos quase não foram ouvidos (...) E pronto, qual é o perfil desse professor? É um professor que já tem alguns anos a lecionar, não está aberto a estas novas metodologias de ensino, é uma pessoa que está habituado a ser aquele que dita as regras dentro da sala de aula e não está com vontade de ouvir (...).”</p>
--	---	--	----------	--

		<ul style="list-style-type: none">-Opinião das crianças é tida em conta: nos projetos da escola e no processo de avaliação-Envolvimento constante	1	E_P2: “Sim. É tida em conta nos projetos da escola, mas também é já tida em conta no seu processo de avaliação, na medida em que negociamos com os alunos os instrumentos de avaliação que mais se adaptam àquela turma, portanto eles estão constantemente envolvidos.”
--	--	--	---	--

	<p>-Oportunidade de participação das crianças nas dimensões; espaço, materiais, tempo, planificação e avaliação, projetos e atividades, organização de grupos</p>	<p>-Limitações -Desigualdades</p>	<p>1</p>	<p>E_P1: “Isso é que é um problema. Nós ao nível da cidadania temos 1 semestre para trabalhar limita os projetos. Eu falo por mim, mas agora estou a falar aqui do 7º ano onde eu tinha um projeto espetacular, está com um projeto em mãos belíssimo que tem a ver com saúde e segurança e não vai conseguir terminá-lo porque o semestre está a acabar (...)Ora, se existem alunos que não tenham a mesma posse financeira que outros acabam por se gerar desigualdades. Existem até alunos com muitas ideias, mas como os projetos são suportados pelas famílias, as ideias não são postas em prática porque as famílias não conseguem apoiar.”</p>
--	---	---------------------------------------	----------	--

		<p>-Limitações ao nível do tempo, espaço e bens materiais</p> <p>-Apoio das famílias</p>	2	<p>E_P1: “Ao nível de espaço e bens materiais estamos limitados também porque a escola não tem e não há verba para comprar. Apesar de tentarmos usar sempre materiais reciclados, existem coisas que são precisas e as famílias apoiam nesse sentido.”</p> <p>E_P2: “Ao nível dos recursos materiais a escola não tem muitos, mas por vezes os pais também ajudam, por exemplo neste projeto da ODS 12 os materiais são trazidos por eles, são frascos ou vasos partidos que já não utilizam e reutilizam. A meu ver a participação não tem a ver com a quantidade, mas sim com a qualidade se cada um der o seu melhor já contribui de forma positiva”.</p>
		<p>-Oportunidade de participação em projetos</p> <p>-Oportunidade de participação em sala de aula com as “aulas invertidas”</p>	1	<p>E_P2: “Dos projetos já falámos que existe espaço para participarem, agora dentro da sala de aula podemos às vezes fazer por exemplo “aula invertida” que eu às vezes faço com eles e que eles escolhem um tema, trabalham esse tema e depois apresentam à turma.”</p>

	-Iniciativa dos alunos em iniciar projetos	-Não existentes	1	E_P1:“Por iniciativa deles é raro. Realmente os alunos por iniciativa própria não fazem nada e têm uma instituição dentro da instituição que é a AE onde podiam promover ações partindo deles e não vejo isso a acontecer, não sei se é porque não têm conhecimento que o podem fazer ou se é mesmo falta de vontade.”
		-Poucas iniciativas devido à idade	1	E_P2: Nesta idade é complicado porque eles ainda são muito jovens, mas se nós iniciarmos eles aí já vão e já se sentem à vontade, agora eles tomar a iniciativa não. E depois temos de ter e conta que eles são alunos que são os filhos da pandemia, que apanharam o 3º e 4º anos com pandemia e eles estão menos autónomos, o que é normal, agora temos de ter tempo para recuperar aprendizagens e autonomia”

	-Colaboração entre crianças e adultos nas decisões das crianças	-Verifica-se a colaboração	2	<p>E_P1: “Sim, há muita colaboração entre os professores e os alunos, até porque o nosso trabalho enquanto professores é abrir horizontes, mais portas, dar mais informação... por isso nesse sentido há colaboração. Mas como disse antes, eles não tomam muita iniciativa, porque lá está, não têm o conhecimento para isso. Somos mais nós que iniciamos e depois eles dão continuidade.”</p> <p>E_P2: “Sim, eu penso que sim, sempre que eles pensam em alguma coisa e vêm ter comigo eu dou o meu máximo para os apoiar e orientar”</p>
--	---	----------------------------	---	--

<p>Respostas face à (não) participação</p>	<p>- Estratégias/ferramentas utilizadas para incentivar a participação</p>	<p>-Debates -Focus Group -Trabalho em grupo -Metodologias ativas de trabalho -Formulários no Google -Votações</p>	<p>1</p>	<p>E_P1:“ Debates, trabalho em grupo, focus group ou metodologias ativas de trabalho...Muitas vezes, em papelinhos, lanço ideias nos pequenos grupos, deixo ficar em cima da mesa e depois eles começam a pensar no que pode estar associado a cada tema, se isso lhes interessa ou o que interessa mais, ideias associadas... Depois fazemos uma partilha no grande grupo e as ideias todas que eles lançaram eu faço um esquema no quadro para cada ideia e vou acrescentando ideias para alargar a informação e depois vamos a votação. Portanto nós temos um semestre, eu digo-lhes sempre aqueles temas/domínios que vêm do ministério da educação para desenvolver, é impossível trabalhá-los todos e por isso é que votamos democraticamente em 2 para trabalhar, ou faço com papelinhos ou uso o método da votação online ou um formulário no google e ele, os maiores, com o telemóvel votam. Depois disso com os temas já escolhidos vão pensar num trabalho de projeto em grupo e desenvolvê-lo.”</p>
---	--	---	----------	--

		<ul style="list-style-type: none">-Power Point-Plataforma Canva-Google Forms-Trabalho de pares	1	E_P2: “Vários, nós utilizamos o power point, o Canva para fazer vídeos/cartazes, utilizamos o Google Forms também, o Kahoot e o trabalho de pares sempre! Pronto, as ferramentas digitais e incentivo sempre a tutoria de pares. E para além disso temos alunos muito criativos tendo em conta a idade deles.”
--	--	---	---	--

	<p>-Utilização de temas de acordo com o interesse das crianças</p>	<p>-Disciplina de Cidadania com currículo flexível</p>	<p>1</p>	<p>E_P1:“Na cidadania, normalmente tem a ver com a dimensão do projeto do que com o currículo. Muitas vezes não se cumpre o que está no currículo, aquilo que nos é enviado, porque nós só temos ideias orientadoras. A cidadania é uma área nova que surgiu no currículo dos alunos e é tudo muito orientador do ministério da educação nada é assim imposto, portanto é muito aberto e temos essa liberdade de trabalhar os temas que eles mais gostam dentro daquilo que é proposto, é mesmo para nós darmos abertura aos alunos para trabalhar. Portanto quando não se cumpre é mesmo não cumprir porque os projetos que os alunos imaginam é que são projetos muito elaborados por vezes.”</p>
--	--	--	----------	---

		-É necessário arranjar espaço para temas do interesse das crianças	1	E_P2: Nós temos de arranjar espaço para esses temas até porque temos projetos em que estamos a participar, nomeadamente o projeto de Empreendedorismo nas Escolas e o projeto das equipas educativas, portanto à sempre espaço para implementar esses temas. Por vezes não conseguimos é acabar de dar o currículo porque é demasiado extenso, mas há sempre lugar para esses projetos.
	-Funcionamento da avaliação	-Projeto MAIA -Fichas -Trabalhos individuais -Trabalhos de grupo -Questões de aula -Questionários -Testes	2	E_P1:“Nós aqui na escola realmente temos o projeto MAIA (Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica) e estamos a iniciar agora um novo projeto na escola em que os alunos são ouvidos quanto à forma de serem avaliados. Ou seja, temos alguns elementos de avaliação que são obrigatórios, mas depois temos alguns elementos que são os alunos que escolhem, podem ser avaliados ou por trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo ou...mas isso depois depende da disciplina. Na cidadania é realmente trabalhos de projeto e é o que eles escolherem. Os critérios de avaliação de cidadania são muito abrangentes precisamente para permitir que se possa avaliar tudo o que eles queiram fazer e os de EMRC também são muito abrangentes. Por exemplo, fichas e/ou trabalhos e/ou trabalhos de grupo em contexto de aula e/ou questões de aula e/ou questionários, porquê? Porque deixamos em aberto por depende daquilo que os alunos escolhem.” E_P2:“Sim, até por causa do projeto Maia, porque questionamos-lhes quais os processos de avaliação pelos quais gostariam de ser avaliados tendo em conta a turma

				em questão. No início do ano são então selecionados os instrumentos de avaliação, mas também se ao longo do ano vimos que o processo de recolha não está adequado, alteramos. Mas eles participam, eles dizem que querem fazer, selecionam sempre 3 e podem sugerir um outro entre testes, avaliações orais, trabalho de pares, questões de aula, trabalho de projeto.”
	-Relação professor-alunos	-Boa relação -Abertura -Diálogo -Interajuda -Respeito mútuo -Tolerância -Segurança -Motivação -Respeito -Amizade	2	E_P1: “É mais fácil perguntar aos alunos porque da minha parte eu considero que sim, que é uma boa relação, que é de abertura, diálogo, interajuda, respeito mútuo que é fundamental, tolerância (...) Outra coisa é, se eles não sentirem segurança não vão estar motivados. Eu acho que por muito que eles achem “ah o professor é porreiro”, eles têm de sentir também que impor regras e limites, se eles não sentirem isso também não criam confiança e não querem saber. Portanto aquele professor não é um bom professor.” E_P2: “Diálogo, respeito, confiança, tolerância sempre! E amizade também. Claro que depois eu sou a professora e eles são os alunos não é mas é fundamental haver um bom

				relacionamento entre os professores e os alunos para que eles também consigam aprender e gostar de estar na escola”.
	-Espaços destinados à participação das crianças na escola (espaços, físicos, atividades/eventos, organização/gestão escolar)	-Semana DAC (Domínios da Autonomia Curricular) -Clubes -Associação de Estudantes -Empreendedorismo Júnior	2	E_P1: “Eles têm uma semana DAC (Domínios da Autonomia Curricular) eu acho que os alunos aí também têm uma participação porque eles elaboram projetos e têm a possibilidade também no empreendedorismo (5/6º ano) em que eles têm a oportunidade de dar a sua voz. E depois têm vários clubes, de resto não tenho conhecimento. A Associação de Estudantes é também um espaço de participação, mas acho que é mais que a partir do 7º ano só que nem está a funcionar em espaço físico porque está em obras paradas há muito tempo. De resto na gestão escolar não sei dizer-lhe muito bem.” E_P2: “Em relação às atividades ou eventos, tivemos a semana DAC, temos agora a mostra de Empreendedorismo Júnior, onde eles vão vender suculentas criadas por eles com frascos reciclados e decorados e o dinheiro vai reverter para uma instituição também à escola deles temos visitas de estudo, ações de solidariedade, visitas de campo, temos também os clubes (Para Saberes...), temos um que tem a ver com a literatura... mas eles não participam muito só no de Robótica e no Desporto Escolar que eles gostam.”
		-Qualquer espaço -Sala de aula -No exterior	1	E_PL: “Qualquer espaço pode ser destinado à participação das crianças, haja vontade não é! Mas, a sala de aula é um espaço privilegiado ainda que esta não tenha

		-Na biblioteca		de ser obrigatoriamente entre paredes não é... podemos também ter uma aula lá fora, de campo, já tivemos por exemplo uma aula no Parque do Estuval. Portanto qualquer espaço é bom para a participação dos alunos. Sala de aula, espaço exterior, Biblioteca...”
	-Divulgação das iniciativas dos alunos à comunidade educativa e não escolar	-Site do Agrupamento -Redes sociais	1	E_P1:“É assim normalmente faz-se notícia no site do agrupamento sim e nas redes sociais. Estou a falar por exemplo de agora quando foi a semana DAC fez-se notícia das atividades que fizeram. Na semana DAC eu não sei se são eles que escolhem as atividades ou se têm essa iniciativa porque é uma coisa que já existe na escola, penso que seja mais a equipa educativa que escolhe, aí não tenho a noção.”
		-Divulgação no Cineteatro Alba -Blog de escrita do Agrupamento	1	E_P1: “São. Olhe, o projeto da equipa educativa que no nosso caso é de embelezamento e preservação do espaço escolar foi divulgado à comunidade educativa, os alunos fizeram maquetes e tudo, com banquinhos, as árvores e vamos divulgar à comunidade também no Cineteatro Alba a pedido da Câmara Municipal, divulgámos também no

			<p>Blog de escrita aqui do Agrupamento que é o “Cais da Escrita”, na página do Agrupamento e no Facebook da Biblioteca Escolar. Portanto os projetos das Equipas Educativas que incluem sempre 3 ou 4 turmas, esses projetos são depois divulgados à comunidade e são projetos que pretendem melhorar a vida em comunidade. Por exemplo, o nosso tem a ver com a preservação dos espaços escolares, mas há outros que são relacionados com a forma como recebemos as pessoas que vêm de outros países (criar gabinetes para ser mais fácil acolher essas pessoas), portanto tem tudo a ver com a melhoria da qualidade de vida da nossa comunidade.”</p>
--	--	--	--

Apêndice M- Grelha de Análise de Conteúdo do Grupo de Discussão Focalizada

Categoria	Subcategoria		Transcrição
Conceito de participação	Agir	3	Criança 4: “Participar”. Criança 1: “É entrar em alguma coisa, num projeto”. Criança 4: “Estar em algum sítio/fazer parte de algo”.
	Cooperar	1	Criança 2: “É ajudar uma pessoa num trabalho”.
	Criatividade	1	Criança 3: “É dar ideias”.
Espaços de participação	Sala de Aula	1	Criança 4: “Numa sala”.
	Comunidade	1	Criança 3: “Num espaço exterior”.
	Espaços privados	1	Criança 4: “Em casa/Em casa dos outros”.
	Organizações	4	Criança 1: “Na escola”. Criança 1: “Em clubes e coisas de ajudar as outras pessoas”. Criança 2: “Em organizações”. Criança 3: “Participar em desportos”.
Escola como espaço de participação	Atividades	1	Criança 3: “Participar nas atividades”.
	Cooperação	2	Criança 4: “Fazer os trabalhos de grupo”. Criança 1: “Ajudar os outros quando têm alguma dúvida”.
	Estudar	2	Criança 2: Fazer os exercícios que o professor põe no quadro.

			Criança 1: “Fazer os trabalhos de casa”.
Papel (Participação) dos adultos na escola	Ensinar	2	Criança 2: “Ensinam”. Criança 4: “Dão-nos aulas”.
	Cuidar	1	Criança 4: “Cuidam de nós”.
	Educar	1	Criança 3: “Educam-nos”.
	Funcionários	3	Criança 1: “Os funcionários também participam!” Criança 4: “Limpam o lixo que nós fazemos”. Criança 1: “E os que cozinham e nos dão comida, também participam!”
	Proteger	1	Criança 2: “Protegem-nos”.
	Repreender	1	Criança 4: “Berram connosco. A nossa turma às vezes porta-se mal, mas não é a turma inteira! Só alguns”.
Papel (Participação) das crianças na escola	Cooperação	2	Criança 4: “Ajudamos-mos uns aos outros”. Criança 1: “Ajudamos os professores”.
	Aprender	1	Sofia 4: “Aprendemos.”
	Estudar	1	Criança 3: “Estudamos. Portamo-nos mal!”
	Portar mal	1	Criança 3: “Estudamos. Portamo-nos mal!”
	Brincar	2	Criança 3: “Brincamos e comemos”.

	Comer	1	Criança 3: “Brincamos e comemos”.
	Partilhar	1	Criança 4: “Partilhamos comida”.
Opiniões sobre a Escola	Aprender	1	Criança 2: “Aprender”.
	Conviver com amigos	1	Criança 3: “Conviver com os amigos”.
	Cooperação	1	Criança 2: “Ajudar-nos uns aos outros”.
	Praticar desporto	1	Criança 4: “Fazer desporto”.
	Estudar	1	Criança 1: “Estudar e participar nas aulas”.
	Participar	1	Criança 1: “Estudar e participar nas aulas”.
Gosto pela escola	Sim	4	Criança 1: “Sim”. Criança 4: “Sim”. Criança 2: “Sim”. Criança 3: “Eu também”.
	Dimensão da escola	1	Criança 4: “Às vezes é um pouco grande e eu perco-me. Mas isso foi no princípio agora já não!”
Melhores e piores realidades na escola	Estudar	2	Criança 4: “Estudar”. Criança 3: “Ya!”
	Avaliação	2	Criança 4: “...ter testes, ter apresentações orais”. Criança 3: Ya!
	Castigos	1	Criança 2: “Ficar de castigo. Mas eu nunca fiquei!!”

	Repreensão	3	<p>Criança 1: “Quando berram connosco”.</p> <p>Criança 4: “Quando nos expulsam na sala de aula! Na nossa turma acontece!”</p> <p>Criança 3: “Não é raro, mas também não é frequente”.</p>
Mudanças de opinião consoante o ano frequentado	Não	4	Todos: “Não” (nem sempre andaram nesta escola).
	Acho que sim	1	Criança 2: “Acho que sim”.
	Sim	1	Criança 4: “Sim”.
	Diferença entre escolas	4	<p>Criança 1: “Na outra escola brincava-se mais!”</p> <p>Criança 4: “E não tínhamos de nos preocupar com tantas coisas...”</p> <p>Criança 3: “Bem, se for para ter aulas... Temos muito mais testes...apresentações orais eu não tinha, só que se for para vir brincar eu prefiro esta!”</p> <p>Criança 2: “Depende, temos mais tempo livre nesta também”.</p>
Espaços de participação mais frequentados	Todo o recinto escolar	2	<p>Criança 4: “Nós brincamos pela escola toda”.</p> <p>Criança 3: “Ya. Porque nós jogamos às escondidas então andamos pela escola toda”.</p>
	Rampas	1	Criança 4: “Ya. Ou às vezes vamos para a rampa que é quase nunca porque expulsam-nos de lá. Vamos lá para trás da cantina...”

			Criança 4: “Mas quando nós às vezes estamos a brincar às escondidas vamos para as rampas elas (as funcionárias), expulsam-nos de lá porque não podemos ir para as rampas”.
	Campo de futebol	1	Simão 2: “Costumamos ir para o campo de futebol”.
	Pavilhão A	1	Criança 1: “Atrás do pavilhão A”. Criança 4: “Escondemo-nos lá!”
Opinião sobre as salas de aula	Positiva	3	Criança 4: “Eu gosto. Só no inverno às vezes são um pouco frias, mas não muito”. Criança 1: “Eu gosto das salas! Só que gosto mais das salas normais sem ser de EV por causa das mesas, são altas e mexem quando não é preciso”. Criança 2: “Eu também! Mas acho que gosto mais da de EV/ET porque é maior”.
	Preferência por outras salas	2	Criança 3: “Nós mudámos de sala do 5º para o 6º ano e eu preferia a do 5º”. Criança 4: “Ya, a do 6º é esquisita”. Criança 3: “Eu acho a outra sala, a do 5º ano, mais acolhedora”. Criança 4: “Ya. Esta parece que é muito aberta”.

Divulgação/partilha de atividades por parte da escola	Existência de partilha	4	Criança 1: “Sim”. Criança 4: “Sim”. Criança 2: “Acho que sim”. Criança 3: “Eu também”.
---	------------------------	---	---

Atividades que incentivam a participação	Semana DAC (Domínios de Autonomia Curricular)	4	<p>Criança 3: “Aqui há dias fizemos a semana DAC (Domínios de Autonomia Curricular) que eu não sei qual é o significado e em que nós andámos aí fora da escola, porque nós já fizemos duas vezes e na primeira nós fizemos uma avaliação sobre o que queríamos na seguinte e a maior parte das pessoas disse que queria atividades fora da escola. Então nós fomos fazer atividades fora da escola e for divertido”.</p> <p>Sofia 4: “Fomos até uma companhia de música que eu não sei como aquilo se chama, fizemos...”</p> <p>Criança 4: “Depois tínhamos de fazer um percurso, mas depois começou a chover”.</p> <p>Criança 4: “Tivemos a fazer um exercício que era escrever o percurso que nós fizemos em inglês”.</p> <p>Criança 1: “Eu faltei”.</p> <p>Criança 2: “Isso não era para nós, do 5º ano, nós era outra. Nós estávamos a trabalhar o tema dos azulejos então primeiro fomos ao cineteatro e teve lá uma senhora a falar de azulejos e depois fomos por Albergaria ver casas com azulejos. Eu gostei, tirando a parte quando começou a chover”.</p>
	Clubes (Comunicação,	4	<p>Criança 4: “Nós temos outras atividades e nós também recebemos um papel que era para dizer para nas quartas-feiras ou em outros dias tinha 2 horas de por exemplo Comunicação”.</p>

	Robótica e informática)		<p>Criança 1: “Atividades para nos inscrevermos se quiséssemos”.</p> <p>Criança 2: “Robótica!”</p> <p>Criança 4: “Ya tem robótica.”</p> <p>Criança 3: “Eu não sei mais nenhum, mas acho que alguns têm informática”.</p>
	Desporto Escolar	1	<p>Criança 2: “Temos também desporto escolar”.</p>
Frequência e participação nas atividades da escola	Ocupação noutra tipo de atividade	4	<p>Criança 3: “Hum... O nosso horário está um pouco cheio porque nós andamos na Jobra, no ensino articulado, então temos as tardes cheias”.</p> <p>Criança 4: “Ya”.</p> <p>Criança 2: “Eu ando num centro de estudos, então não participo”.</p>
Gosto pela participação nas aulas	Sim	4	<p>Criança 3: Participo mais porque depois na avaliação temos de dizer se participamos! Mas eu gosto de participar nas aulas.</p> <p>Criança 4: Eu gosto de participar nas perguntas que eu sei, nas que eu não sei não...</p> <p>Criança 2: Sim porque tiro melhor nota.</p> <p>Criança 1: É o mesmo</p>
Desenvolvimento de temas de interesse para os alunos	Depende da disciplina	3	<p>Criança 3: “Eu não vou seguir a área de ciências por isso eu acho que não devíamos ter ciências, porque eu não percebo nada de ciências. Vamos ter um teste hoje e é para desejar boa sorte porque vai correr muito mal”.</p>

			<p>Criança 4: “Em matemática mais ou menos, agora está a ser fácil as escalas. Em ciências não entendo nada daquilo, estamos a falar do coração não é interessante. Em HGP é interessante, mas... não entendo, porque fico a desenhar na aula. Porque a professora na maior parte das vezes desliga as luzes para vermos vídeos e dá vontade de dormir”.</p> <p>Criança 3: “Às vezes também desliga só por estar a explicar a matéria, ou quando vemos vídeos está sempre a parar e fala muito cada vez que pausa e é seca”.</p> <p>Criança 2: “Português não é nada interessante, porque é a língua que nós falamos. Por exemplo Cidadania eu gosto mais ou menos só. Estamos a fazer um projeto sobre saúde-alimentação saudável e estamos agora no desenvolvimento sustentável. Costumamos fazer assim projetos no computador”.</p>
	Tudo é interessante	1	Criança 1: “Eu normalmente acho tudo interessante”.
Participação por iniciativa própria e participação solicitada	Os dois	1	Criança 4: “Os dois!”
	Depende da disciplina	1	Criança 3: “Depende da disciplina, ciências só mesmo se a prof me obrigar, só talvez em inglês é que é por iniciativa”.
	Participação solicitada	1	Criança 4: “A nós só a professora de inglês é que pede, a de português faz lá uns percursos esquisitos e em ciências é quem levantar o dedo”.

	Iniciativa própria		Criança 1: “Eu meto mais o dedo no ar”.
Utilização de diferentes ferramentas para a aprendizagem	Só às vezes	1	Criança 1: “Só às vezes é que usamos coisas diferentes”.
	Utilização do computador	1	Criança 2: “Nós só usamos os computadores para cidadania”.
	Vídeos	1	Criança 4: “Nós ontem usámos o computador para umas olimpíadas, mas, de resto, apresentam vídeos...” Criança 2: “O professor de HGP é que raramente apresenta alguma coisa, só apresentou uma vez um vídeo acho eu. É só ele mesmo a falar e a explicar as coisas”.
	Power Points	1	Criança 3: “(...) Power points etc...”.
Opinião sobre o tempo despendido nas matérias preferidas	Sem tempo suficiente	4	Criança 4: “Não”. Criança 2: “É, às vezes quando me interessa, gostava de ter mais tempo!”. Criança 1: “Pois”. Criança 3: “Eu concordo com eles...”
Aprendizagem dos professores com os alunos	Os professores também aprendem com os alunos	4	Criança 2: “As vezes os professores também aprendem connosco!” Criança 4: “Eu concordo!” Criança 1: “No que tem mais a ver com coisas mais modernas, por exemplo nas tecnologias”. Criança 3: “Ya. Principalmente a prof de matemática pede ajuda às vezes”.

Formas de avaliação	<p>Testes</p> <p>Apresentações orais</p> <p>Fichas formativas</p> <p>Questões de aula</p> <p>Trabalhos de pesquisa</p> <p>Trabalhos de grupo</p>	4	<p>Criança 4: “Acho que todos fazemos testes, apresentações orais, fichas formativas, questão de aula, trabalhos de pesquisa, trabalhos”.</p> <p>Criança 2: “Sim, mas por exemplo, nós até agora só fizemos uma apresentação oral (em inglês) e testes”.</p> <p>Criança 2: “A mim também é isso”.</p>
Opinião sobre as formas de avaliação	Escolha dos alunos	2	<p>Criança 3: “Fomos nós que escolhemos uma das formas”.</p> <p>Criança 4: “Ya, a nós a professora disse que nós tínhamos que escolher e nós escolhemos as formas de nos avaliar, testes e apresentações orais”.</p>

	Sugestões	2	Criança 2: “Em vez de fazer testes em papel podia ser feito tipo um questionário no computador ou assim”.
	Depende das formas	1	Criança 1: “Eu gosto assim só que as apresentações orais são um bocado coisas, não gosto muito”.
	Temas de trabalhos de encontro aos interesses	3	Criança 4: “A nossa professora é um pouco maluca, ela mete lá temas buéda esquisitos”. Criança 3: “Ya, um dos trabalhos que fizemos foi sobre a verdadeira história do pai natal...” Criança 1: “Só a de que “o pai natal era verde” é que era fixe de apresentar”.
Solicitação de opinião sobre a avaliação	Sim	4	Todos: “Sim”. Criança 3: “Os professores costumam pedir para fazermos a nossa autoavaliação e depois os outros fazem-nos a heteroavaliação”. Criança 2: “É igual.”
Opinião sobre a avaliação dos professores	Deve-se avaliar	3	Criança 4: “Sim. Eu acho que devemos avaliar para eles saberem se precisam de mudar alguma coisa”. Criança 2: “Sim. Porque o aluno até pode ser bom aluno só que não percebe a maneira de como o professor explica”. Criança 3: “Eu também acho”.

	Não se deve avaliar	1	Criança 1: “Eu acho que não devemos avaliar porque eles já são avaliados por outros professores”.
Relação com os professores, diretores de turma, funcionárias direção	Boa	2	Criança 4: “Eu acho que é boa”. Criança 1: “Eu também acho”.
	Relação de confiança	1	Criança 3: “(...) Tenho confiança com eles”.
	Gosto pelos docentes e não docentes	2	Criança 2: “Eu gosto de todos, só quando eles ralham connosco é que não”. Criança 3: “Depende das funcionárias, mas com elas também temos algum à vontade”.
Abordagem com os docentes/ direção sobre o funcionamento da escola/aulas	Se surgir em conversa	1	Criança 2: “Hum não, só se surgir assim numa conversa”.
	Mudanças aplicadas	1	Criança 4: “Acho que quando falamos eles escutam e “mudam”. A nossa DT todas as opiniões ela aponta num caderno”.
Motivação através da partilha de ideias, envolvimento e colaboração	Na maior parte das vezes	1	Criança 4: “Na maior parte das vezes”.
	Sim	3	Criança 2: “Sim”. Criança 1: “Sim”. Laura 3: “Sim”.
Participação na organização e	Só nas atividades	1	Laura 3: “Costumamos participar nas atividades, mas outros projetos acho que não”.

planeamento de projetos/atividades	Projetos	3	Sofia 4: “Nós vamos, ou íamos fazer um projeto de Cidadania sobre estrangeiros em Portugal”. Laura 3: “Ya. E nós íamos fazer uma pesquisa e íamos pôr vários tipos de comidas de vários países diferentes nesse projeto”. Duarte 1: “E nós é que tivemos as ideias para isso”.
	Projetos dentro da organização	1	Laura 3: “Fora da escola acho que não tivemos assim mais nada”.
Projetos realizados com instituições fora da escola	Não	4	Todos: “Não”.